

REVISTA DA SEMANA

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



N.º 5

29-1-49



SUGESTÕES PARA O
CARNAVAL

ALMANAQUE

O ANO

★ **AERONÁUTICO**

★ **ESPORTIVO**

★ **CIENTÍFICO**

★ **CATÓLICO**

★ **ARTÍSTICO**

★ **FILATÉLICO**

★ **CINEMATOGRAFICO**

Eu Sei Tudo

O ENIGMA DOS DOIS HOMENS IGUAIS, um belo e misterioso romance.

Artigos sobre os mais variados assuntos, além de muitos contos ilustrados.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949

A VENDA EM TÔDA PARTE POR Cr\$ 15,00

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL

Redação: — RUA VISCONDE MARANGUAPE, 15 — RIO

Tragédia sobre rodas

E' comum ouvirmos de pessoas idosas esta censura: "No meu tempo, era outra a educação. Os jovens respeitavam os mais velhos, e os homens eram perfeitos cavalheiros, cheios de urbanidade para com as senhoras. Hoje..."

Com efeito, lavra por todo esse mundo a fora e, especialmente nas grandes cidades de nosso país, visível desmoronamento no edifício dos velhos austeros hábitos sociais da vida de relação. Nossa existência tornou-se tumultuária, vertiginosa, entre choques de interesses em permanente conflito. E' o "rush" de uma civilização que se baseia na ansiedade, na pressa, na preponderância do "mais lucro", cada qual procurando ultrapassar o vizinho, vencê-lo na escalada deste inatingível pau de sêbo que a vida atual simboliza.

Aquela antiga gentileza, "l'esprit de finesse" que os brasileiros iam beber em Paris, o gesto delicado e urbano de tratamentos recíprocos entre conhecidos e desconhecidos, a cada passo abrolhando no transitar das ruas, nas salas de espera dos cinemas nos vestibulos dos teatros, nas casas de chá, nos terraços dos cafés, nos bondes, nos trens, tudo desapareceu ou ainda se nota em pessoas de espírito modelado por mestres da velha escola dos estadistas sociais.

Deixando de lado os atropêlos da vida moderna, examinemos o que ocorre por dentro e por fora dos nossos ônibus.

Com o aumento da população do Rio, o progresso de muitos bairros, o fluxo e refluxo de grandes multidões da periferia para o centro e desta para aquela, surgiu uma tragédia pela deficiência de meios de transportes.

A guerra impôs a permissão de "paraquedistas" nos ônibus. A princípio, oito em pé, no máximo. Com a chegada de grandes ônibus, essa faculdade se eleva a 40 e 50...

A guerra terminou há quase cinco anos. Somente em 1948 entraram no tráfego urbano do Rio, mais de trezentos ônibus "gostões" novos e confortáveis. Mas o paraquedismo continua cada vez pior.

Isso constitui uma tragédia sobre rodas. Quando o passageiro entra num ônibus com trocador circulante, pode revestir-se de resignação, porque, quase sempre, vai se aborrecer.

A permanente hostilidade de muitos desses auxiliares das empresas de transportes contra os passageiros, está a desafiar os psicanalistas, ou um novo João do Rio. São jovens irritadiços, mal humorados, e, muitas vezes, se excedem, faltando com o indispensável respeito a senhoras dentro e fora dos ônibus.

Em nossa missão de jornalistas, já nos demos ao trabalho de observação em várias linhas da Tijuca ao Leblon. O mundo em que se agitam esses pequenos ditadores do trôco, parece que é privilegiado reino em que só eles têm direito a lapsos, pequenas distrações, a pisar os calos dos demais viventes. De ordinário, — há felizes exceções, — de ordinário, são jovens de 16 a 21 anos. Mal vestidos, bonés mal colocados à cabeça de forma arreliada como se estivessem numa trincheira; sisudos, cenho cerrado, mal falam, e quando o fazem é para cobrir de grosserias o passageiro que se esqueceu da ficha ou lhe apresentou uma nota de vinte cruzeiros para trocar.

De onde se origina essa exaltação sempre em estado latente na alma dos trocadores? Tão jovens! Uma função nitidamente urbana e que impõe educação social, ainda não pôde formar elementos capazes de corresponder a necessidades da vida atual criadas pelas contingências abrolhadas com as convulsões do progresso humano e os "deficits" da existência da sociedade civilizada.

Parece que o trocador se julga humilhado quando o passageiro o chama batendo a moeda no metal da poltrona. Aquêlê trim... trim... trim... transmite ao ânimo do trocador uma espécie de choque elétrico de natureza negativa. Só ao faltar, lá do seu canto, o passageiro impertinente, notamos-lhe a cara feia dos mal humorados. E' possível que tudo isso seja fruto de manusear dinheiro que lhe passa pelas mãos e não lhe pertence. Se cada trôco lhe deixasse uma percentagem, é evidente que êle mesmo provocaria o intercâmbio...

Os atritos, muitos deles resolvidos a pancada, são cotidianos entre trocadores e passageiros. Há os atrevidos, audaciosos que dirigem grosserias a senhoras; há os que assobiam a moças que descem; há os que respondem com estupidez a uma pergunta; há os que sujam propositadamente as calças dos "paraquedistas"; há os que se comportam inconvenientemente quando forçam a passagem entre senhoras agarradas às argolas no centro dos veículos. Há de tudo. Só mui raramente há aquela velha urbanidade, a antiga educação social e distinta de que falam os velhos que viveram num mundo diferente, sem "gostões", sem filas, sem ânsias, sem pressas...

Que fazer para consertar o interior dos nossos ônibus? Já que não se pode improvisar educação em pessoas adultas e semi-analfabetas, o melhor caminho seria êste: acabar com os "paraquedistas" e substituir o sistema de trocadores circulantes pelos sentados em seus postos à entrada dos ônibus. São sorridentes, lhanos, repousados. Não se alobam, não pisam os nossos calos, não têm oportunidade de discutir com passageiro nenhum. A proporção que o passageiro vai passando à sua frente para acomodar-se ou sair do veículo, compra o coupãozinho de papel azul e o deposita no coletor junto aos motoristas. Não há trim... trim... trim... irritantes, não há atropêlos, não se produz nenhum artito entre as altas partes contratantes...

No dia em que a Inspetoria de Trânsito obrigar as empresas de ônibus a sacrificar uma poltrona e ali instalar o trocador, ficará reduzida a zero, nesta cidade do corre-corre, a intolerável hostilidade de trocadores contra passageiros, nessa já crônica tragédia sobre rodas.

REVISTA DA SEMANA

SEÇÕES PERMANENTES

Tragédia sobre rodas (Ruy Saulo) ...	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	55

REPORTAGENS

Um polvo radiofônico de mil tentáculos (Nelson Vainer)	4
Provocará Berlim a 3ª guerra mundial? (John T. W. Smith)	13
Sabará e o Museu do Ouro (Milton Pedrosa)	28
Cachorro é gente? (Arthur Bartlett) ...	56

CINEMA

Cine-Revista (Frank Stein)	6/7
----------------------------------	-----

LITERATURA

Livros Novos (João Luso)	10
Vida Literária	57

CURIOSIDADES

Só para homens: o "old look" (Sam Boal)	58
---	----

CARICATURA

Bom humor	11
-----------------	----

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	19
------------------------------	----

CONTOS

Vingança comprada (J. E. Justo)	20
Aniversário de casamento (Robério Júlio)	42

SUPLEMENTO DA MULHER

Bastidores femininos	19
Aí, mocinha!	21
Bailes de Carnaval	22/23
Sugestões de Hollywood	24/26
Modelos para gente nova	34
Detalhes e novidades	36
Sugestões variadas	38
Inspiração do passado	39
Do Japão ao Hawaii	40
Escolha sua fantasia	44/45

NOVELA

Uma reportagem no Yangtsé (Ronald R. Smith)	46/47
---	-------

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	50
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) ...	48
---------------------------------------	----

MÚSICA

Uma nova orquestra sinfônica	51
------------------------------------	----

ARTES PLÁSTICAS

Arte moderna (Angelus Ravel)	49
------------------------------------	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------



NOSSA CAPA

Ilustra a nossa capa de hoje uma pôse interessante de Jane Wyman, uma das mais talentosas "estrêlas" de Hollywood. O modelo apresentado por Miss Wyman é uma ótima sugestão para o próximo Carnaval.



Ultimando a maquiagem dum dos principais atores duma transmissão de televisão da BBC para o mundo inteiro

UM POLVO RADIOFÔNICO DE MIL TENTÁCULOS

SABEM onde se trabalha de fato por amor à arte? — Na BBC, de Londres. E não são poucos os que têm a ventura de viver condignamente, dedicando-se à profissão que lhes apraz e ganhando o suficiente para não ter outras preocupações senão a de progredirem sempre na carreira que abraçaram.

Escritores, poetas, jornalistas, oradores, artistas, músicos, engenheiros, técnicos especializados etc., empregam-se na grande emissora londrina, porque só ali podem dedicar-se à arte para a qual realmente nasceram. Assim, mais de onze mil pessoas de todas as idades, de todas as classes sociais e de todos os países do globo, concorreram, cada qual com as

11.000 PESSOAS TRABALHAM POR AMOR À ARTE NA B.B.C. DE LONDRES ★ A CONQUISTA DO ESPAÇO PELA FAMOSA EMISSORA LONDRINA ★ TRANSMISSÕES DE TELEVISÃO DAS ENTRANHAS DA TERRA E A MILHARES DE MILHAS DE DISTÂNCIA ★ ACOMPANHANDO AS ATIVIDADES DIÁRIAS DO LABORIOSO POVO INGLÊS ★ OS QUE ARRISCAM A VIDA PARA GANHÁ-LA

De NELSON VAINER
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

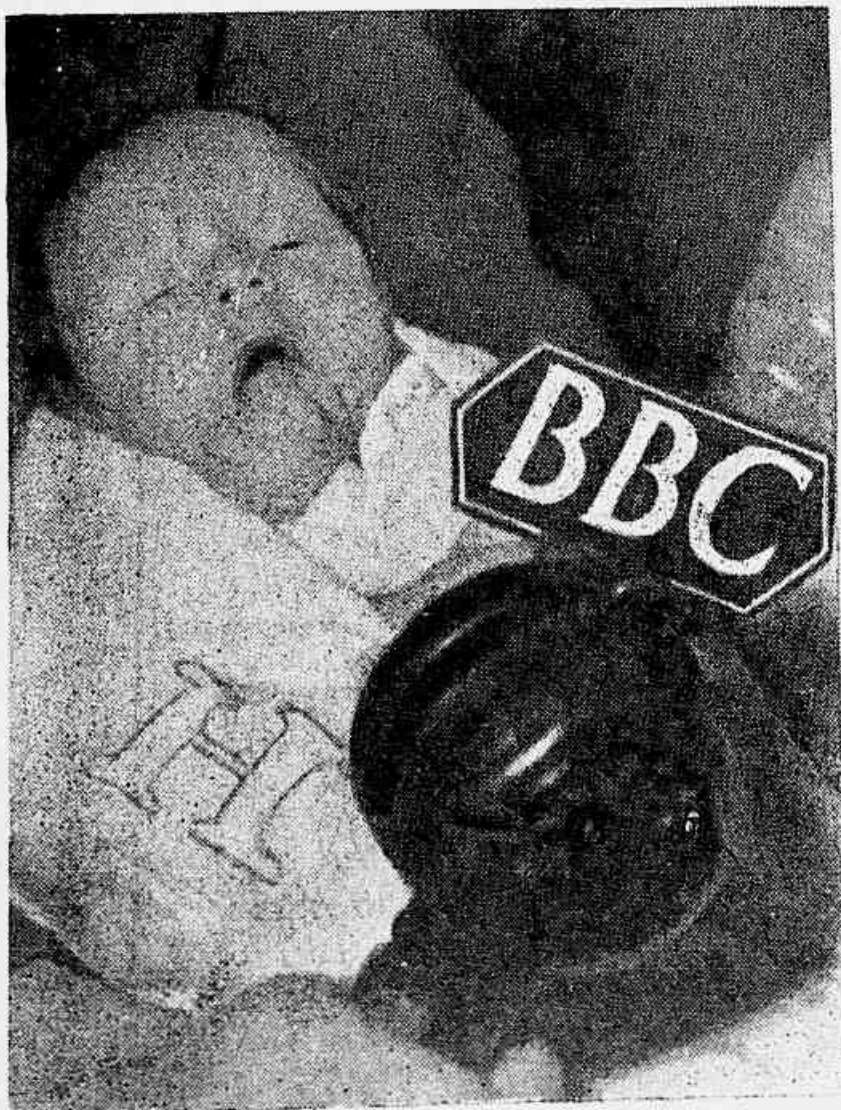
suas possibilidades, para o perfeito funcionamento da maior rádio-emissora do mundo.

QUAL O BADALAR DE UM SINO

A BBC pode ser comparada a um bada-

lar de um sino, pois, como tal, penetra não só em todos os lares, mas também em todos os cantos, dominando o espaço e mesmo as entranhas da terra, conforme se vê nas fotos que ilustram esta reportagem.

Para servir o povo inglês, e mesmo os povos do mundo inteiro, a BBC não conhece barreiras. Os seus homens acompanham as atividades do laborioso povo inglês na sua labuta diária onde quer que seja; nos campos verdejantes, nas florestas, nas estradas, nas pescarias, nas caçadas, nas minas de carvão, isto é, em pleno coração da terra, nas usinas, fábricas, oficinas, enfim — em toda a parte onde se trabalha para o bem da coleti-



Da esquerda para a direita — Uma visita aos hospitais da Inglaterra resultou numa ampla transmissão da BBC, sobre o estado e tratamentos das casas de saúde. Das entranhas da terra, três mineiros falam para o mundo, através do microfone da BBC. Este velhinho completou recentemente cem primaveras. Velho artista e homem da rádio, a BBC o entrevistou no dia do seu aniversário. "Foi o melhor presente que até hoje recebi", declarou o aniversariante ao representante da grande emissora londrina



A BBC ouve os lavradores, no próprio campo, ora nos trigais, ora nos milheirais, para informar o povo das cidades sobre os resultados das colheitas e outros assuntos agrícolas

vidade. Assim sendo, os ingleses estão sempre a par de tudo que acontece em seu país e, ultimamente, com a exploração da televisão, eles não ouvem apenas as irradiações, como acontecia antes, mas também vêem todo o desenvolvimento dos grandes empreendimentos ingleses no pós-guerra.

O POLVO DE MIL TENTACULOS

Polvo de mil tentáculos, a BBC, que não vive de propaganda comercial, consegue no entanto, sustentar os seus milhares de empregados no mundo inteiro, prestigiando os verdadeiros talentos e mantendo em permanente contato a Grã-Bretanha com o resto do mundo. E com que eficiência ela vem realizando essa imensa tarefa que tomou a si! Se durante os vinte e seis anos da sua laboriosa existência uniu o mundo graças às suas irradiações, hoje, com a televisão, dá a possibilidade a todos os povos da terra para contemplarem as maravilhas do mundo em que vivemos.

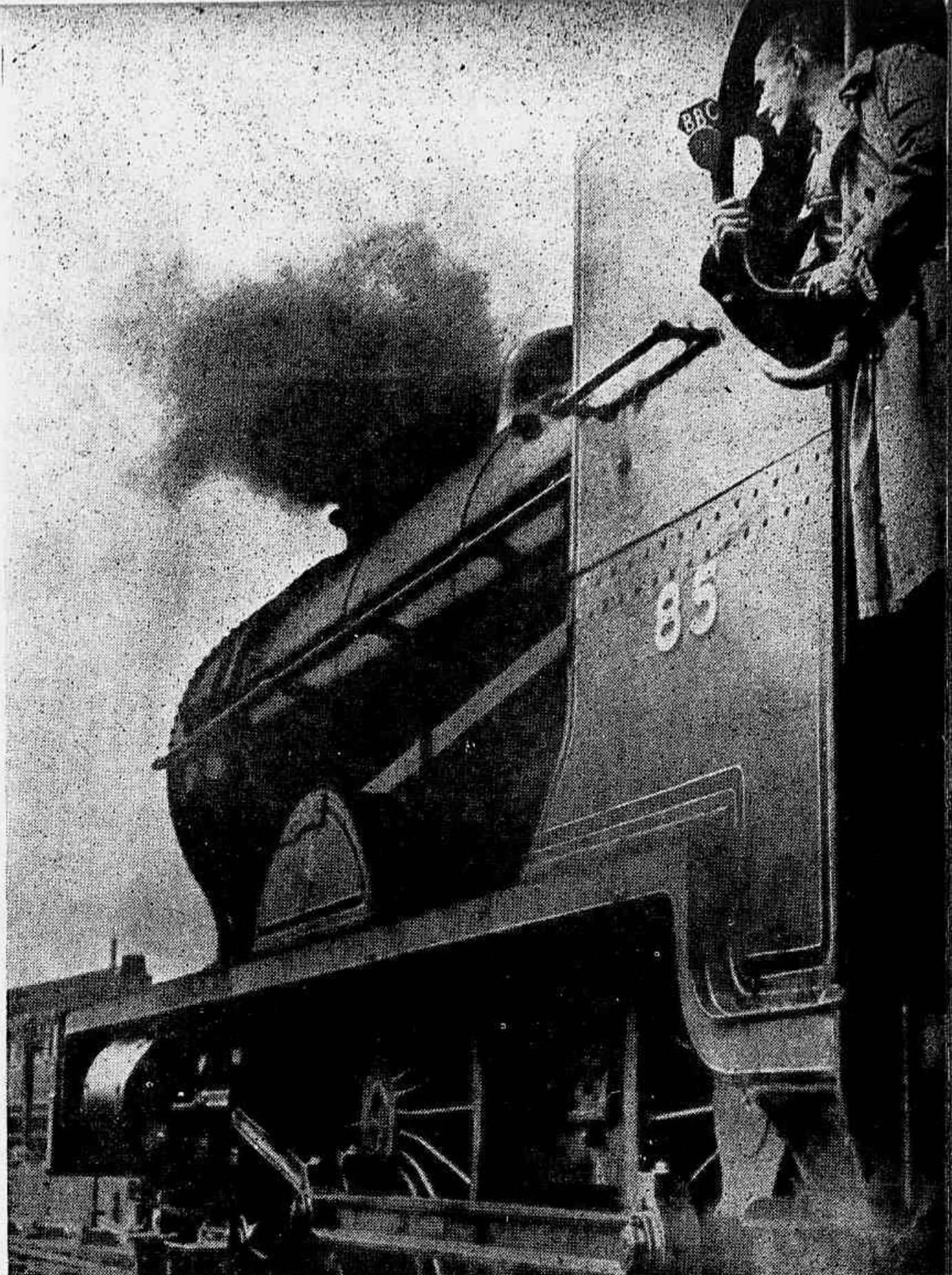
Ainda há pouco, uma transmissão de televisão da BBC de Londres foi captada na África do Sul, a seis mil milhas de distância. O aparelho receptor fora enviado, da capital britânica para a África do

Sul, pelo Departamento de Engenharia da estação de Londres, empenhado na experiência, que foi coroada do mais completo êxito. Numa das fotos que ilustram esta reportagem, vemos como se realizava essa difícil tentativa.

Outro grande acontecimento foi a transmissão de televisão feita do coração da terra. Foi na véspera de Natal. Perfeitamente aparelhados, os representantes da grande emissora londrina desceram ao fundo de várias minas de carvão, no ducado de Kent, entrevistando os mineiros. A cena e as entrevistas foram transmitidas para o mundo inteiro.

Os funcionários da BBC trabalham com prazer, mesmo os que não raras vezes arriscam a vida para ganhá-la. Os repórteres destemidos da grande emissora britânica não pensam nas consequências quando estão a serviço da sua empresa, porque sabem que esse serviço não presta apenas a ela, mas também ao povo inglês e, ainda, ao mundo inteiro. E só o fato de trabalharem para uma empresa que não se comercializa, que faz tudo em prol da verdadeira arte e do bem-estar da humanidade, vale por todos os sacrifícios que a eles se sujeitam os milhares de empregados do maior polvo radiofônico de todos os tempos.

Nas docas de Londres, um das centenas de peixeiros que ali trabalham, é entrevistado pela BBC, contando como é árdua a sua tarefa, que consiste em alimentar a população londrina



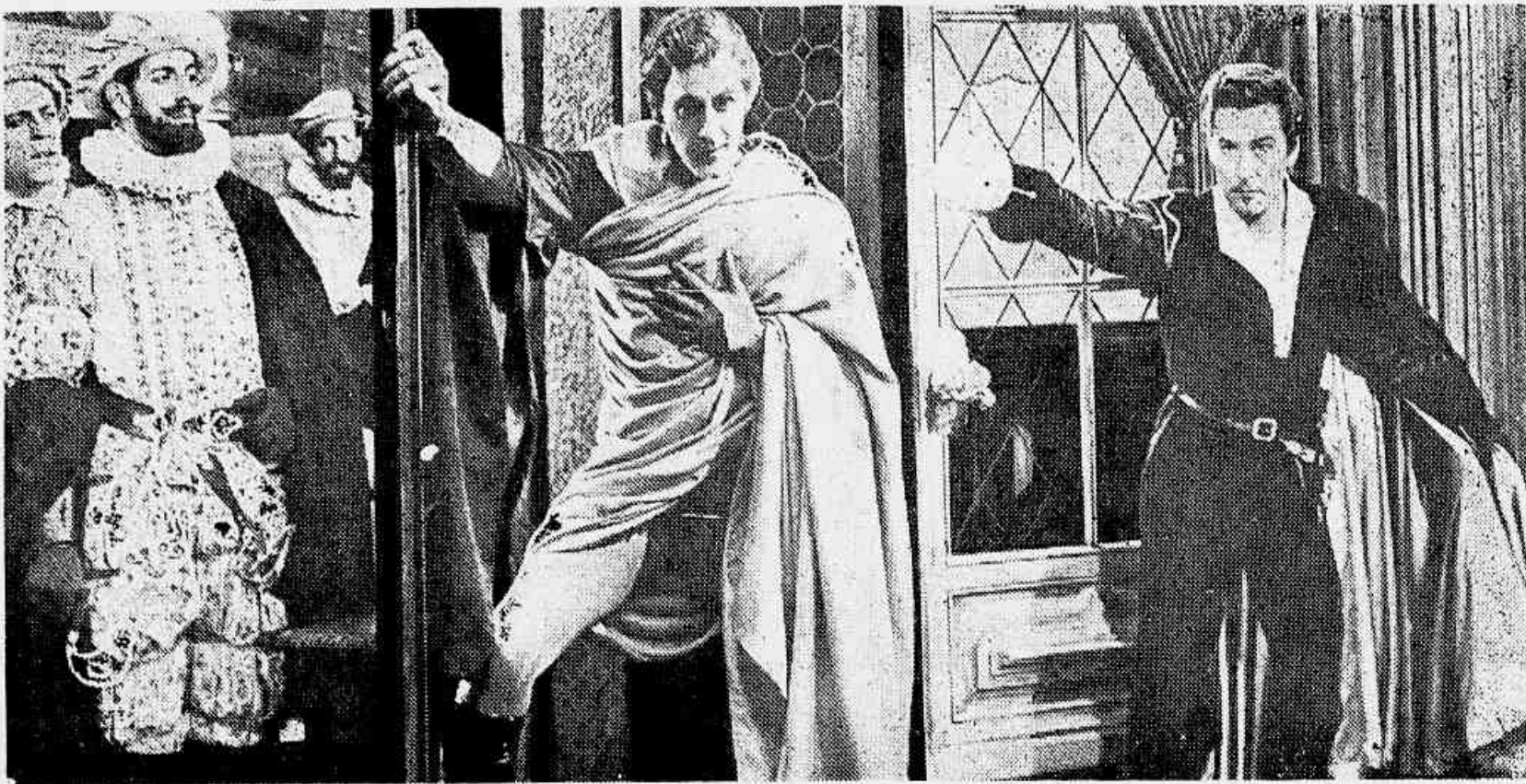
Em cima — O que há na imensa rede de estradas de ferro britânicas? Tudo vai bem? E' o que o povo inglês deve saber e o sabe, pois a BBC ali está, para ver, ouvir e transmitir tudo detalhadamente. Em baixo — A sede da BBC vista do terraço dum hotel. O imenso edifício está todo embandeirado, vendo-se à direita, em primeiro plano, a, bandeira do Brasil



REVISTA

Por FRANK STEIN

NOSSA OPINIÃO



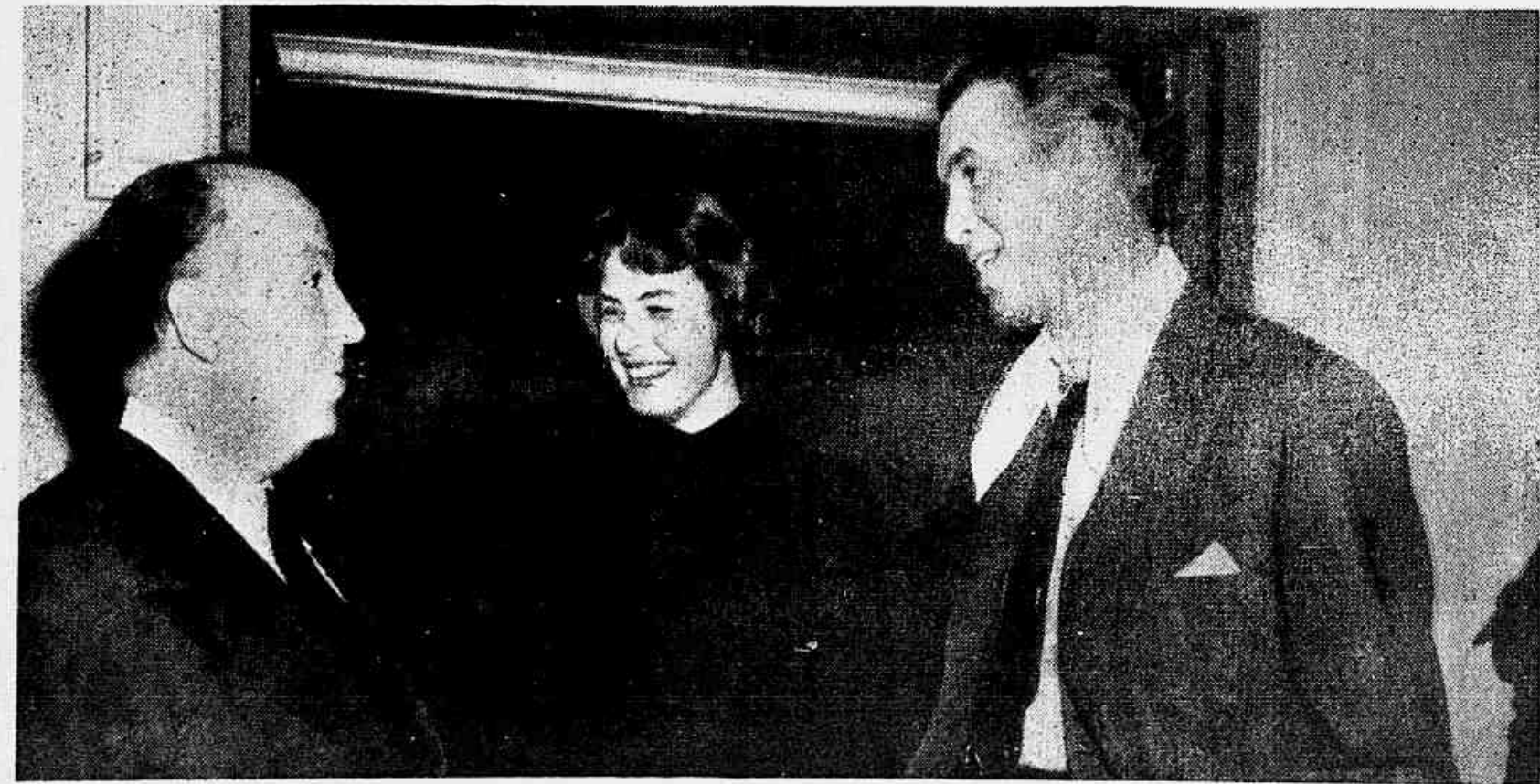
Os três intérpretes das três edições cinematográficas de "As Aventuras de Don Juan": Fortunio Bonanova (cinema mudo); John Barrymore (primeiro filme inteiramente falado) e Errol Flynn — que terá como "co-star" Viveca Lindfors no papel de "Rainha da Espanha" (Foto Warner)



Greer Garson, que se tornou uma das maiores atrizes da tela, pelos seus desempenhos em dramas, transforma-se, em menos de cinco minutos, numa delicosa comedianta. Aqui a surpreendemos quando sofria os últimos toques de maquiagem, para uma cena de "As Travessuras de Júlia", onde aparecerá de "maillot". (Foto Metro)



Depois de casar-se diversas vezes, Bette Davis tem agora o seu primeiro filho. No flagrante acima, vêmo-la ao lado de seu atual marido, quando batizavam o seu primogênito na Igreja Católica de Beverly-Hills. Bette já espera outro bebê — donde se conclui que seu marido é mesmo "amigo da Cegonha"... (Foto Warner)



Alfred Hitchcock, que terminou recentemente o seu trabalho de direção em "Festim Diabólico" ("Rope"), com James Stewart, incluiu outro technicolor — "Under Capricorn" — com Ingrid Bergman. Esta é a segunda vez que Ingrid é fotografada em cores, sendo a primeira em "Joana D'Arc". (Foto Warner)

"VINGANÇA PÉRFIDA"

(A woman's vengeance)

Desejando retribuir os desaforos dos críticos cinematográficos a respeito de suas últimas produções, a Universal-International resolveu fazer uma vingança pérfida. E fez. Filmou uma história que, apesar da assinatura de Aldous Huxley, não convence em hipótese alguma. Isso porque não foi o próprio Huxley quem fez o cenário e muito menos dirigiu o filme. Nem sabemos se a sua capacidade chegaria a tanto. Mas verdade é que suas obras não têm sido felizes no cinema, ao contrário de Somerset Maugham, de cuja pena têm saído boas obras cinematográficas. Isso não quer dizer que Aldous Huxley deixe de ter o seu valêr literário, pois seus livros são dignos de qualquer biblioteca — mas o que seria de seu "Contraponto" na tela? Talvez o grande erro de "Vingança Pérfida" esteja em sua adaptação, não penetrando profundamente no intimo de seus personagens, como de certo o deve ter feito Huxley. Zoltan Korda, produtor e diretor do filme só acertou como produtor, escolhendo Charles Boyer, Jessica Tandy, Ann Blyth e sir Cedric Hardwicke para compor o elenco; como diretor, nada nos apresentou fora do comum, mantendo-se numa narrativa trivial e estandardizada. O excesso de diálogos, muito habituais nas obras de Huxley, deram à fita um caráter teatral, talvez inevitável para o cenarista. Talvez. O resultado é que vimos um argumento assinado por Huxley, mas tão inferior, a muitos outros que nos contam a história da morte de uma senhora doente e seu marido é incriminado, inocentemente, pois as provas são irrefutáveis e os fatos o apontam como o verdadeiro culpado. Filme policial? Não, não é bem isso. Psicológico? Também não se define. Suspense, mistério? Nada. O diretor talvez tenha desejado criar uma atmosfera de mistério em torno do crime, mas a galeria de suspeitos está falsa e convencional. Além do mais, o título original indica que é uma vingança de mulher. O irmão da vítima, que lhe extorquia dinheiro, desejava vingar-se de seu cunhado. Mas como não lhe pagaram o salário exigido, resolveu retirar-se dos estúdios logo no princípio da película e não deu mais as caras. Charles Boyer, o marido, não comprometeria o seu prestígio cometendo um uxoricídio. Ann Blyth, o "biscate" de Boyer, vive uma menina de 18 anos, ingênua, mal iniciada na vida loucamente apaixonada, sem astúcia bastante, ao menos no filme, senão para uma tentativa frustrada de suicídio. Quanto a Jessica Tandy, platonicamente apaixonada, por ter mais talento que os demais, aceitou o papel de homicida, vivendo-o perfeitamente. Mas como passou a sofrer de insônia, logo após o assassinato e a condenação de réu, deixou transparecer ao médico da vítima a sua provável culpabilidade do delito. Sir Cedric Hardwicke, o médico, que ouviu os cochichos do diretor com o cenarista, positivou as suas desconfianças e obrigou-a a uma confissão, uma hora antes da execução do réu — e dois minutos antes de terminar a película. Imediatamente, faz uma ligação para a Penitenciária e pede para falar com o prefeito da cidade. E o filme, embora de forma original, termina bruscamente, deixando surpresos os espectadores que ainda aguardavam o clássico beijo do final. Muitos resolveram a ligação, um tanto demorada. E nem sequer pensaram na hipótese de que o prefeito poderia estar providenciando a compra de algumas girafas...

"Lar... MEU TORMENTO"

(Mr. Blanding Builds His Dream House)

Mais uma vez H. C. Potter reuniu Cary Grant e Myrna Loy para dirigi-los em outra comédia. O argumento não é original como não é original também a direção de mr. Potter. Contudo, o sabor do cenário, muito bem fotografado pelo mestre James Wong Howe (apesar da deficiência do projetor do Ritz) nos proporciona alguns momentos deliciosos sobre o "drama" daquela família em busca de um lar. Tudo encarado pelo lado cômico, inclusive o auxílio de Melvyn Douglas, advogado da família, em solucionar, da melhor forma possível, o atualíssimo problema da moradia, não só em New York como e principalmente, no Rio de Janeiro. Cary Grant, impecável como sempre, talvez seja o sustentáculo do filme, pela sua naturalidade e pelo seu espírito personalíssimo, que o tornam a figura impar para tais gêneros de comédia. Myrna Loy comparece, simplesmente, o mesmo acontecendo a Melvyn Douglas. Se o filme se torna monótono e arrastado por muitas vezes, pela ausência de direção, nem por isso deixa de nos agradar, pois, de quando em quando, Potter sente-se inspirado e encaixa um ou outro momento feliz. A narrativa é pobre, comum, sem maiores consequências, mas o conteúdo e a interpretação de mr. Grant fazem do filme um agradável passatempo para os menos exigentes. O espectador encontrará muita coisa de sua vida cotidiana refletida na tela, e sorrirá interiormente. Especialmente indicado aos fãs de Cary Grant e de comédias leves. (R.K.O.)

jimmy curtis

O NOVO ÍDOLO

DE quando em quando, surge em Hollywood um novo "astro" que conquista, imediatamente, a maioria do público feminino. E isso porque as mulheres logo os denominam de "uns amôres"! John Payne, Tony Martin, Cornel Wilde, Van Johnson e alguns mais, pouco ou nenhum talento possuem para firmarem o seu prestígio, mas rapidamente conquistaram uma legião enorme de fãs. Alan Ladd e Burt Lancaster tiveram sorte em encontrar um bom papel e um bom diretor em seus primeiros filmes, alcançando um lugar destacado na constelação cinematográfica. Tyrone Power e Robert Taylor também iniciaram como "rapazinhos bonitos", mas, lentamente, vão impondo aos estúdios a sua condição de atores. Porque, verdade seja dita, não faltam bons atores em Hollywood, pois a sua máquina de fabricar talentos é tão ampla que pouco lhes interessa se um "astro" tem ou não capacidade interpretativa. Já está provado que os artistas não passam de meros bonecos nas mãos hábeis dos diretores. O que lhes interessa, portanto, são tipos novos, caras diferentes, que possam fazer a renda de seus filmes, ainda que estes não tenham conteúdo. Desde que entusiasmem a imaginação sonhadora das jovens adolescentes, isso é o bastante. Por isso mesmos, os "talent-scouts", obedecendo às ordens superiores dos seus estúdios, estão sempre à procura de um novo tipo de galã que possa ser lançado aos olhos do mundo. Sua recompensa é tentadora: glória e fortuna. A Universal-International teve sorte em descobrir Jimmy Curtis, um rapagão novo e cheio de vida, disposto a vencer em toda a linha nos estúdios californianos. Imediatamente firmou-se um contrato e Jimmy pôs-se a trabalhar, tendo já terminados dois filmes: "Felonía" (Cris Cross) e "The Amboy Dukes" (sem título em português). "Felonía" é um filme altamente dramático, dirigido por Robert Palmer, dando assim ao novo "astro" grandes possibilidades de completo êxito. Jimmy Curtis conquistou todo o pessoal do estúdio, "astros" e diretores, e a simpatia que lhe dispensam os produtores bem vale como um atestado do seu valor, pois, indiscutivelmente, ele será a "sensação de 1949" e tornará incandescente os corações femininos. E, além da probabilidade de revelar-se um bom ator, Jimmy pode estar certo de incluir-se, logo após sua primeira aparição na tela, no rol dos "campeões de bilheteria". E desde já, publicando suas primeiras fotos, os Cornel Wilde, os John Payne, os Van Johnson e os Tony Martin estarão correndo o risco de perder muitas de suas fãs. Eva com a palavra...



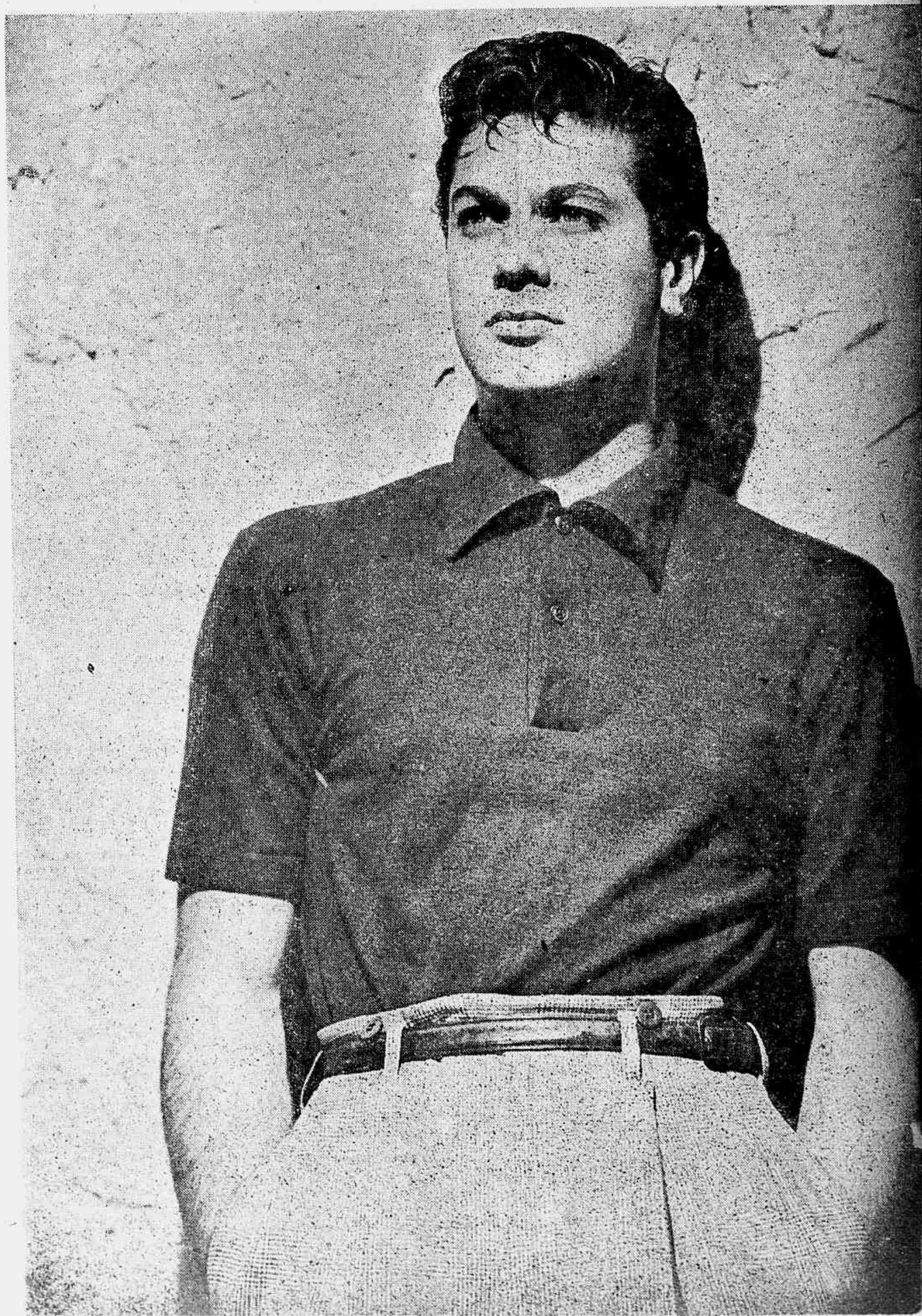
Ao lado de Helena Carter, nos estúdios da Univ. Intern.



Visitando Claudette, no "set" de "Lua de Mel em Família"



Um bate papo com Fred Mac Murray





O novo secretário de Estado, Dean Acheson, que substituiu o general Marshall, tomou posse na mesma solenidade em que Truman assumiu por mais quatro anos o governo dos Estados Unidos.

Esse político norte-americano, logo que foi o seu nome indicado para o lugar de Marshall, que se exonerara por motivo de saúde, recebeu forte corrente contrária, sendo mesmo acusado de manter confabulações com a Rússia.

A suspeição levantada contra Acheson era grave, e toda a América do Norte se interessou pelo desfêcho do impasse. Houve uma reunião secreta entre os maiores da política e da administração da grande república, na qual Dean Acheson fez suas declarações a respeito do assunto de que o acusavam, negando completamente qualquer laivo de verdade acerca da campanha contra ele.

De tudo deixou uma declaração escrita, pela qual se prova que ele segue a mesma política internacional em relação à URSS, sendo suas idéias as mesmas do seu antecessor e as do presidente eleito.

Mas não bastava. Sua candidatura foi levada à aprovação do Senado do país, sendo então aprovada definitivamente a escolha de seu nome, por 83 votos contra 6. Os poucos votos contrários foram de alguns republi-



canos, inclusive o senador de Nebraska, líder da minoria.

O senador Vandenberg, também republicano, foi, entretanto, o maior paladino da aprovação, manifestando-se amplamente em favor de Acheson, do qual disse que "sempre foi um homem de confiança, ativo e dotado de amplo espírito de cooperação".

Todo o mundo ocidental se interessou pelo nome do substituto de Marshall, uma vez que é necessário que continue a política de auxílio à Europa e com a "guerra fria" contra a Rússia.

Dean Acheson assume o cargo de secretário do Departamento de Estado da América do Norte num momento dos mais críticos do mundo, e de sua atuação como pessoa da mais íntima confiança do presidente da República depende a firmeza da política internacional dos Estados Unidos.

O Partido Republicano, evidentemente, não aprovou integralmente essa escolha, embora muitos dos seus membros votassem a favor, depois dos percalços que se antolharam quando o seu nome veio a público para substituir Marshall.

Os povos da América do Sul também se interessaram pelo bom êxito de um nome que reunisse as harmonias gerais no difícil cargo do Governo dos Estados Unidos, uma vez que, pelas suas funções, toda a América está unida aos destinos dos americanos do norte.

a SEMANA EM REVISTA

QUEM VIVE MAIS?

Reuniram-se vários cientistas norte-americanos especializados em gerontologia, e deram parecer sobre a duração da vida humana entre os dois sexos. Antes de tudo, é preciso que se diga aos leitores menos providos de dicionários que essa tal de gerontologia é a ciência que se aplica ao tratamento da velhice. Foi através das observações desse tratamento entre velhos de ambos os sexos que os especialistas concluíram que as mulheres vivem mais do que os homens. Levados por essa justa curiosidade, também fizeram os cientistas experiências entre animais de escalas zoológicas inferiores, confirmando-se plenamente uma lei natural: as fêmeas vivem mais do que os machos. Assim, a mosca fêmea vive 33 dias, ou seja, um saldo de 2 dias, em média, sobre a do seu legítimo espóso; madame besouro vive nada menos de 111 dias, contra 60 do cidadão besouro. Os sábios já fizeram estudos desses em 70 espécies de mamíferos, pássaros, peixes, insetos e répteis. A regra não falha: o feminino vive mais do que o masculino. Estão eles agora em busca das razões desse privilégio. Se descobrirem, são capazes de contrariar leis naturais para conseguir um equilíbrio menos odioso. Contudo, não vemos nenhuma razão para desgostos por parte dos homens. A vida não se mede cronologicamente. Não vive mais aquele que acumula maior número de dias, meses e anos, e sim aquele que sabe aproveitar mais as alegrias de viver. E, justiça seja feita, nesse particular o homem vive muito mais. Não sabemos se entre moscas, peixes e insetos é assim; mas entre a humanidade é evidente. O homem aproveita mais, embora, às vezes, se arrependa de viver tanto.



UMA GRANDE MULHER

O leitor já ouviu falar em Flora Drummond? Se já ouviu ou não, vai ler este pedacinho. Trata-se de um dos maiores nomes do mundo feminino deste século. Nascida aí pelo ano de 1879 na Inglaterra, essa extraordinária mulher deu o que fazer às autoridades e ao governo de Sua Majestade Britânica. Desde sua mocidade achou miss Flora que a mulher também tinha direito de votar e de ser votada. Encabeçou então a campanha do sufrágio defendendo o voto feminino, passando ela e suas adeptas a serem conhecidas pelo nome de **sufragistas**. Lançava mão de todos os recursos de divulgação. Comícios, passeatas, propaganda na imprensa, conferências públicas, entrevistas, caravanas pelo interior, etc. De quando em quando havia conflitos e ela ia parar no xadrez. Durante a primeira guerra mundial, essa mulher deu o que fazer às autoridades londrinas; mas um dos episódios mais curiosos dessa campanha foi aquele em que Flora Drummond resolveu protestar e desmentir o primeiro ministro inglês de então, que afirmava serem as sufragistas um bando de agitadoras. Ela se enfureceu e decidiu dar uma resposta sensacional ao "premier" de S. M. Imperial. Para isso convidou duas das mais representativas sufragistas londrinas, senhoras de elevada categoria moral e social, e levou-as aos Correios para... registrá-las com o endereço do primeiro ministro! Quando acabou de embulhar a encomenda e levou-a ao "guichet", houve o estouro do pessoal do Correio! Pois essa lutadora acaba de morrer com 70 janeiros. Fez 5 greves da fome nas nove prisões que sofreu. São Pedro está avisado...



CRUELDADE PLUVIAL

Notícias do Nordeste nos dão contas de que o inverno neste ano ali está-se tornando tardio. Dizem os nordestinos que "chuva de janeiro tarda, mas não falta". Infelizmente está faltando, e isso causa apreensões aos lavradores e pecuaristas. As quedas pluviais, anualmente se apresentam irregulares. O bom sintoma sempre foi aquele que anunciava inverno no Piauí. Chovendo no Piauí, fatalmente todo o Nordeste é lavado de chuvas abundantes. Entretanto, ultimamente, mesmo que chova no Piauí, o inverno não corresponde mais à tradição desse axioma. Há quedas d'água, mas muito irregulares, trazendo apreensões e prejuízos generalizados. Como sabemos, a maior calamidade do Nordeste é a falta de chuva. Uma seca é qualquer coisa de dantesco, de trágico, de horrível. Às vezes, com muito inverno também se registram tragédias. Rios transbordantes, águas arrombadas, plantações de vassantes destruídas, prejuízos totais em todos os sentidos; mas de todas as calamidades ainda é a seca prolongada a mais temível. Num telegrama que a imprensa do Rio divulgou, vinha notícia animadora quanto ao começo do inverno no Ceará. Em certa zona do interior daquele Estado, os temporais estavam sendo repetidos, todas as tardes e entrando pela noite a dentro. O povo da região já estava até a habituar-se com essas manifestações meteorológicas, quando se repetiu o fenômeno, caindo cerrada chuva de pedras. Os habitantes procuraram abrigar-se; mas houve uma vítima — um jumento, que ficou todo esfolado. Eis aí uma crueldade dos tempos. O jumento é um animal quase sagrado, pois foi no seu lombo que a Sagrada Família se transportou na fuga para o Egito. Mas aquela chuva era amiga da onça e debochou da burrice do jumento...



QUE HORAS SÃO?

Faz poucos dias veio de Moscou uma notícia curiosa pelo seu ineditismo. A Rádio da capital soviética fazia um comentário acerca da hora exata segundo os cálculos astronômicos e os fusos horários de cada povo. Tudo matematicamente calculado. Conforme o comentarista, os povos do mundo ocidental não sabem que horas são. Dizem de Moscou que os sinais horários dali são dados com uma exatidão de 0.006 de segundos, ou sejam 6 milésimos. Enquanto isso, na Inglaterra a diferença para mais é de 9 milésimos; a de Washington é igual à inglesa, e a da França vai a 17 milésimos de segundo. Francamente, não vemos nenhuma importância nessa diferença de 3 ou 11 milésimos de segundo em relógios oficiais. O lapso de tempo é tão pequeno que nem parece existir. Imagine-se um segundo, que já é uma coisinha de nada, dividido em mil partes, tomando-se destas 6, 9 ou 17. E' de tal maneira imperceptível essa diferenciação de tempo que só mesmo cronômetros de elevada precisão matemática poderão registrar. O caso teria importância se influísse na partida dos trens, dos aviões, no pagamento do funcionalismo público, no horário do comércio, das fábricas, das comidinhas. Até então a coisa era séria; mas, que entre os relógios da Inglaterra e da Rússia haja 3 milésimos de diferença, isso não chega a impressionar o sr. Einstein. Se os cronometristas de Londres, Paris, Washington, etc. quiserem ver mesmo diferenças sensacionais entre relógios de uma mesma cidade, venham ao Rio. Instalem telefones na Central e falem para a Glória, avenida Rio Branco, etc. sabendo da hora. Há, às vezes, diferença de um dia, entre aquele Oriente e os outros Ocidentes cariocas!



O SEGUNDO DO MUNDO

A natureza tem caprichos indecifráveis. Um deles é esse fenômeno de urubu nascer branquinho como espuma de sabão. As penugens, dia a dia, vão tomando as formas definitivas até que o bicho voa todo de preto como se fosse assistir ao seu próprio funeral. Mas isso é o comum, e não há quem se admire de encontrar nesses ocos de pau ou cavernas de serras alcantiladas, filhotes de urubus cobertos de arminho. O que desperta a curiosidade do homem, e especialmente dos cientistas, é o ineditismo ou a raridade. Menino que nasce com duas cabeças, os casos de xifopagia, carneiros com cabeça de porco, peixes com cauda de cobra e outras monstruosidades mais. Entretanto, não veio dos Estados Unidos o mais raro achado em matéria de nascimento. Acaba de ser encontrado em pleno Sudão, na África, completamente abandonado e sem que se saiba quem são seus genitores, um lindo bebê de porte e epiderme sensacionais. Do sul do Sudão foi ele de avião para a cidade de Kartum, sendo confiado a mãos carinhosas que lhe dão, diariamente boas e metódicas rações de leite. O bebê está pesando 75 quilos (isto mesmo, leitor, setenta e cinco quilos) e goza de boa saúde. Seu preço é avaliado em cinco mil libras esterlinas. Não se espantem. Trata-se de um rinoceronte branco, o segundo de sua classe já obtido neste mundo de meu Deus. Os papás não foram encontrados nas redondezas. Com certeza, vendo a mamãe que havia dado à luz um filho branco e, sendo ela e o espóso pretos, raciocinou: ou se trata de mandinga de alguma quimbanda africana inimiga da família, ou então... é história de papagaio.



MIRTES DA SILVA GOMES

Tinha vinte anos. Estudiosa, educada, com a mais precoce inclinação para o magistério. Ao diplomar-se sentiu no fundo de sua alma a alegria estonteante que enche de contentamento os corações moços quando atingem o objetivo. Deram-lhe uma cadeira em Marechal Hermes. Adorava as crianças de sua escola. Ensinava e educava. Verdadeira mestra. Um dia, depois da aula, saiu para sua residência, na rua Primeiro de Maio. Com ela iam duas crianças: Nilza, de 12 anos, e Nilita, de 11. Atravessavam as garotinhas uma rua, quando, subitamente, de uma esquina, surge um caminhão em louca disparada. A professorinha, num relance de olhos, viu que o pesado veículo ia esmagar as duas meninas, suas discípulas. Então, num impulso instintivo, saltou à estrada e empurrou-as para um lado. O caminhão, porém, alcançou-a em cheio, matando-a cruelmente. As crianças foram salvas, apresentando apenas ligeiras escoriações resultantes da queda. A professorinha, no entanto, ficou estirada entre meios-fios, com o crânio esmagado. Vinte anos de idade e talvez nem um ainda de magistério consciente e proveitoso. As crianças do bairro ficaram consternadas. As famílias de toda aquela redondeza choraram com pena da pequena e jovem mestra. Uma fatalidade. Essa heroína salvou a vida de duas crianças. Mas que teria resultado de tão grande sacrifício? Manteria ela alguma mãe velha e sem forças para trabalhar? Educaria irmãos pequeninos com o fruto de seus honorários? A renda de seu labor terminou com sua morte gloriosa, ou está beneficiando alguém que dependia dessa corajosa preceptora? Chamamos para o caso as atenções da Secretaria de Educação da Prefeitura. E' preciso premiar esses sacrifícios.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 5 — 29-1-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	 Cr\$ 140,00	Seis meses	 Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	 Cr\$ 170,00	Seis meses	 Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	 Cr\$ 270,00	Seis meses	 Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------------	------------	-------------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel.: 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 — Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-press" — Florida, 299 — Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES



ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

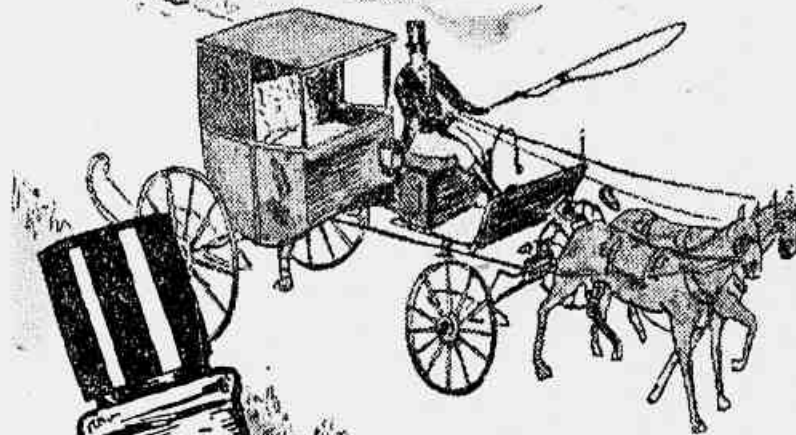


Manifestou-se uma epidemia de febre amarela no Panamá, sendo notificados todos os países vizinhos para medidas de precaução. A organização de um pacto regional europeu para deter a marcha do comunismo, talvez seja o próximo movimento ocidental na guerra fria contra a Rússia. Projeta-se a ampliação da usina de Volta Redonda, seguindo para os Estados Unidos o general Silvio Raulino, presidente da mesma. Através das conversações de paz entre árabes, egípcios e judeus, já houve entendimentos para permitir a passagem de um batalhão egípcio de quase três mil homens cercado em Faluja, há meses. Reuniu-se em Genebra a Comissão Organizadora do Campeonato Mundial de Foot-Ball que será realizado no Brasil em 1950. O Corpo de Bombeiros da Bahia acaba de adquirir moderno aparelhamento rivalizando com os melhores do País. Grave conflito entre negros e indianos na África do Sul com elevado número de mortos. O Departamento de Estado norte-americano desmentiu que houvesse qualquer pacto secreto entre os Estados Unidos e o Vaticano. O prêmio soviético denominado "A Ordem de Lenin" coube este ano ao tenente-general Andrei Nikolaevich, principal construtor de aviões soviéticos, por ocasião de seu 60º aniversário natalício. Reagem os operários, comerciantes e agricultores contra a política econômico-financeira de Henri Queuille, primeiro ministro da França. Os comunistas portugueses apóiam a candidatura do general Norton de Matos para a Presidência da República. Os Estados Unidos, França e Inglaterra anunciam a criação de um Departamento Militar destinado a impedir o rearmamento bélico, industrial e científico dos alemães. Truman não tomou conhecimento da ofensiva de paz soviética. Egípcios e israelitas chegam a um acordo. Doze líderes comunistas comparecem à Corte Federal para se verem julgar pelo crime que lhes é imputado de conspiração contra o Governo norte-americano. O exército nacionalista está fazendo desesperado esforço para defender Nanquim. Truman toma posse e presta seu compromisso como presidente dos Estados Unidos para o quadriênio de governo. Foi formado novo gabinete grego. O governo húngaro publicou o "Livro Amarelo" sobre o caso do cardeal Mindszenty. O Governo inglês assume a responsabilidade dos vôos de seus aviões de guerra sobre o território da Palestina. Truman assinou o aumento de seu próprio ordenado como presidente dos Estados Unidos. Acha-se possível o estabelecimento de melhores relações entre a Rússia e os Estados Unidos. Com a renúncia do presidente do Banco Central da Argentina, terminou a rivalidade que havia no Governo Argentino. A China pediu a cessação das hostilidades, com a entrega do poder aos mediadores junto aos comunistas. Em seu discurso de posse o sr. Truman proclama a democracia como tipo de ordem social que pode contribuir para aquele fim. Estava no seguro a posse de Truman por 200 mil dólares e foi realizado no "Lloyds" de Londres. As cinco nações que estudavam e discutiam um plano para a formação da União Européia confessaram seu insucesso. Está sendo evacuada pelos exércitos nacionalistas toda a zona norte do rio Yangtsé. Serão aumentadas em dez centavos as passagens de bondes do Rio e majoradas as demais tarifas de luz e telefone. Vai ser construído o "pier" da praça Mauá por 87 milhões de cruzeiros. Em discurso de festa íntima Truman volta a qualificar a Rússia de ditadura. Chiang-Kai-Chek retirou-se da presidência da China, por ser impossível continuar a resistência. Chegou ao Recife o avião monomotor "Anjo das Crianças", que fez a travessia de Dakar ao Piauí. Foi debatida no Senado brasileiro a propalada conspiração contra a América Latina entre Getúlio Vargas e Peron. Quinze advogados do Rio impetraram mandado de segurança junto ao Supremo Tribunal Federal, contra o aumento de subsídios dos parlamentares federais. Os Estados Unidos reconheceram os governos militares da Venezuela e da República do Salvador. Henry Wallace critica severamente o discurso oficial de Truman. A Nicarágua propôs um pacto de amizade com Costa Rica. Quer a Inglaterra indenização da Albânia por ter minado suas águas e uma mina haver causado avarias em dois vasos britânicos em 1946. A Inglaterra se prepara para reconhecer o governo de Israel, terminando a tensão diplomática. Continua a luta dos estudantes do Rio para obter do ministro da Educação a reabertura do restaurante popular da sede da U.N.E. A polícia do Rio proibiu um bando precatório dos estudantes cariocas para angariar fundos para alimentação da mocidade estudiosa.

BOAS FESTAS

Recebemos, agradecemos e retribuimos votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo das seguintes firmas e pessoas: Luiz A. Lara, J. M. Herber Corporation, Associação de Artistas Brasileiros, Livraria Universal (São Luís), João Daudt d'Oliveira, Editora "A Noite", Larston Monotype Company, Beatriz Reynal, Leitão de Barros e D. Paes (São Paulo), Mala Real Inglesa.

UM ELOGIO QUE VEM DE LONGE...



...Desde 1830 que nossos maiores fizeram o elogio do SABÃO RUSSO por ser benéfico em todos os lares. Portanto, há 119 anos que o mesmo elogio é repetido pelas gerações que sucederam. Daí a confiança de que goza hoje o poderoso SABÃO RUSSO. Faz desaparecer espinhas, panos, rugas, sardas, erupções, comichões, dartsos, manchas, frieiras, eczemas, assaduras, etc.

Incomparável no asseio da cabeça, fortifica o cabelo, torna-o vivo, abundante e sedoso.



LÍQUIDO, SÓLIDO

E EM

BASTÕES PARA BARBA

EFARA

SEÇÃO DE REEMBOLSO

RUA MEXICO, 41,
S. 1407 - RIO - D.F.

ASSENTOS DE BORRACHA

P^a SELIM



310 Cr\$ 140,00 300 Cr\$ 145,00



400



480-b

Cruz com corrente de metal Cr\$ 35,00



Conteúdo 1/4 litro Cr\$ 49,00

Nº 330 Colar de metal, dourado, reforçado Cr\$ 90,00
Pulseira de metal, dourado, reforço Cr\$ 45,00
Nº 350 Colar de metal, folheado, 18 quilates Cr\$ 160,00
Pulseira de metal, folheada, 18 q. Cr\$ 80,00

PEÇAM OS NOSSOS CATALOGOS

Oferta Especial!

Pulseira para relógio, americana, elástica marca "RITE FIT", de 1 1/2 cms. de largura
a. folheada a ouro Cr\$ 50,00
b. de aço Cr\$ 40,00

MOSAICOS ITALIANAS — a grande moda carioca



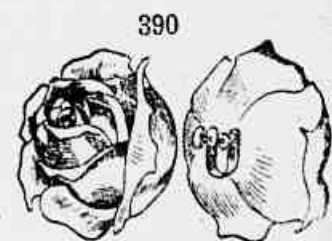
Nº 480-b Pulseira para senhoras Cr\$ 100,00
Nº 480-c Pulseira para senhoras Cr\$ 85,00

NOVIDADE



em cores
a. caixa, 20 Cr\$ 32,00
b. cartão, 15 Cr\$ 27,00

ACEITAM-SE REPRESENTANTES



370

Corrente para chave com fíg. em prata maciça Cr\$ 95,00

Brinco de metal imitação ouro, par Cr\$ 20,00

UMA VEZ EFARA SEMPRE EFARA

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

POEMA

Versos de LEOZINHA
F. MAGALHÃES
DE ALMEIDA

Pongetti
Rio de Janeiro
1949

O primeiro livro de versos deste ano... Bem-vindo seja. O insigne homem de letras e homem de ciência sr. Clementino Fraga assim rematava, o ano passado, a sua conferência sobre Teófilo Dias: "Precisamos de poetas". E qualquer de nós pode variar ligeiramente aquela frase modelar: precisamos de mais poetas. São bem poucos, hoje em dia, os que merecem tal nome. A maior parte dos que assim se classificam a si mesmos estão longe de entrar para a sublime categoria. E, se deixassem de fazer versos, ou aquilo que por este nome designam, certamente lhes não sentiríamos a falta. Não, não é desses que precisamos, mas dos outros, os legítimos, os verdadeiros, os que, na singela mas tão expressiva definição do sr. Guilherme de Almeida, realmente fazem versos. Por isso cada um que chega de novo deve ter a sua recepção honrosa e festiva. Aqui vem uma poetisa, Leozinha F. Magalhães de Almeida, com a sua obra de estréia. Não é tanto caso de exame e apreciação quanto de saudação e de júbilo. Digamos apenas que quem assim começa bem poderá vir a ter nome glorioso na poesia brasileira. "Meus versos":

Há silêncios doridos nos meus versos...
Eles recordam rosas desfolhadas
E revões de pássaros dispersos...
E murmúrios de queixas sufocadas...

Migalhas do meu pão, retalhos vivos
Do sonho de ventura que perdi,
São música e perfume — lenitivos
São eles do que sofro e que sofri...

São fonte luminosa de saudade
Ou torre de marfim onde me abrigo
Nos momentos de treva e tempestade.
São lágrimas que não chorei contigo...

Dos meus sonhos são pétalas sagradas...
Estilhas de minh'alma dolorida
A luz da inspiração metrificadas.
Estrofes musicais de minha vida...

O PASSARO FERIDO

Crônicas de
GENOLINO AMADO

Editora Globo
Porto Alegre
1948

E' com verdadeiro prazer que se relêem estas crônicas. Nada elas perderam desde a primeira emoção que lhes ficamos devendo. Nem tiveram tempo para isso nem são das que vão passando e desaparecendo com o jornal de cada dia.

O sr. Genolino Amado diverge do tipo comum do cronista, a começar pela escolha do assunto. Por via de regra, o profissional — ou amador mesmo — daquela especialidade literária se ocupa do fato ou aspecto que, no momento, mais mereça a atenção do público; e assim espera que parte de tal efeito sensacional lhe venha a caber também, a ele. O autor do "Pássaro ferido" prefere, em geral, deixar para os seus confrades os acontecimentos ou personagens que estão impressionando toda a gente. A sua inteligência e a sua emotividade se voltam para as coisas que a outrem, por falta de índole observadora, escassez de compreensão, simples indiferença ou mera casualidade, passaram mais ou menos despercebidas. Sempre no caminho que leva lhe surgem motivos de veemente ou até exclusivo interesse pessoal. Outros pensadores ou artistas — sem falar dos transeuntes vulgares — por ali andaram na ocasião sem nada ver, nada suspeitar de especial; e ele, do objeto presente mas de algum modo oculto, recebeu a sugestão da crônica e para ela se sentiu inspirado. Assim o vemos dedicar-se a casos efêmeros, para lhes dar certa extensão de vida; indivíduos perdidos na multidão ambulante, para fazer que apareçam sozinhos, como entende que eles merecem; cenas de um instante fortuitamente surpreendidas, sombras do chão, reflexos do ar, vagas imagens ou sons longínquos, para tudo nos oferecer depois de refletido, sentido, interpretado. Aqui temos a impaciência de alta dama que repeliu a súplica de um garoto esfomeado e não deu tempo ao marido de abrir a bolsa dos niqueis — para não perder o começo do filme

passional, num cinema próximo; depois, um exemplar de floresta em que, pela primeira vez, se repara em certo ponto por onde se passa todos os dias; um garoto de jornais que, procurando moedas para um trôco, tira dos bolsos algumas bolas de gude; em contraste com a fadiga, o ar de decepção e irritação dos passageiros à volta do trabalho, a expansiva e chistosa alegria de um condutor de bonde; a inesperada semelhança mental entre um poeta ultra-futurista e Bernard Shaw; um velho vendedor de livros que se quis entregar a outro negócio e absolutamente não pôde...

Crônicas, diz o autor. Nem sempre, quase nunca. Só o destino ao jornal justificará que as incluamos em tal categoria. Em verdade, trata-se de leves comentários de observador artista; reflexões de moralista mais amigo de glosar a beleza dos temas que de lhes extrair a afabulação; obra, enfim, de filósofo-poeta, perante a definição dada por Martins Fontes aos poetas, de serem filósofos que pensam com o coração.

OS NOVOS CANTOS

Versos de
ALMO SATURNINO

Curitiba
1948

Nos versos do sr. Almo Saturnino, que deve ser ainda bastante moço e, a julgar pelo retrato à pena, da autoria do sr. Loio Pérsio, um rapagão, há muita tristeza, muita angústia e percebe-se também muita sinceridade. Em geral, os poetas começam assim, independentemente da robustez, as esperanças, a própria alegria da juventude. Por mais fortes e felizes que se apresentem na vida, praticando a poesia se tornam melancólicos, desanimados, pouco lhes faltando para o completo desespero. Temos já cuidado de explicar esse fenômeno e não há muito dele tratamos; deixemos, portanto, passar mais algum tempo para voltar a ferir essa tecla de incoerência ou paradoxo.

No seu livro, que não chega a setenta páginas, o autor dos "Novos cantos" se refere, em versos espalhados por dezesseis composições: à roseira da sua alma, planta ressequida, sem uma única flor; à vida que "anoiteceu na treva dos teus olhos"; à "tristeza sem fim" do seu olhar e à estrêla que vai chorando pelo céu nevoento a sua "desventura"; às "mágoas da sua vida"; à possibilidade de se tornar, pela dureza de certo coração, "o mais desgraçado dos mortais"; ao canto soturno do Pássaro da Noite, que o encheu de "temores"; às esperanças que o tempo apaga e a "uma saudade que não morre nunca"; à voz amada que há de embalar-lhe "o derradeiro sono"; à "água má que não corre: minha vida"; à partida, "em breve, para a eternidade"; a esta lei pungente: "recordar é morrer"; ao seu canto, "o canto emocional de alegrias passadas"; à sua condição de "árvore triste que um vento mau desfolhou"; à sua bandeira em que "não tremulou sequer uma vitória"; aos seus versos feitos "de sangue e lágrimas vermelhas"; ao epílogo de poema que o converteu em "fantasma de palmeira no deserto"...

Também há páginas isentas de tal amargura ou desalento; mas a nota mais frequente e que, na impressão de conjunto, predomina é aquela. E o sr. Almo Saturnino só espera deixar de ser triste depois desta vida, em outro mundo que ele de certo antevê mais belo e melhor. Assim nos diz na poesia "Sinos", inspirada e bem trabalhada, como o livro em geral, apesar de um "tangeis", do imperativo negativo, que surge na página como sarda estranhamente isolada em rosto alabastrino. Eis as estrofes finais dos "Sinos":

...Sinos tristonhos, lentos compassados
que assim vibraís, sombrios e cansados
no coração da torre a badalar...
Não toqueis nunca a dobres de finados
Pois sinto, ao vos ouvir, os ais magoados,
uma incrível vontade de chorar...

Quando eu partir, cantai, sinos vibrantes!
Não tangeis nunca a dobres de finados
Pois para ignotas solidões distantes
quero partir feliz, de olhos fechados!

Quando eu partir cantai à Natureza,
no coração da torre a bimbalar!
que eu deixarei na terra, com certeza,
toda a minha tristeza
e todo o meu pesar!

O TÚNEL

Páginas de poesia de
AFONSO FELIX DE
SOUZA

Edições Orfeu
Rio de Janeiro
1948

Neste livro, há versos medidos e rimados, versos brancos e linhas arbitrariamente dispostas, imitando versos de vários metros mas sem obediência a lei ou regra alguma da arte poética. E de certo o poeta quis deixar bem patente que sabia versejar e só o não fazia sempre, plástica e musicalmente, correta e formosamente, porque não queria.

Nesta questão não poderíamos dizer o que nos parece mais lamentável: pecar por ignorância ou pelo prazer ostentoso, a vaidosa irreverência de não acertar. No primeiro caso, ainda há um recurso ou, antes, uma alternativa: aprender ou desistir. E este último processo está bem ao alcance de toda a gente. De Leconte de Lisle se conta como ficou embaraçado diante de certo neófito da poesia que submetera algumas obras à sua apreciação. Lido o primeiro trabalho, o mestre parnasiano dos "Poèmes barbares" calou-se, homem de grande cortesia como era, hesitando em externar o seu juízo. O jovem compreendeu e lamentou-se:

— Bem eu receava que o senhor achasse inferiores os meus poemas. Mas é tão difícil fazer bons versos...

Ao que o mestre, com toda a possível doçura, retrucou:

— Mas é tão fácil não os fazer...

Havia, com efeito, naquelas palavras um conselho que radical e imediatamente resolvia o angustioso problema. Só para o autor de versos defeituosos, decidido a não os compor primorosos nem sequer cuidados, é que não há recurso a indicar. A nós, que escrevemos notícias literárias, só nos resta, em casos destes, deixar passar o tempo... O sr. Afonso Felix de Souza, por exemplo: não se lhe pode negar bela imaginação nem rico sentimento nem mesmo, quando lhe apraz empregá-la, nobre técnica. Muitos assim têm começado: usando linguagem ora clara, esmerada, ora arvezada, obscura, e misturando com verdadeiros versos linhas que absolutamente o não são. Onde, porém, realmente exista a vocação, a substância, a essência da poesia, sempre mais cedo ou mais tarde, virá a forma justa, o equilíbrio entre o pensamento e a forma, a indispensável harmonia. O autor de *O túnel* tem a chama sagrada. Aguardemos os livros que certamente hão de vir.

RECEBEMOS:

Boletim da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, nº 248, quase inteiramente consagrado a Martins Pena e o qual, entre outras homenagens ao criador do teatro brasileiro, insere, na íntegra, a sua comédia em três atos "Bolingbrog & Cia." ou "As casadas solteiras".

Índice Cultural Español, ano III nº 30 desta publicação do Ministério de Assuntos Exteriores. Compõe-se este número de sessenta páginas e traz artigos, crônicas e amplo noticiário sobre assuntos de Teologia, Filosofia, Direito, Sociologia e Economia, Letras e História, Ciência e Artes. Dentre as ilustrações, destacam-se fotografuras de diversos tempos recentemente reconstruídos. Madrid, 1948.

O. I. E., nº 22, seleção de notícias da publicação acima mencionada.

O levante de 1748, conferência de Alberto Lamago, pronunciada na Câmara Municipal da cidade de Campos, ao celebrar-se o segundo centenário daquele sucesso histórico. Campos, 1948.

Kriterion, nº 4 desta revista da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, o qual oferece o seguinte sumário: Calendário perpétuo, por Alcides Ferreira; A matemática moderna e a necessidade de sua difusão, Achille Bassi; O outro Sócrates, as escolas socráticas e os pequenos Sócrates, Artur Versiani Veloso; Elmo de Mambrino ou bacia de barbeiro?, Eduardo Friero; A quarta écloga de Virgílio, Cláudio Brandão; Dejanira, Livia Camerini; Humanização do homem, J. Lourenço de Oliveira. Belo Horizonte, 1948.

Som, órgão do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, ano XII, nº 18, com trabalhos de Guimercindo Saraiva, Carlos Romero, Valdemar de Almeida e Carlos Lamas.

Brasil, 1948, anuário com 775 páginas, relativo aos recursos e possibilidades do nosso país. Publicação do Ministério das Relações Exteriores, com uma nota liminar do ministro de Estado dr. Raul Fernandes. Rio de Janeiro, 1948.

BOM HUMOR



...sem mais, ao seu inteiro dispôr...



— Que maravilha está este motor.



— E' a secretária mais eficiente que já encontrei até hoje.



— Bem, acho que já cabes. Mas para que serve este botão?



— Pois não, madame, vou chamá-lo.

O velho amolador não quis ficar na zona russa e teve permissão para passar para a zona inglesa com a sua "máquina" de trabalho





Diariamente centenas de pessoas transitam por essa estrada entre Luebeck e Herrenburg-Mecklenburg procurando vida nova

PROVOCARÁ BERLIM A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL?

NENHUMA das grandes guerras que já afligiram a humanidade criou perante os povos tantos e tão intrincados problemas como a última.

Os maiores juristas do mundo consultam suas fontes de Direito e ficam vacilando em face dos problemas. Conferências sobre conferências internacionais se sucedem; a ONU discute em suas Assembléias Gerais os casos sobrevivendo depois da paz e, infelizmente, não consegue avançar muito a nau da Concórdia Internacional.

Com a vitória das Nações Unidas, não surgiu no mundo combatido a figura da paz entre os povos. As

Texto de **JOHN T. W. SMITH**

★ Fotos de **KEYSTONE**

idéias mais dispares permaneceram no subterrâneo das consciências a nutrir os desejos de vingança para o amanhã. Hitler, Mussolini, Hirohito, tiveram bastante tempo para infiltrar no espírito de milhões de conterrâneos, ideologias que não combinam com os ideais democráticos do ocidente europeu e das Américas.

Mas suas escolas não morreram. Para ainda mais agravar a situação, ficou a Rússia como aliada das nações do ocidente, e isto teria de, mais cedo ou mais tarde, provocar sérias e pro-

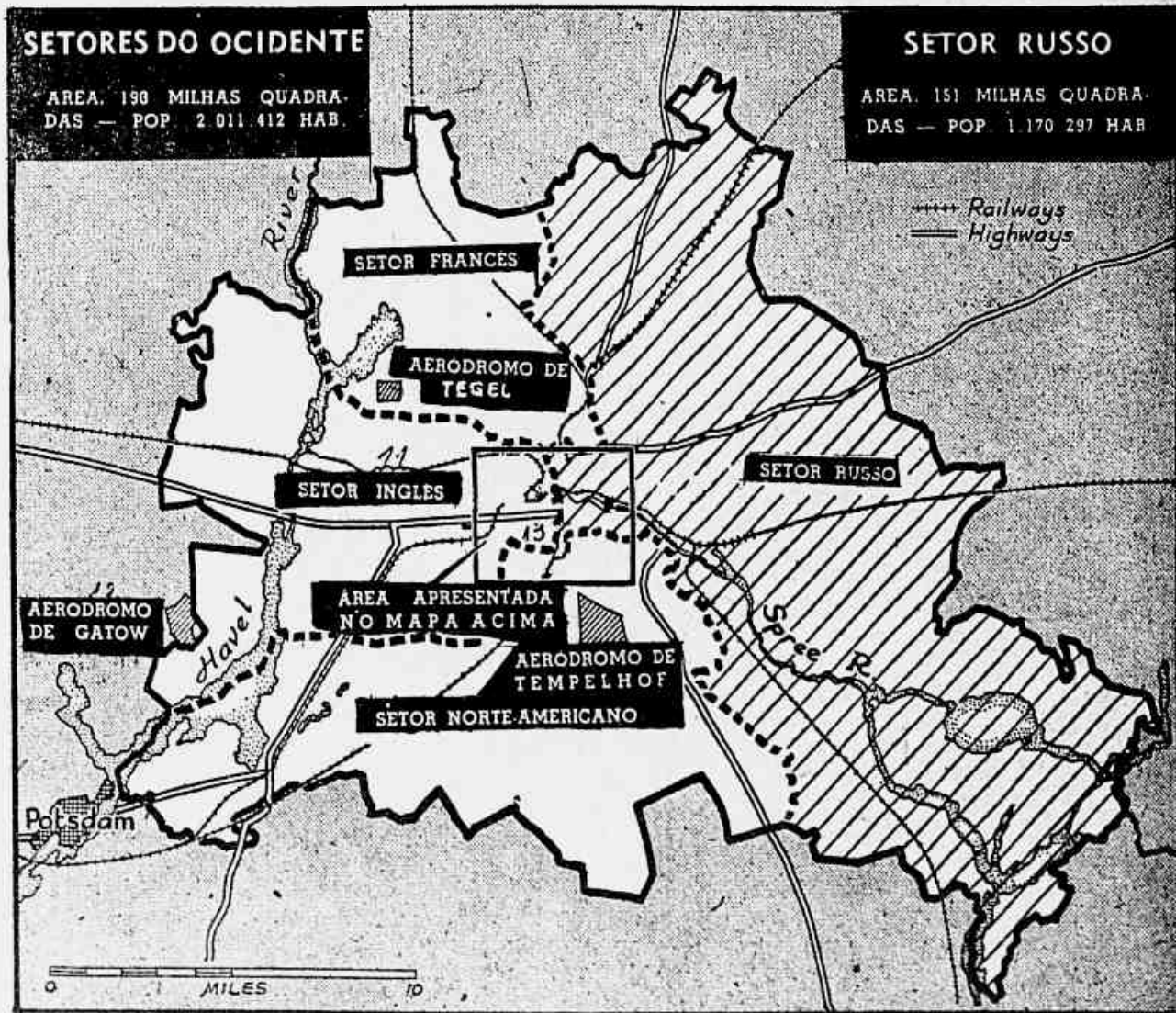
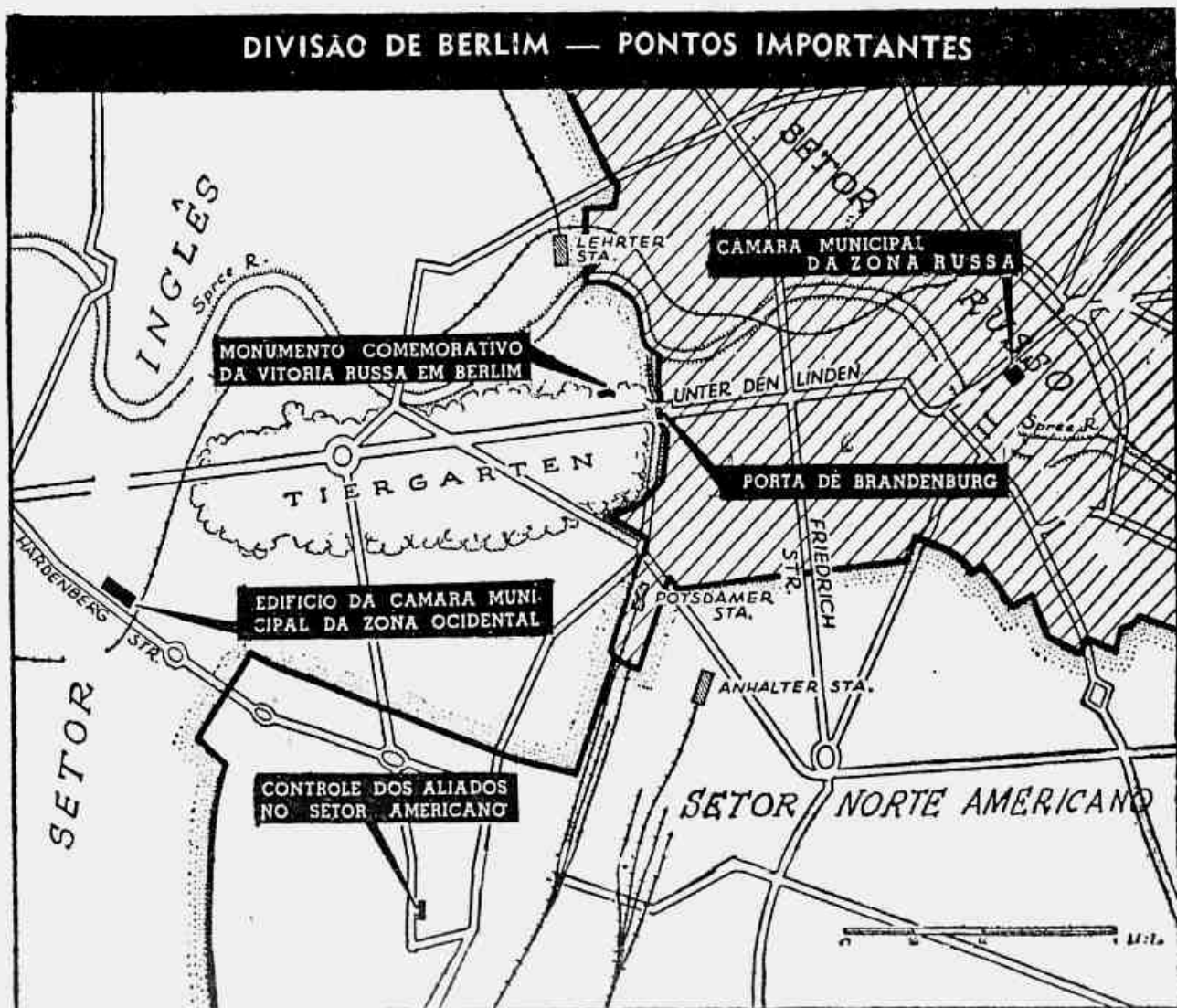
fundas dissensões entre os processos de vida, administração e conceito político do oriente soviético e o ocidente da democracia clássica.

Como é perfeitamente natural, durante o conflito bélico, precisando a Rússia do apoio dos seus grandes aliados, e estes daquela, as renúncias eram comuns de parte a parte, dando uma falsa impressão de concórdia e mútua compreensão; mas, depois que terminou a guerra, os dois polos político-sociais se distanciaram cada vez mais, apresentando suas característi-

cas próprias, definidas. Foi então aí que as mãos se cruzaram atrás das costas e começou a desconfiança recíproca, surgiram as dúvidas, enublaram-se os céus da antiga solidariedade.

A Alemanha constituiu a grande presa da guerra nas mãos dos aliados. Seus centros de influência como o Ruhr, bulbo raquidiano do organismo vital para as grandes nações, já provocou discórdias sensíveis entre a Inglaterra, Estados Unidos e a França. O motivo é o carvão. Todos querem ficar intervindo no carvão. Sem carvão não há tráfego ferroviário, as esquadras não se movem;

MAPAS DEMONSTRATIVOS DA ATUAL SITUAÇÃO DE BERLIM





Uma praça de "carros a frete". Garotos alemães esperam fregueses, enquanto a menina já conseguiu um nesse bom começo de semana



As crianças auxiliam os viajantes ganhando fretes em transportes nos seus carrinhos modestos, conseguindo alguns pfennings



Este rapazinho teve a má idéia de tentar transpôr a fronteira russo-inglesa ilegalmente. Foi detido e voltou muito triste



Os parentes podem chegar até aqui para despedidas. Naquela casa branca, uma antiga hospedaria, está o posto russo de exame de viajantes



Esta garotinha veio até à fronteira russa trazida pelos seus avós, e, passada a porta entra na zona inglesa onde os pais a esperavam



A velha mãe acompanha os filhos até à divisão da zona anglo-russa e ali acena o seu último adeus com lágrimas nos olhos



Ao alto: Nos limites da fronteira entre a zona russa e a inglesa, todas as mercadorias e os veículos são cuidadosamente examinados. Em baixo: O exame dos animais que transpõem as fronteiras na Alemanha dividida é completo, procurando-se por toda parte os contrabandos



os povos morrem de frio e fome. A Rússia fez tudo para também participar do Ruhr; mas as outras nações se opuseram e ela recuou. Já ficara com toda a Alemanha ocidental, e bastava. Mas os russos não perdoaram a atitude dos outros três grandes e se reservou para depois. Dividida a Alemanha entre quatro nações de características sociais e administrativas diferenciadas, era fatal o choque entre elas mesmas.

A França é uma república parlamentar e onde o Partido Comunista é o segundo do mundo; a Inglaterra, com a derrota política de Churchill, tornou-se uma monarquia dirigida pelo Partido Trabalhista com programa socialista; os Estados Unidos, país americano, com a supremacia do dólar e a imensa dominação política sobre todos, são uma república democrática com os graves defeitos dos povos ainda jovens; a Rússia, nação socialista avançada, com uma economia social em experiência, não se reúne a nenhuma daquelas para uma comunhão geral de apaziguamento na Alemanha. Assim, cada qual se julga de posse da verdadeira verdade e, enquanto discutem e há os mais perigosos atritos, o povo alemão sofre as mais terríveis consequências de sua derrota militar.

As fronteiras entre os exércitos de ocupação constituem, inegavelmente, as mais perigosas fontes de fricção internacional. O mercado negro se desenvolve de maneira alarmante, e, por essa causa, os choques são diários entre guardas russos e americanos, entre ingleses e russos. Para conseguir um maço de cigarros norte-americanos, o alemão não tem pena de trocar por ele objetos do valor de cinco dólares.

Nesse oceano de tristes panoramas, uma multidão de deslocados, de perdidos de várias nações ao oriente da Alemanha, perambulam pelas vastas regiões destruídas, entre ruínas de palácios e edifícios suntuosos reduzidos a escombros.

Entre as zonas de Holstein e Necklenburg, onde a devastação da guerra não deixou pedra sobre pedra, corre a linha demarcatória que limita os poderes da Inglaterra e da Rússia. Não há cerca de arame farpado nem muralhas erguidas para deter os viajantes. Essas linhas são invisíveis fora das barreiras com guardas de sentinela permanentemente. Por essas portas é que se permite o trânsito. Tudo o mais é "cortina de ferro". Ninguém pode escalar essas fronteiras. Aquêle que o fizer está sujeito a penas severíssimas.

Os portões de entrada e saída entre as duas zonas ficam sobre a estrada de Luebeck a Herrenburg e Mecklenburg. Só por essas vias de acesso se pode passar de uma zona para outra. Todos os dias, ao longo dessas estradas, em ambas as direções, centenas de alemães fatigados sob o peso de seus fardos de trabalho ou em mudanças, procuram esses portões como o ponto livre para suas longas caminhadas.

Mas o termo "livre" não é perfeitamente empregado, pois todos que chegam às portas dessas zonas, para o tráfego sobre os limites internacionais, são meticulosamente examinados, os seus passes são carimbados, as bagagens rebuscadas em todos os seus escaninhos e os produtos animais revistados de maneira completa.

Algumas vezes a demora nesses exames levam horas. Os alemães se mostram exaustos, impacientes, contrariados, mas se submetem a tudo com uma resignação comovedora, e, somente por motivos muito fortes, ouvimos murmurações de irresistível mau humor.

As crianças ajudam os pais a economizar alguns centavos, transportando coisas em seus carrinhos de mão, muitas vezes com pesadas cargas que lhes exigem esforços acima de suas forças juvenis. Por vezes há cenas tocantes nessas fronteiras de uma Alemanha dividida. Mães que se despedem em lágrimas dos filhos que se vão para terras distantes; outros que ficam sentados em seus sacos de roupas e utensílios, sem saber que destino tomar nessas encruzilhadas da vida.



Esta velhinha exilada polonesa na zona russa, chega à zona inglesa e está sem saber que rumos tomar na isolação de sua vida



SUCESSOS PARA O CARNAVAL DE 1949

O PEDREIRO VALDEMAR
(Marcha)

Roberto Martins e Wilson Batista

Você conhece
O pedreiro Valdemar
Não conhece
Mas eu vou lhe apresentar
De madrugada
Toma o trem na Circular
Faz tanta casa
E não tem casa prá morar

Leva a marmita
Embrulhada no jornal
Se tem almoço
Nem sempre tem jantar
O Valdemar
Que é mestre no ofício
Constroi o edifício
E depois não pode entrar.

★

CHIQUITA BACANA
(Marcha)

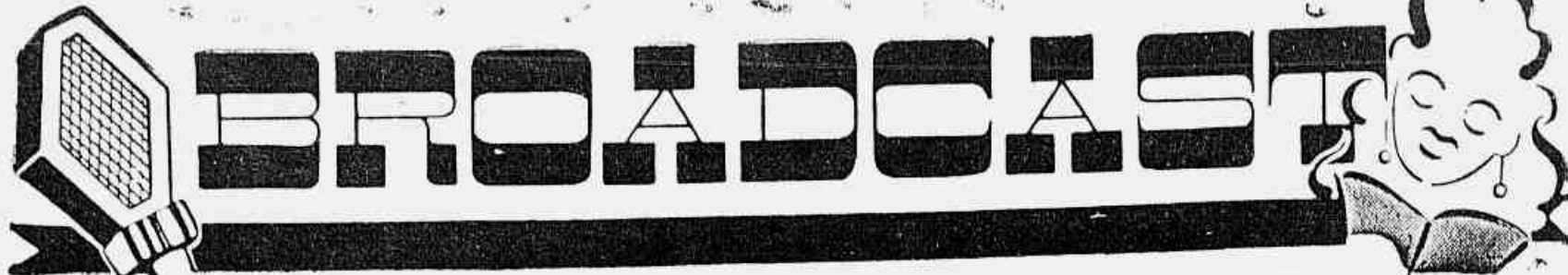
Alberto Ribeiro e João de Barro

Chiquita bacana
Lá da Martinica
Se veste com uma casca
De banana nanica
Não usa vestido,
Não usa calção
Inverno prá ela
E' pleno verão
Existencialista
Com toda razão
Só faz o que manda
O seu coração.

★

TAKIN MISS MARY TO THE BELL

Jog along Mister Dobbin and keep
[this carriage abobbin']
We can't be late for she has a date
We're takin' Miss Mary to the ball
Tsk tsk tsk tsk tsk tsk tsk
My o my but she's pretty the sweet-
[est gal in the city]
How grand she'll look when her pic-
[tur'es took]
We're takin' Miss Mary to the ball
Her best girl friend is her boy
[friend's sister]
He's old enough now to call his
[Mister]
He's never been pers'nal and he's
Never kissed her but when she was
[away]
He sail he missed for
Tsk tsk tsk tsk tsk tsk tsk
Tsk tsk tsk tsk tsk tsk tsk
She's never parked in a super dri-
[vein],
And never heard of a hepcat jivin'
She's just as sweet as a sixteen could
[be],
And just as much in love as sixteen
[should be]
Tsk tsk tsk tsk tsk tsk tsk
Tsk tsk tsk tsk tsk tsk tsk
Jog along Mister Dobbin and keep
[this carriage abobbin']
We can't be late for it's her fist date
We're takin' Miss Mary a very merry
[Mary],
We're takin' Miss Mary to the ball



A. Migueis

VAMOS POLICIAR O HUMOR!

cia absoluta de senso artístico e pela sensível estupidez de quem os organiza. Atravancando a melhoria da graça, esses palhaços do eter, com indiscreto sencerimônia, não se vexam do ridículo em que caem, tamanha a voracidade monetária que os domina. Seria absurdo fazer citações quando, em maioria, enveredam pelo mesmo caminho. Se existem exceções, os leitores não desconhecem. E, embora compensadoras, elas se mantêm em maioria, tornando-se difícil a luta contra o arrozado de asneiras que, com desusada frequência, encontramos nas ondas hertzianas.

Mas, dirá o leitor, para todos os males existem remédios. Exato. Esse remédio está na censura prévia à matéria a ser divulgada. E aqui, não pensem que temos mentalidade policial, nem tampouco desejamos vê-la ressuscitada, a política dipiana. Basta que elemento de confiança e senso artístico da própria emissora se encarregue de aparar as arestas dos pedregulhos radiofônicos, evitando as escabrosidades rotuladas de humorismo. Tal método, uma vez pôsto em prática, extinguirá o descontrole de alguns que, inconscientes da responsabilidade cultural do rádio, vivem utilizando o microfone para a difusão de anedotas de alcova e trocadilhos transbordantes de malícia. São esses, e não aqueles que os combatem, os verdadeiros inimigos do rádio. E' que ao em vez de colaborarem para a maior eficiência do invento de Marconi, fazem tudo para atirá-lo na imoralidade e no descrédito, ignorantes que são da finalidade altamente educativa que a rádio-difusão representa nos dias atuais.



ARY BARROSO

O sentido malicioso dos pseudos programas humorísticos, apesar das campanhas levadas a efeito pela imprensa, continua predominando. Nada é feito em matéria de humor sem objetivar segundas intenções. Dessa maneira, os engraçadinhos do "broadcasting" carioca, se infiltram nas camadas populares, atraindo-lhes a atenção para audições que se caracterizam pela ausên-

Rádio-Flashes

...E AS NOVELAS CONTINUAM

Amaral Gurgel não dorme sobre os louros colhidos na carreira de produtor de histórias em capítulos. Colocado à frente do conjunto de rádio teatro da Globo, sua atividade, nesse setor, é das mais intensas. Ainda, agora, ele acaba de terminar "Decepção", novela que poderá ser ouvida às terças, quintas e sábados, às 20 horas e 30 minutos. ★ Lourival Marques parece se ter dado bem com os dramas seriados, haja vista que vem de entregar ao elenco de teatro cego da PRA-9, sua mais recente produção no gênero, a que intitulou de "O homem que fazia milagres". ★ Luis Quirino, recém contratado pela Rádio Tamoio, é outro que se especializou nas histórias em capítulos. Tanto, assim, que seu primeiro contato com os ouvintes da PRB-7, foi feito com a radifonização de "As mil e uma noites". ★ Também o nosso velho conhecido Gharoni, autor de tantos dramas de sucesso, vem de lançar ao microfone da Nacional e no desempenho do elenco dessa estação, a novela "Maria das Dores". Essa nova produção do autor de "Mãe", está sendo apresentada às segundas, quartas e sextas-feiras, das treze às treze e trinta.

EM PÉ DE IGUALDADE

O rádio brasileiro moderniza-se. Tudo quanto de novidade aparece no mercado ianque, é logo pôsto em prática pelas estações brasileiras que, desse modo, nada ficam devendo às suas co-irmãs norte americanas. A Frequência Modulada, por exemplo, que tantos benefícios prestou às tropas aliadas quando do último conflito mundial, acaba de ser posta em uso por uma das mais poderosas emissoras do país. Referimo-nos à Tupi que, recentemente, com a presença do Prefeito



JORGE MURAD

Angelo Mendes de Moraes, inaugurou posante transmissor de cinquenta mil kilowatts. Com a adoção da F. M., a PRG-3 visa melhorar suas transmissões de estúdio, fazendo chegar aos mais distantes rincões do território nacional, com perfeita nitidez, todos os seus programas. E' um melhoramento que a situa em ótima posição. Principalmente, agora, quando a "emissora associada" procura elevar o nível de suas programações, contratando figuras de projeção no cenário artístico do país.

GAITA PARA O HOMEM DA GAITA

Ari Barroso está de volta. Sua viagem à América foi coroada de absoluto êxito artístico e financeiro. E' o próprio autor de "Aquarela do Brasil", quem nos conta que:

"Na arte, o que ainda mais compensa é o triunfo e este virá tenho certeza. Pagaram-me 8.500 dólares pelo que fiz, inclusive passagens de ida e volta e estada em Nova York. Traduzido em moeda brasileira, temos aí quase cento e setenta mil cruzeiros, que lá deixei em troca de muita aquisição grata".

Assim, meus amigos, vale a pena fazer a América!

O RADIO EM REVISTA

Silvio Caldas permanece indiferente aos convites que lhe têm sido endereçados. Nem sequer a proposta de Derci Gonçalves, que lhe proporcionava estrear seu elenco de revista, mereceu resposta do conhecido intérprete de nossas melodias populares. ★ Antônio Maria, como é de conhecimento geral, voltou à circulação. O vitorioso "rádio writer", além de assinar a coluna especializada d'O Jornal, está brilhando em "Rádio Sequência G-3". Mas não para aí a atividade de Antônio Maria. Cabe-lhe responder pelo sucesso de "Chez Badoux", programa que traz a sua assinatura e tem a interpretação do cômico Badu. ★ Não tem fundamento a notícia de que Sagramor de Scuvero trocaria de prefixo. A exclusividade da Globo, ao que sabemos, está satisfeita com essa emissora, nada justificando, portanto, seu ingresso em outra estação. ★ Reassumiu suas funções de diretor de "broadcasting", após merecidas férias, o sr. Raul Sá. O operoso radialista, cujas iniciativas na linha de programação da PRE-3, são conhecidas de todos os ouvintes, promete novidades. ★ Fernando Jacques acaba de lançar, em substituição a "Vaudeville", o programa "O que virá depois". Trata-se de um cartaz musical, explorado com muita propriedade. ★ Sadi Cabral, ora dividindo seu tempo entre o cinema e o rádio, acaba de ser nomeado secretário de "broadcasting", da Globo. Cabe-lhe fiscalizar e orientar todos os "hits" irradiados por essa emissora.

ALCANTARA MACHADO E O RADIO

César Ladeira, em seu livro de crônicas "Acabaram de ouvir...", revela-nos oportuno e curioso conceito de Alcantara Machado, a respeito do rádio. Em se tratando de assunto dos mais interessantes, não queremos furtá-lo à apreciação dos leitores desta seção. Daí, o transcrevê-lo. Diz o saudoso intelectual bandeirante: "O rádio? Um amigo ideal. Um amigo, que só nos visita, quando nos apetece ouvir; e desaparece instantaneamente, quan-



SAGRAMOR DE SCUVERO

do começa a enfastiar-nos; e não fica zangado, quando, à primeira tolice que profere, lhe tapamos a boca".

UMA DE PAPAGAIO...

Muito antes de Manoel Barcelos lançar o concurso dos papagaios da Rua 42, já Jorge Murad tivera essa ideia. A propósito, temos em mão uma crônica de Paulo Roberto, em que o autor de "Obrigado doutor!" nos conta que, "Murad, diante de um papagaio que era um bicho para pensar instigava-o:

— Purrupaco-pa-paco... Fala, meu louro.

E o louro firme.

— Papagaio... Fala, papagaio... Purrupaco-pa-paco...

E o louro cada vez mais silencioso.

— Papagaio, meu nego, fala qualquer coisa... Papagaio, você fala ou não fala, meu louro... Purrupaco-pa-paco...

Neste ponto, o bicho pregou os olhos redondos no "speaker" e... falou:

— Mas, afinal, quem é o papagaio aqui? Sou eu ou você, seu Jorge?

Você sabia...

...que Carlos Galhardo, muito antes de pensar em ingressar no rádio, exerceu a profissão de alfaiate, trabalhando ao lado de seu próprio pai?

...que a popularíssima Araci de Almeida, graças as economias feitas, já conseguiu adquirir uma excelente vivenda na estação do Encantado?

...que Apolo Trancado Corrêa, antes de ingressar no rádio, já era um cartaz feito no teatro de revista, graças a sua interpretação na "Canção Brasileira"?

...que Ronald Lupo, atualmente integrando o conjunto do Teatrinho do Leme, iniciou sua carreira artística, cantando nos cabarés da Lapa?



De inspiração oriental é este modelo em gaze de duas tonalidades. (Fotos RKO)

A PROPÓSITO DO CARNAVAL

PELO fato de você não gostar de Carnaval, não vá, por favor, estragar a festa dos outros. É verdade que também concordo com os seus pontos de vista, porém guardo-os para mim, o que sugiro que você também faça. Não é justo e não é lógico que você, só porque tem a opinião que tem a respeito do Carnaval, vá querer que todo mundo fique dentro de casa e chore ao invés de rir nesses três dias dedicados à alegria. Como você, infelizmente, existe muita gente; gente que torce o nariz quando vê uma baiana; que "olha de cima" para o "bloco" que passa; que acha extremamente ridículo o fato de alguém cantar e pular do meio do povo e com o povo. Muita gente assim prefere,

certamente, as suas farrinhas íntimas, mas nisso nem é bom falar... O que acho, simplesmente, é que você deve calar os seus sentimentos e as suas opiniões, a fim de não prejudicar aqueles que gostam, que querem e que sabem se divertir. Afinal, tudo não passa de um egoísmo seu; como você não se diverte — durante o Carnaval, pelo menos — procura então envenenar a alegria daqueles que não pensam da mesma forma. No fundo, talvez que tudo não passe de um pouco de exibicionismo; você acha de bom tom não gostar de festas populares; acha que para evitar a confusão

e a mistura, nada melhor do que fugir do Rio, ir para qualquer estação balneária onde a cuica não a persiga e — quem sabe? — não a tente... Vá, então; seja "snob" à vontade; ponha-se lá em cima, na sua dignidade e na sua importância; apequene-se aos seus preconceitos de classe; mas, por favor, não atrapalhe a vida daqueles que querem se divertir e que para isso pularão tôdas as barreiras existentes, se necessário for. Deixe-os em paz e vá curtir o seu pouco humor onde bem entenda...

O. B.

NOS BASTIDORES FEMININOS



Vingança Comprada

Conto de J. E. JUSTO

NÃO. Aquilo assim não podia continuar. Vingança! Vingança era voz que lhe gritava dia e noite ao ouvidos. Não podia comer, não podia dormir. Não podia mais olhar para a mulher e para os filhos. Era um homem desmoralizado. O velho código da moral sertaneja fôra ferido em cheio. E aquilo tinha o sabor doloroso de uma bofetada em plena face. E o velho adágio da valentia nortista chicoteava-lhe a cabeça encanecida: «Num homem não se dá, se mata». Assim pensava o velho Chico da Ribeira, torando os animais carregados de feijão e milho, pela estrada avermelhada em busca da feira na cidade. Às vezes parava de repente, batia o isqueiro, queimava o cigarão de palha, cuspiu de lado. Pela camisa desabotoada, o peito cabeludo aparecia porejado de suor. E ficava matutando. Era preciso matar. Sim matar. Sim matar. Lavar a afronta com sangue. Mas se nestas coisas téticas pensava, era mais tangido por uma força oculta, vinda não sei de onde, porque no fundo, Chico da Ribeira era um bom homem, incapaz de matar uma mosca.

Por que razão não se resolvia tudo com calma, sem necessidade daqueles exageros de valentia? Seria tudo tão fácil. O caso era o seguinte: O velho Chico da Ribeira possuía uma fazendola, alguns alqueires de terra magra, de onde, o ano inteiro, tira-

va o alimento para a família. Comprava aquilo Deus sabe com que sacrifícios. E queria bem aquele pedaço de terra como queria a mãe. Tudo ia assim muito bem, até que um dia lhe apareceu um vizinho. O Pedro Malagueta. Foi necessário limitar as terras de um das do outro. Por ele tudo ficaria como estava. O pomo da discórdia fôra uma miserável cacimba de água salobra, cavada quase na pedra e que servia para dar de beber ao gado e mesmo a muita gente sedenta. A cacimba por direito lhe pertencia totalmente, pois fôra comprada com as terras. Mandará o filho mais velho, rapagão de seus dezoito anos, fazer a divisão da cêrca. Recomendara-lhe que deixasse a metade da cacimba ao proprietário vizinho. O filho porém assim não fizera. Lá chegando, passara os arames do cercado por dentro do terreno do outro. Quando estava ficando as últimas estacas, o Pedro chegara acompanhado de um capanga e surrara o rapaz com um rêlho. A cêrca foi posta abaixo num instante. E o rapaz chegara em casa, quase de rastros, pingando sangue, a camisa colada às feridas. Pedira-lhe quase de joelhos um consêlho. Queriam sair para matar, incendiar. A mulher chorando muito, em altos brados pedia vingança. Vingança ao

sangue derramado era voz que ouvia de todos os lados. No fundo não era covarde. Tinha muita coragem até. Repugnava-lhe porém as resoluções sanguinolentas do seu povo. Já estava velho, queria descansar. E agora aparecia-lhe este «causo». Por que o Pedro não fôra a ele? Tudo se resolveria a contento. Aproximava-se da cidade. Seriam talvez 7 horas da manhã. Uma manhã clara, fresca, serena. Estava agora junto do muro do cemitério. Um arrepio correu-lhe o corpo. Olhou, de cima do animal, levantando-se nos estribos. Cruzes, cruzes, cruzes. Montículos de terras por sobre as covas. Um cheiro agreste. Plantas rasteiras por sobre os ciprestes doudejavam borboletas. Um bando foragido de aves de arribação passou voando abaixo. Era o prenúncio da seca. O sertão devia estar em fogo. Encostou a mão ao muro, e sentiu uma agradável sensação de frescura. De repente veio-lhe a idéia, de como o Pedro ficaria frio depois de morto. Uma voz acordou-o do seu sonho.

Bão dia seu Chico... como vai vosmicê? (E sem esperar a deixa) Eu vou como Deus manda...

Voltou-se. Quem havia de ser? Era o Dois de Ouros, nome pelo qual era conhecido o interlocutor, não se sabe porque. Era um cabloco «dobra-

do», baixo, sanguíneo, de pernas em arco. Tinha um bigodão com as pontas para cima e uma dentadura que raramente aparecia, enegrecida e cariada. Tinha um riso manso, quase regougo, e um ar de carneiro cansado. Sua história porém era pontilhada de cruces. Tinha muitas mortes nos costados. Era profissional do crime. Todos sabiam, todos fingiam não sabê-lo. Com ele não interessava política. Era logo tudo resolvido no tiro ou na facada.

Vosmicê vai pr'a feira. Também pr'a lá me vorto... Vamos?...

E saíram juntos. Em quanto caminhavam, Dois de Ouros, contava-lhe a história de como conseguira aquela «burrinha baixeira». Fôra dum cigarro. Ganhara no jôgo. O velho Chico nem o ouvira. De repente tomou uma resolução súbita.

Dois de Ouro, quero fazer um negócio com você.

— Vosmicê manda... abaixo de Deus...

— Eu quero que você mate Pedro Malagueta.

O cabôclo pigarreou.

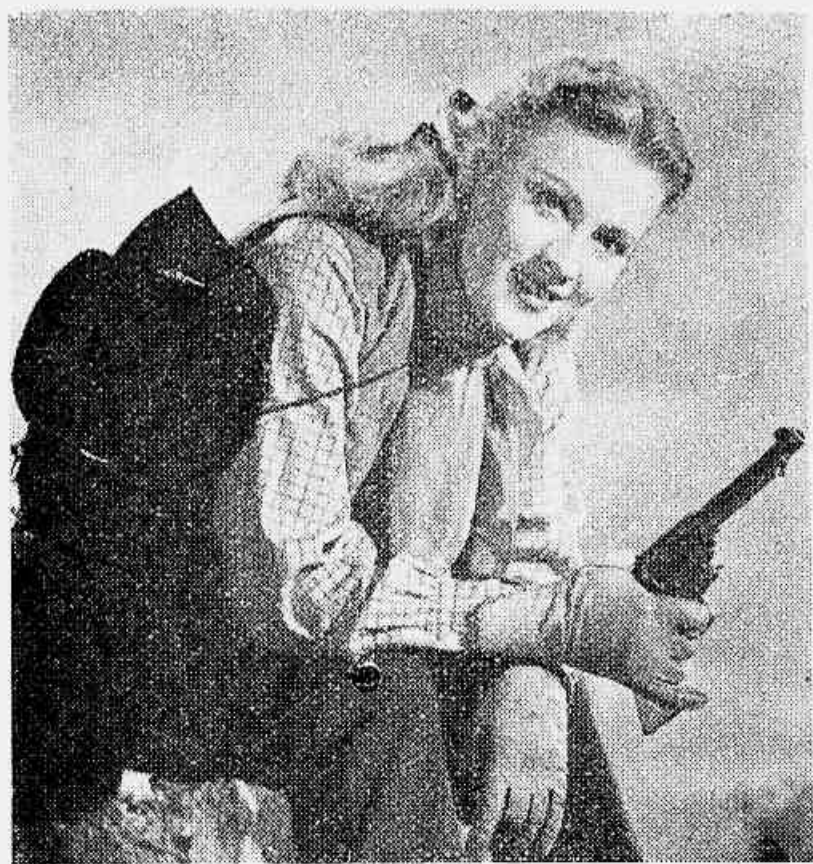
— Isso é que é falá. Vosmicê tava assim meio abobaiado, assim assumtando, dêsde que lhe vi na porta do...

Não o deixou continuar a algaravia.

Abriu a bruaca a tiracolo e tirou duas cédulas de 500\$000.

Estendeu-as ao cabôclo.

(Continua na pág. 48)



Al'

Mocinha

EVA progrediu... Hoje elas não são mais as delicadas "Marias Antonietas" ou as "Damas antigas", mas as barulhentas e dinâmicas "mocinhas" que dão tiro e "agarram o seu homem" a laço... Aqui, um grupo delas, que certamente servirá de modelo a muita gente. São Anne Jeffreys, da RKO; Mary Jane Harker, da Warner; Gail Russel, da Paramount, e Martha Hyer, da RKO.



BAILES DE



PARA os alegres e coloridos bailes do carnaval que breve tomará conta da cidade, Paris comparece também com sua quota indispensável de sugestões. Nomes de grande projeção são os autores destes magníficos modelos que, nestas duas páginas, submetemos à apreciação das nossas leitoras. De grande efeito e elegância, qualquer destes modelos concorrerá sem dúvida para realçar os seus predicados de beleza

Na página ao lado, temos um maravilhoso modelo de Grés. Executado em "mousseline" branca, este modelo é de um efeito deveras elegante. Grande decote, sala ampla na cintura, original bordado a ouro. Uma "echarpe" do mesmo tecido, completa o elegante conjunto



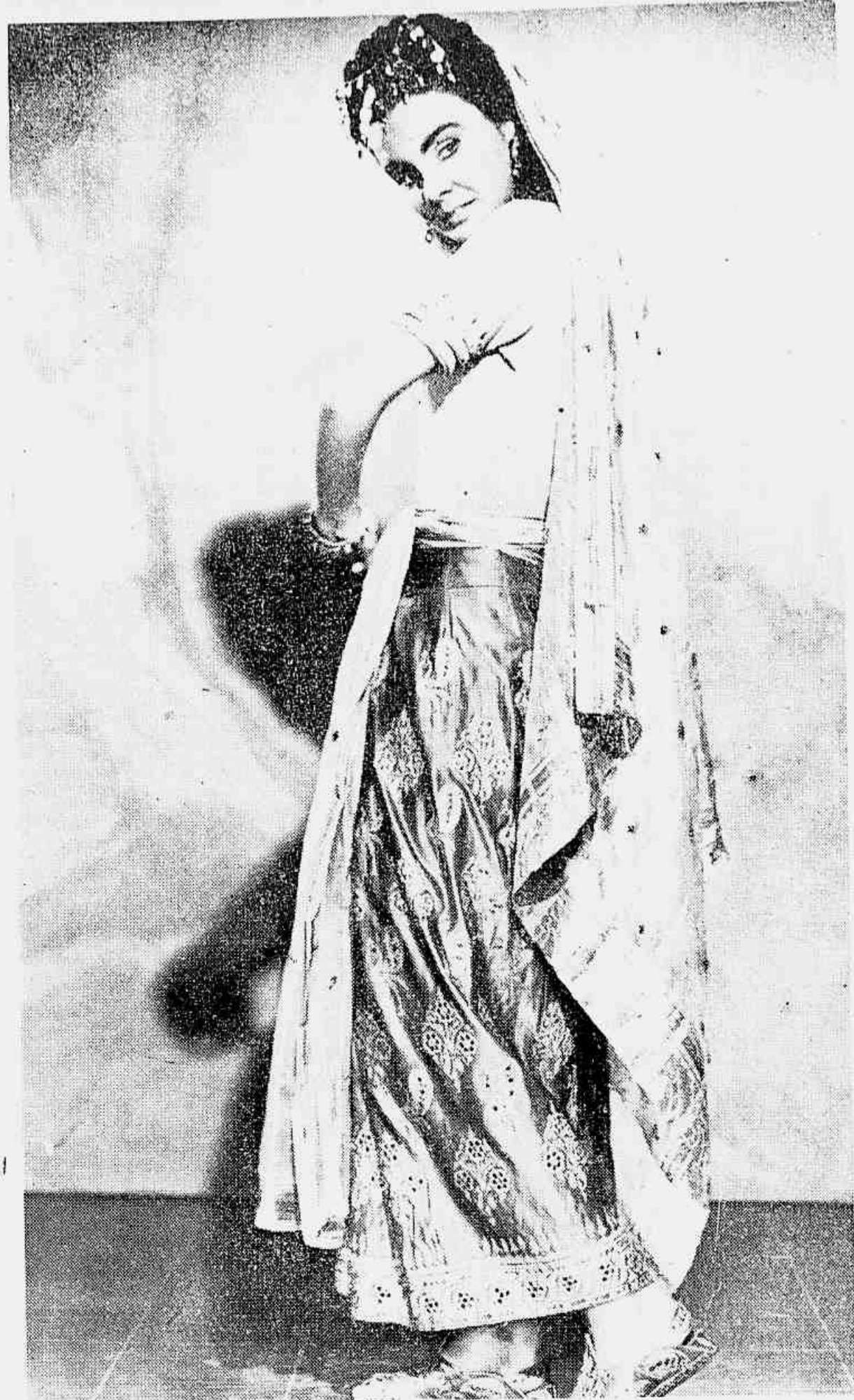
Este modelo que aqui vemos é de Jacques Fath, executado em "tulle" branca, compõe-se de ampla saia, lisa até certa altura, terminando com uma larga barra franzida. "Corpete" em cetim branco, com bordados em "pailletes" dourados

À esquerda — Elegantíssimo é este modelo em cetim azul claro, com aplicações de renda preta. Corpete terminando em túnica, amplo e original decote. "Saia" em veludo preto

À direita — Este notável modelo é de Jacques Fath, em "jersey" pérola, corpete plissado em "viés". Acompanha-o casaco branco com bordados dourados



AVA GARDNER



JEAN SIMMONS

SUGESTÕES DE HOLLYWOOD





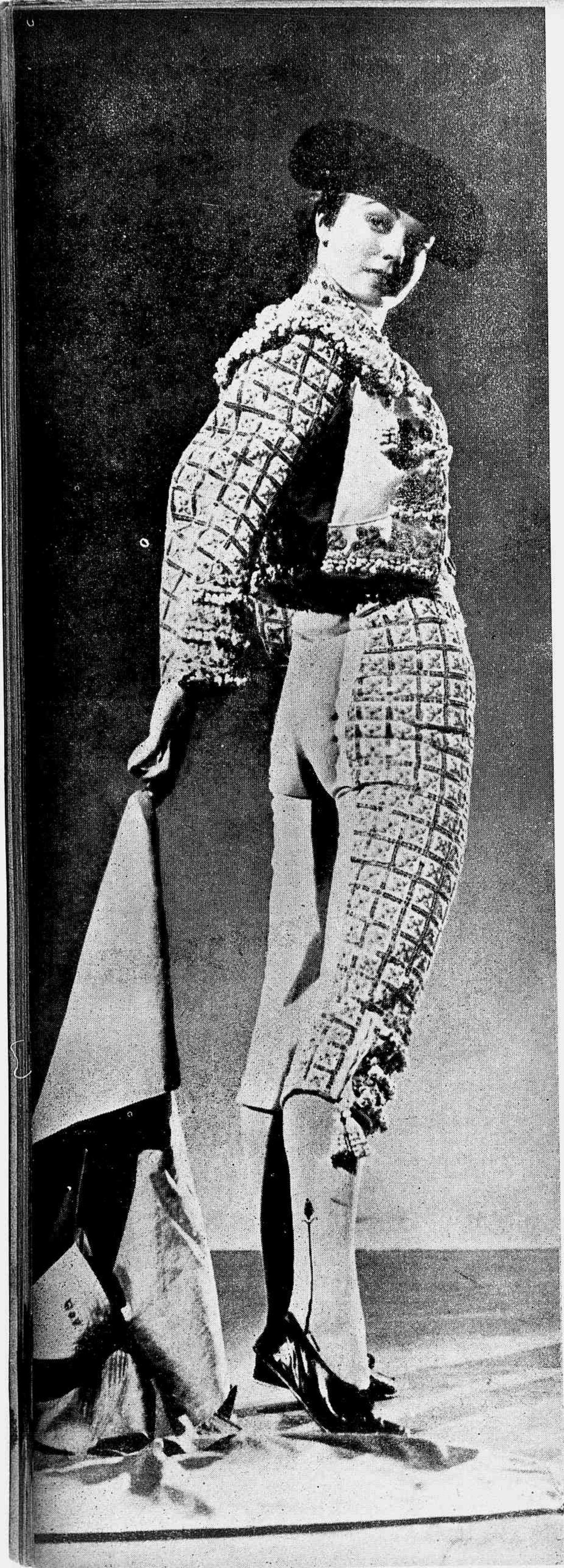
ESTHER WILLIAMS

Hollywood contribui aqui, com a sua quota de sugestões para o Carnaval carioca. Nestas páginas, estampamos alguns modelos que já tivemos oportunidade de apreciar através dos seus filmes — Ava Gardner (Universal-International), Jean Simmons (Arthur Rank), Esther Williams (M.G.M.) e Yvonne De Carlo (Univ. Intern.), são as pequenas bonitas que exibem estes modelos



YVONNE DE CARLO





SUGESTÕES DE HOLLYWOOD

Continuamos nesta página a apresentar mais alguns modelos que servirão de inspiração, comparecem novamente ESTHER WILLIAMS (M.G.M.), AVA GARDNER (U. I.) e JEAN SIMONS (estrelas de Arthur Rank). São modelos variados e sugestivos que por certo agradarão às nossas leitoras.

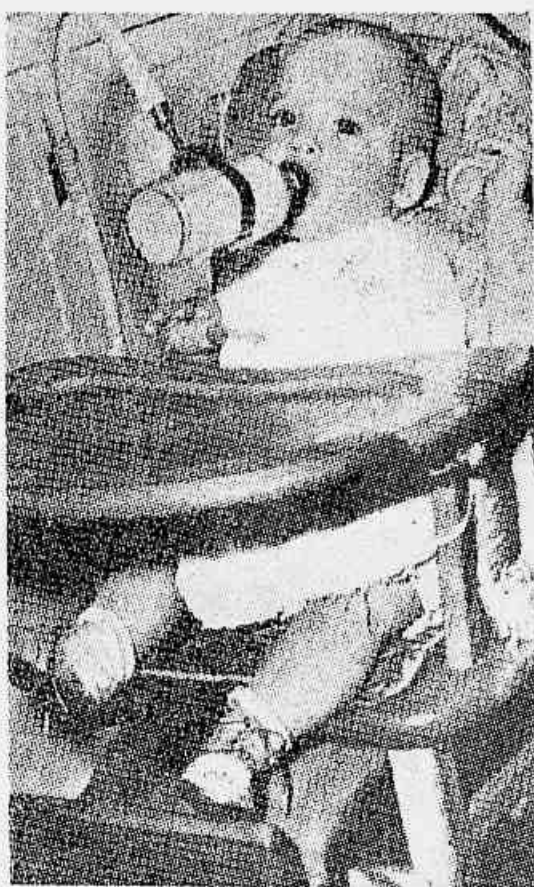


MES: FILHOS

FAZENDO AMIGOS

ANAMARIA CÉLIA

FAZIA parte da educação antiga "não dar confiança" às crianças; elas só tinham o direito de "abrir o bico" depois de atingir a adolescência, mas então já o faziam com o medo que os pais, orgulhosamente, qualificavam de "respeito". Não existia entre pais e filhos o entendimento, a franqueza, a compreensão que se verifica agora em muitos lares e que são necessárias para formar uma boa amizade e um ambiente agradável. Os pais de então ignoravam as tendências e as preferências dos seus filhos, não suportando mesmo que eles se atrevessem a tê-las, escolhendo, eles próprios, os caminhos que deveriam os filhos seguir, contrariando vocações e prejudicando futuros. Felizmente o aspecto hoje é diferente; existe já entre pais e filhos uma camaradagem que os torna amigos; o pai já deixou de ser o "espantalho" que só chegava em casa para ouvir queixas e castigar. Se tal sistema ainda perdura em alguns lares é porque, infelizmente, não é possível acabar com toda a ignorância que anda por aí espalhada. No entanto, já conforta saber que em grande número de lares o velho sistema foi banido e a criança é tratada como igual, respeitando-se os seus direitos e as suas inclinações. Os pais modernos conversam com os seus filhos; compreendem que é por meio dessas conversas que a criança vai tendo conhecimento do mundo em que vive e vai também revelando o seu próprio "eu". As suas perguntas são agora respondidas com naturalidade e sem irritação. Essas perguntas, que muitos se recusavam e outros ainda se recusam a responder, são uma natural demonstração da curiosidade infantil em relação a um mundo que ainda desconhece. Por mais estranhas e cansativas que sejam, deverá sempre existir uma resposta simples e lógica. Dos pais depende pois, unicamente, fazer dos filhos seus amigos ou apenas estranhos que apenas os "respeitem". Basta conversar com eles para penetrar no seu mundo e tê-los do nosso lado.



Uma idéia prática e interessante que sem dúvida muito facilitará o trabalho das mães

★ Agora, no Carnaval, não imponha ao seu filho o sacrifício de uma fantasia incômoda que só divertirá mesmo a você...

★ As festas carnavalescas, as fantasias, o barulho e o movimento excitam as crianças de pouca idade. Convém evitá-los para a própria tranquilidade do bebê.

★ As crianças pequeninas não compreendem o Carnaval e podem, perfeitamente dispensar o verdadeiro "carnaval" que os pais em geral fazem com elas...



Carnaval em família — Robert Young, "astro" de Hollywood, organiza o seu próprio "bloco"

HA MUITAS TINTAS PARA INTERIORES...



...MAS SÔMENTE UMA

Kem-Tone

PRODUTO DA SHERWIN-WILLIAMS

**POR APENAS CR\$ 98,50
PINTA-SE UMA SALA INTEIRA**

É tão fácil, tão econômico renovar e embelezar sua casa com Kem-Tone! Produto da Sherwin-Williams, Kem-Tone é o acabamento mágico que cobre com uma demão — seca em uma hora e não deixa cheiro de tinta! Qualquer um pode pintar com Kem-Tone. Um galão, diluído com água, dá 1 galão e meio de tinta — o suficiente para pintar uma sala. Pinte V. mesmo — ou chame um pintor — mas especifique Kem-Tone.



À venda nas boas casas do ramo

Um galão, Cr\$ 98,50 no Rio e em São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E

VERNIZES

SHERWIN



WILLIAMS

SÃO PAULO: RUA DOM JOSÉ DE BARROS, 264 - 6.º ANDAR
RIO DE JANEIRO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE, 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



Ao alto — um detalhe do teto da sala principal do Museu do Ouro. Na página ao lado — figuras de origem popular, hoje parte da coleção do Museu do Ouro de Sabará

SABARÁ E O MUSEU DO OURO

EM menos de uma hora o trem suburbano que parte da capital mineira leva a gente à cidade de Sabará, aonde também se vai de automóvel e mesmo a pé (para alguém mais afoito) para não falar em bicicleta ou cavalo, pois que para tudo há gosto neste mundo.

É uma das cidades famosas de Minas, por seu jeitão colonial, por suas igrejas, por seus chafarizes, por tudo quanto diz respeito ao passado, principalmente por seu Museu. Mas é também famosa

**O PASSADO E O PRESENTE DE UMA CIDADE HISTÓRICA
★ ONDE O AMARELO DO OURO E O NEGRO DAS JABOTICABAS SE MISTURAM ★ CURIOSIDADE E TRADIÇÃO
ÀS MARGENS DO RIO DAS VELHAS ★ O QUE MUITA
GENTE OLHA MAS NÃO VÊ ★ TIRANDO OURO DOS
BEIRAIIS ★ ISTO NÃO É HISTÓRIA**

Reportagem de **M. PEDROSA** ★ Fotos de **EUGÊNIO H. SILVA**
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

por sua indústria siderúrgica, que, através das chaminés de seus fornos, da labuta e dos problemas de sua gente, põe uma nota

de atualidade na sua fisionomia e na sua vida.

E não só por isso. Sabará é também famosa por suas jaboti-

cabas, por suas gostosas jaboticabas, que atraem outra espécie de visitantes que, nos meses de outubro e novembro, escurecem as pedras de suas ruas de negras e pegajosas cascas.

Não tanto por suas glórias, são levados a Sabará os habitantes de suas vizinhanças, inclusive os belorizontinos. Namorados, escolares, famílias inteiras ou cidadãos solitários pagam o seu tributo dominical naqueles meses, ao fruto saboroso.

Mas, não é disso que querirão



A esquerda — A antiga Casa da Intendência, atual Museu do Ouro de Sabará, ao ser adquirida pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A direita — O Museu do Ouro de Sabará, depois de restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Nas fotos à direita, em cima — Detalhe de uma tela mostrando o trabalho de mineração no Museu do Ouro. Outro detalhe do teto do Museu do Ouro. Em baixo — Prensa de cunhagem, da antiga casa da Intendência, hoje no Museu do Ouro. Baixo e espelho, detalhes dum quarto de moça, no Museu de Sabará

os leitores que fale o repórter e ainda não chegou o tempo de virem do estrangeiro alegres visitantes para provar as jaboticabas sabarenses.

Não quebreemos, pois, a praxe e falemos daquilo de que já é tradição falar — da tradição de Sabará e, especialmente, de seu Museu do Ouro.

FALEMOS DE SABARA

Falemos primeiro de Sabará, aonde vão ter, como a inúmeras outras cidades tradicionais de Minas, gente de toda parte, professores, estudantes, artistas, intelectuais diversos, turistas, novos "snobs" e vagabundos de todos os quadrantes. Vêm aos punhados, em embaixadas de estudo, de intercâmbio cultural, acompanhados ou isolados. Muitos trazem seus roteiros, que cumprem à risca. Outros surgem sem programas, sem mesmo saber o que desejam ver. Grande parte vem

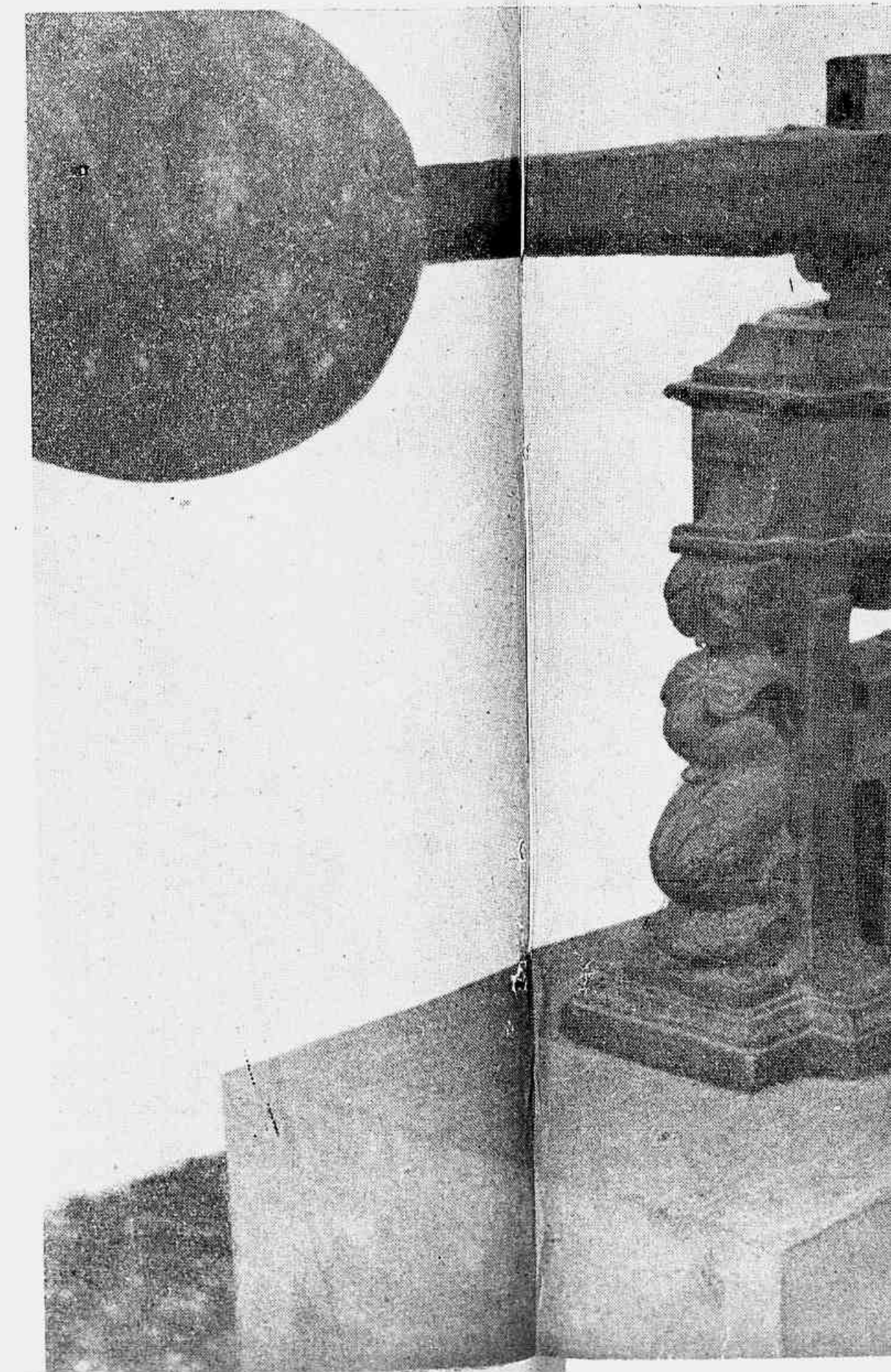
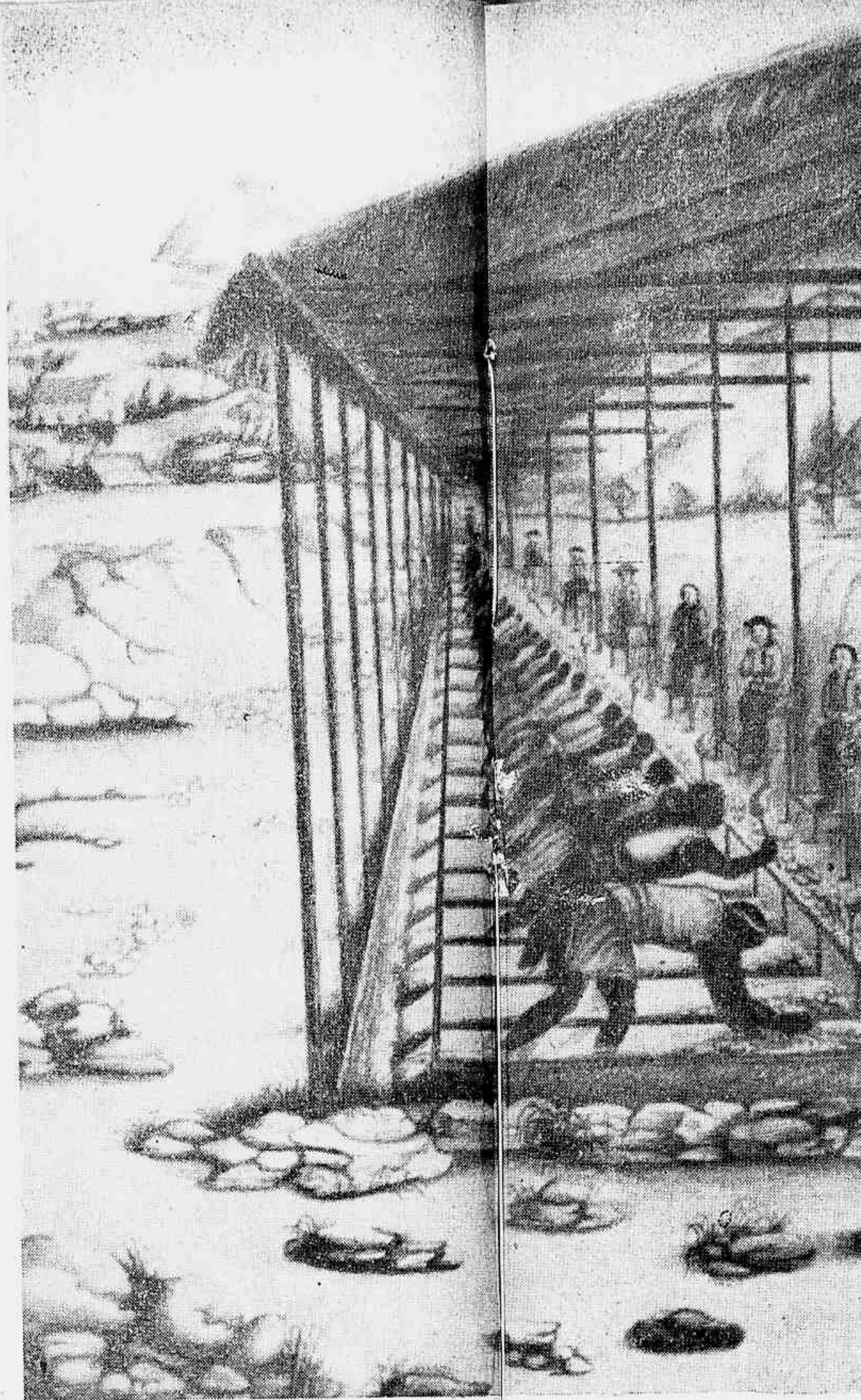
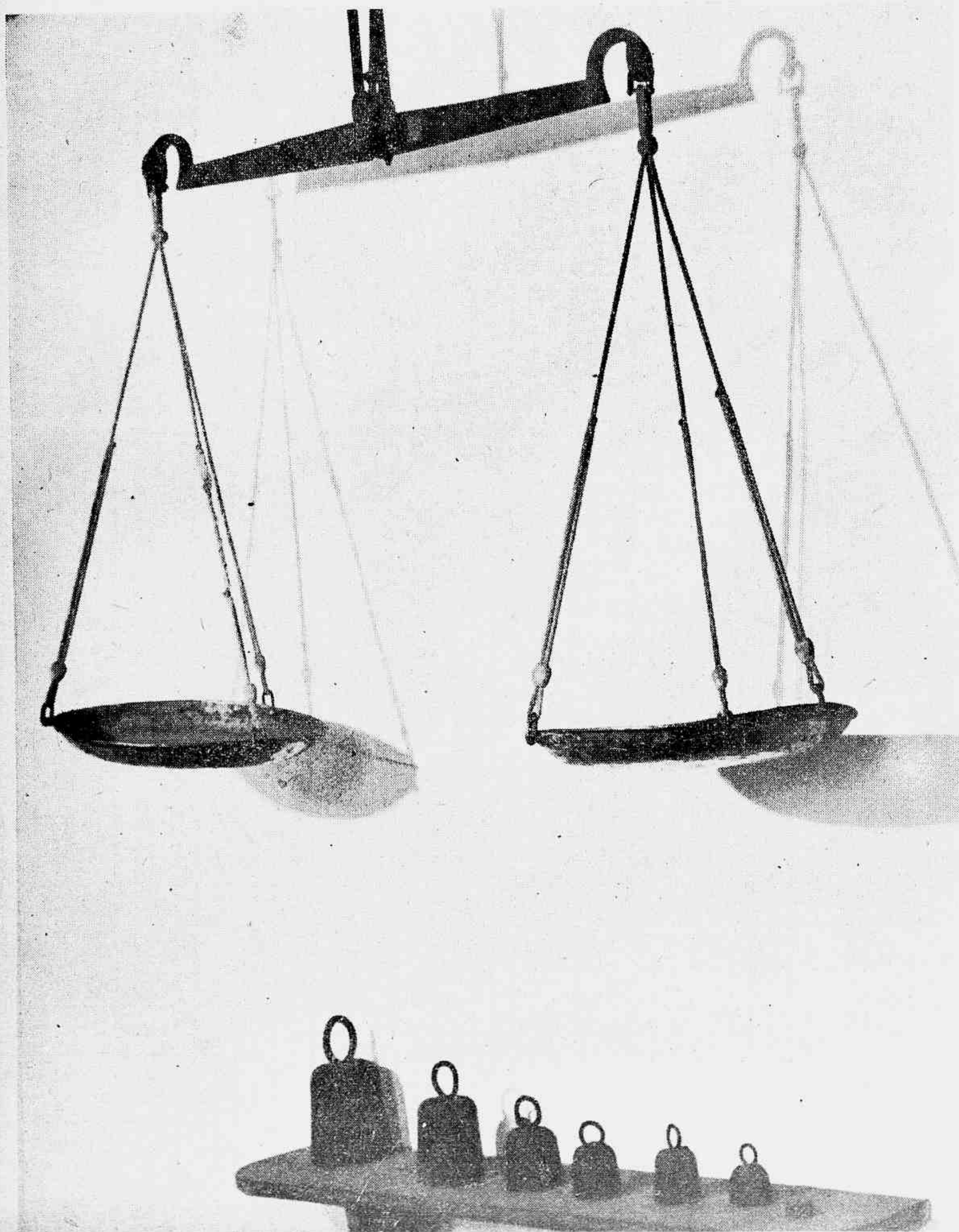
por conta dêsse ou daquele governo e, quando isso não conseguem, tratam de obtê-lo através de uma secretaria qualquer do governo mineiro, sempre pronta a atender aqueles que demonstram interesse pelas coisas do rico passado das gentes das Alteirosas. Muitos são mesmo estudiosos, mas há os que olham as coisas do Aleijadinho, ajoelham-se nas igrejas, desgostam-se das construções coloniais, maldizem os caminhos e se vão com a vista tão vazia como se jamais tivessem aberto os olhos.

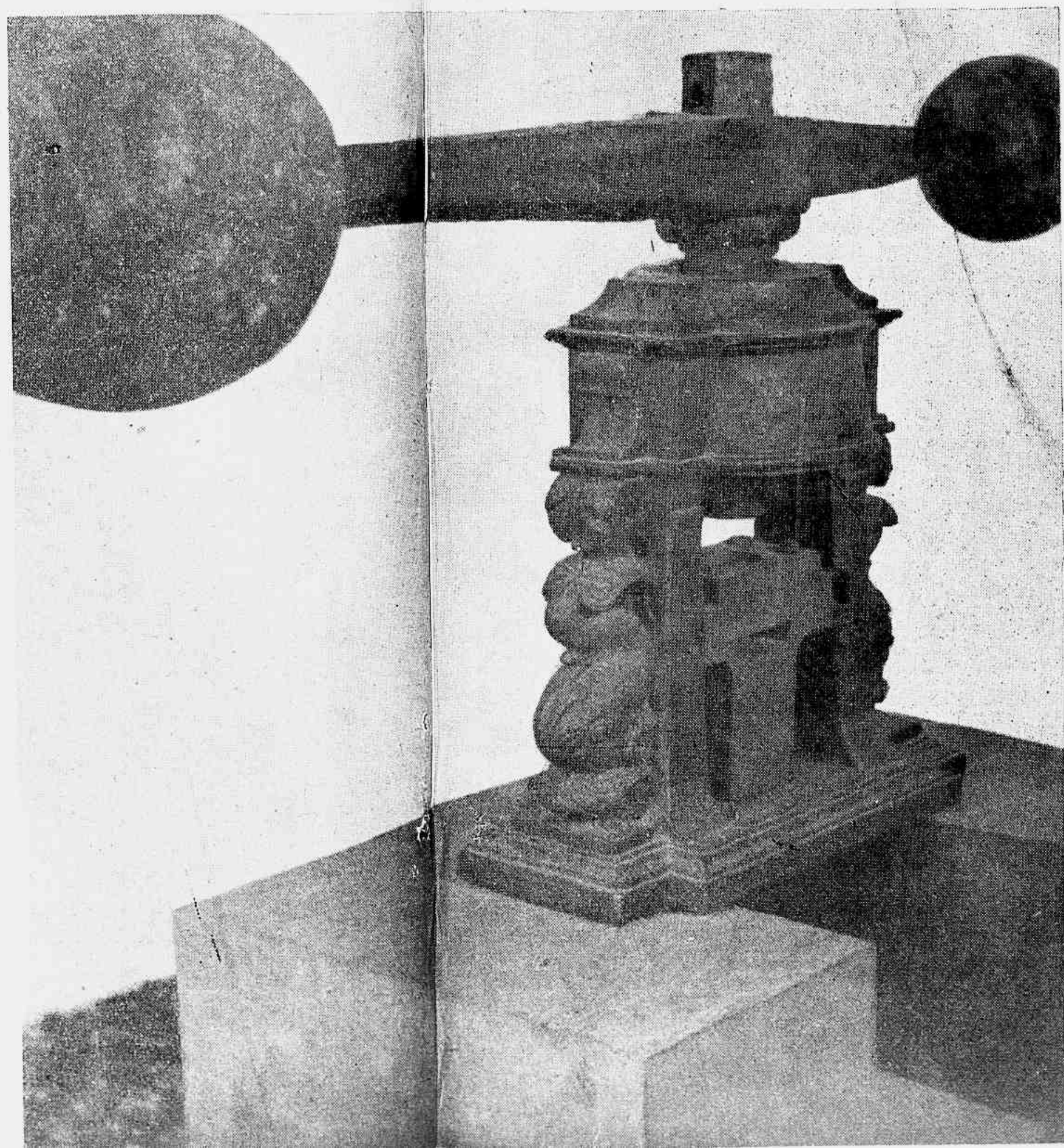
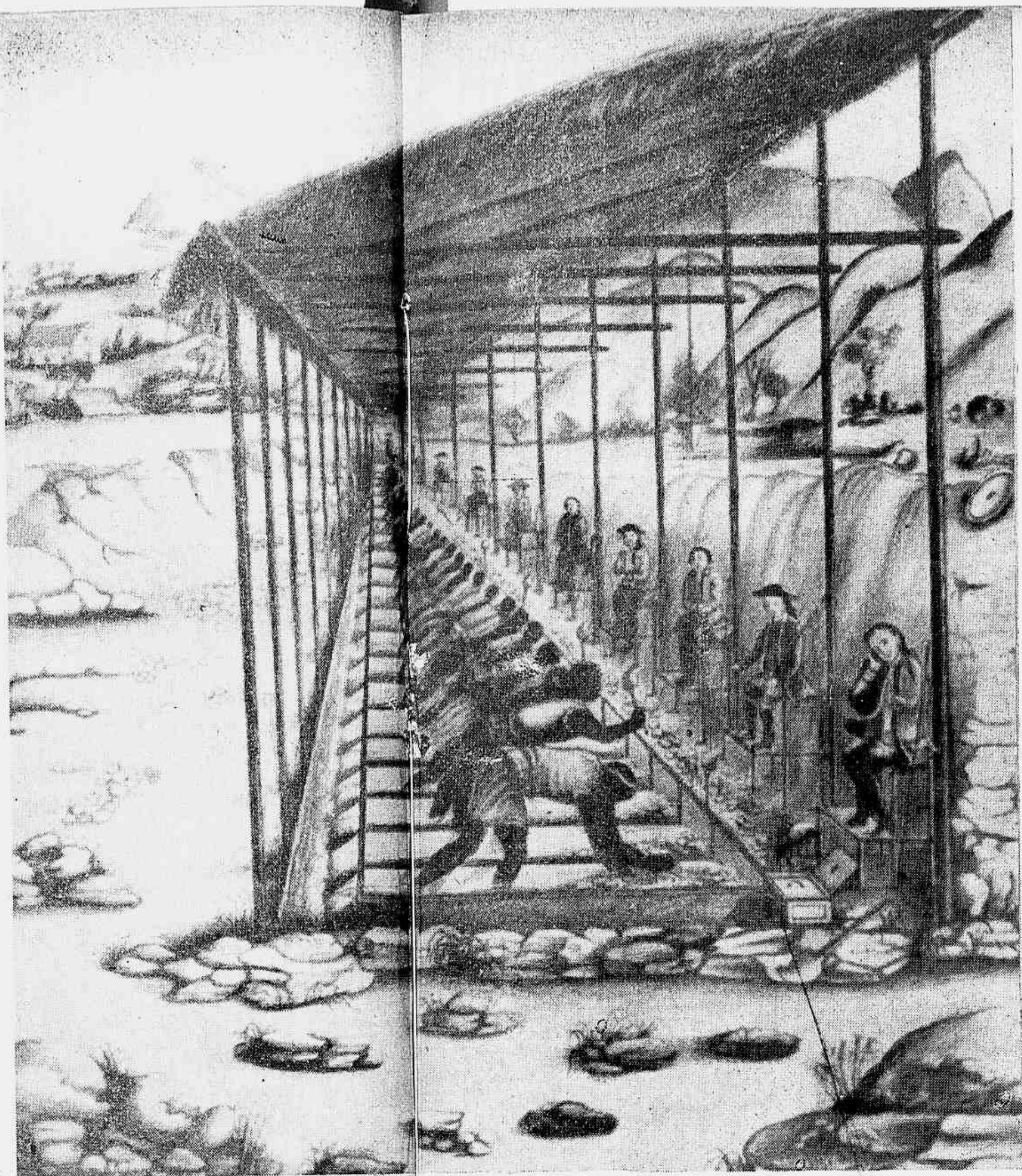
Dêsse modo são visitadas muitas cidades como Ouro Preto, Mariana, Congonhas, Sabará, Diamantina, S. João Del Rei e outras.

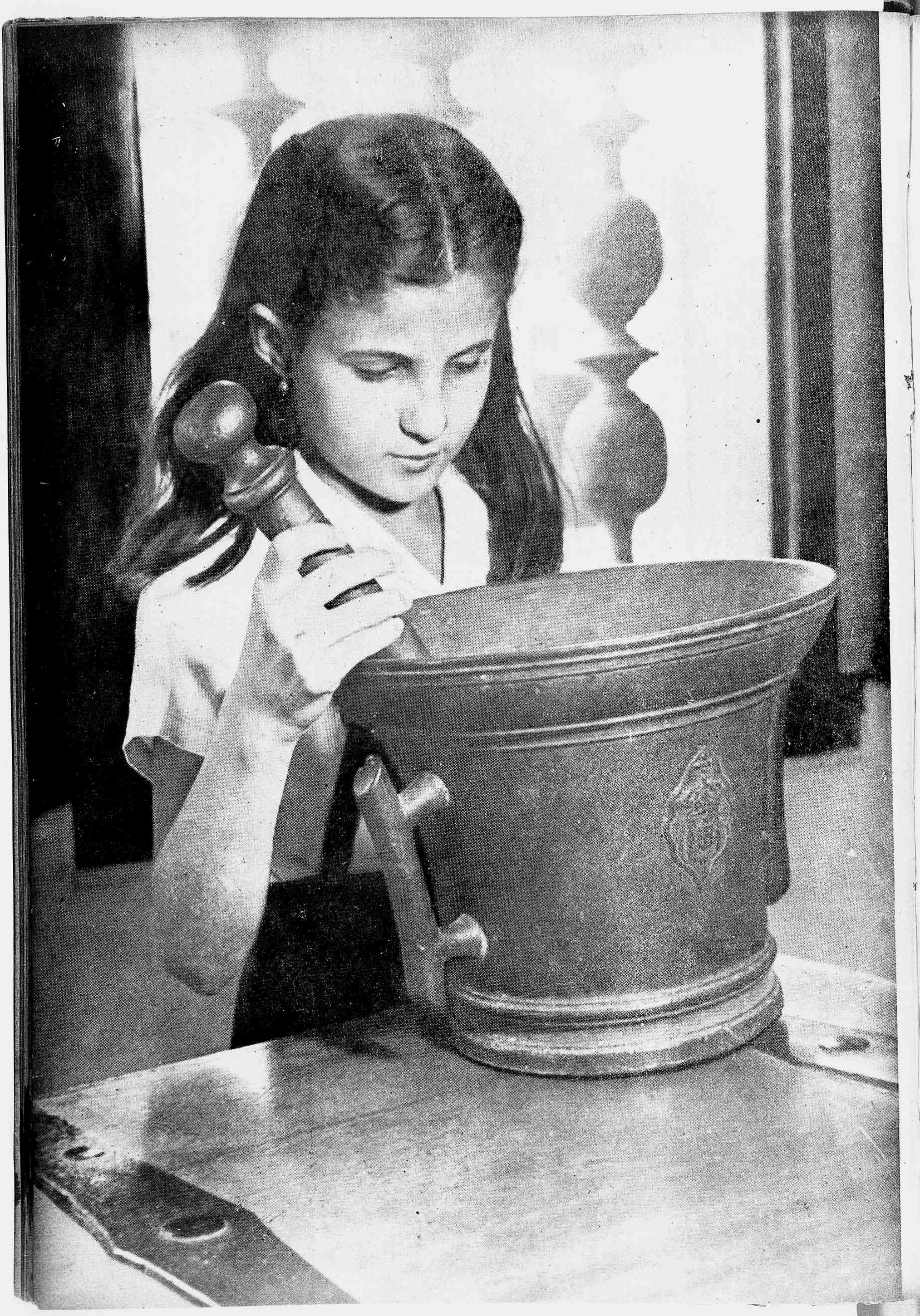
Mas, voltemos a Sabará, que em 1711 foi elevada a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará-Rio das Velhas e somente em 1876 foi promovida a cidade. E' hoje um núcleo em parte diferente da daqueles primórdios, quando o chafariz de

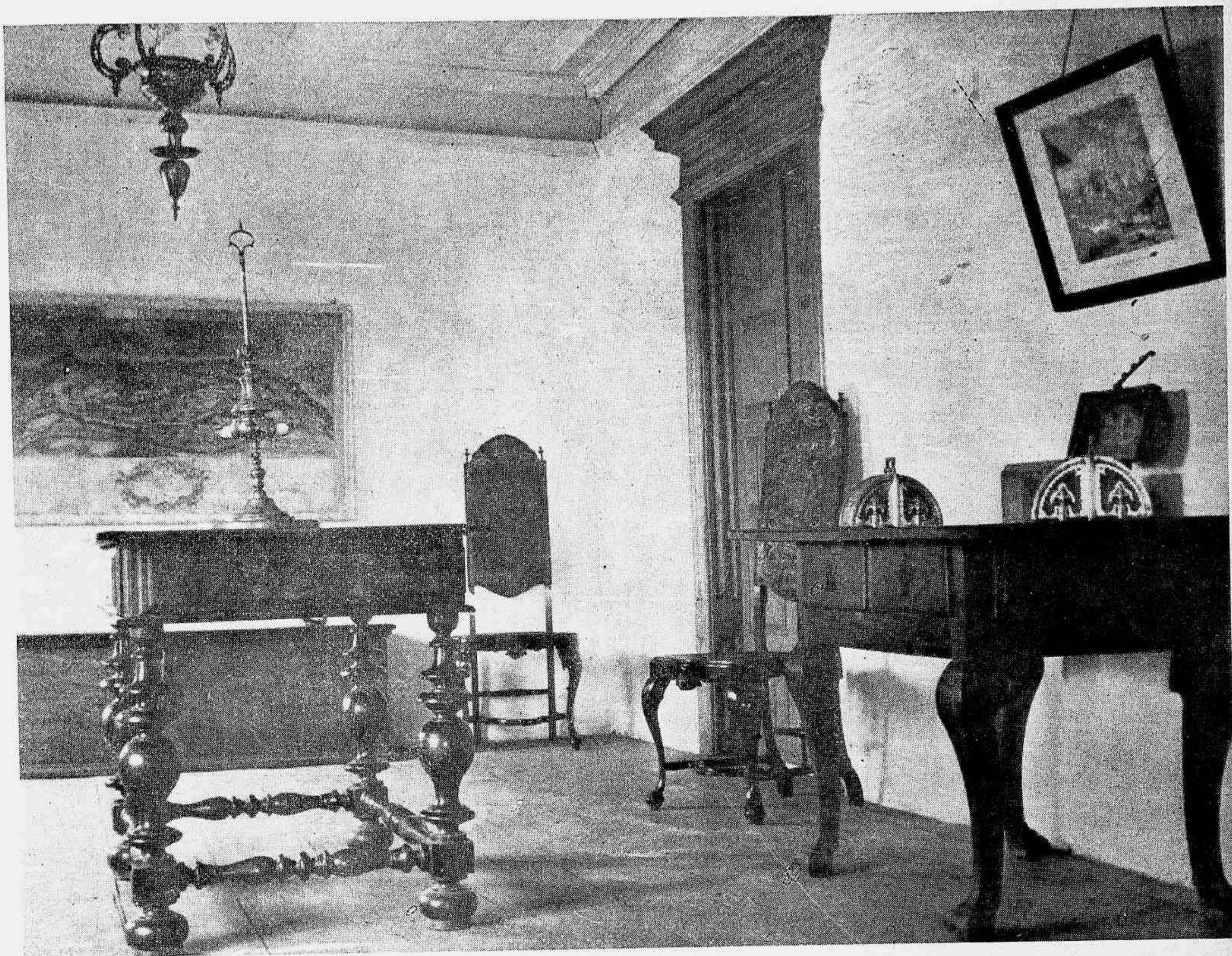
Caquende "fartava a sede de 766 indivíduos, habitantes de 850 fogos". E' hoje uma cidade onde ainda sobram casas para alugar, não resta dúvida, mas já não tem aquela importância política, onde, entre muitas outras unidades, existiam 20 companhias de ordenança organizadas com homens brancos, 11 de homens pardos e 7 de homens negros. A sua atual importância é histórica, embora funcione ali uma grande indústria siderúrgica e produza grandes, negras e doces jaboticabas. A história da cidade se conta através de retabulos, púlpitos, altares, tetos, ornatos de barro, granito, mármore, metal, madeira ou pedra sabão. Muitos livros preciosos que registram suas coisas desapareceram definitivamente, roídos pelas traças, mas sabemos de seus jornais, muitos jornais, entre os quais havia os de nomes pitorescos ou bastante significativos, tais como "O Atleta Sabarense", "Diabo Côxo" "A

Balança e pêso de pesar ouro, hoje no Museu. Não verificamos se ainda pesa com exatidão. Será que pesava certo?









Na página à esquerda — Cadinho de fundição, objeto da coleção que se vê hoje no Museu do Ouro de Sabará. Ao alto — Objetos históricos no Museu do Ouro: mesas, cadeiras, candelabros, quadros etc.

Borboleta", "O Escândalo" ou "O Óculo".

A cidade é atravessada pelo rio das Velhas, embora êsse rio não seja mais o que foi, e ainda guarda reminiscências da inauguração de sua estação telegráfica e da estrada de Ferro Pedro II, em 1888.

HISTÓRICO E PITORESCO

Mas se o leitor exige detalhes que não cansem, lembremos que

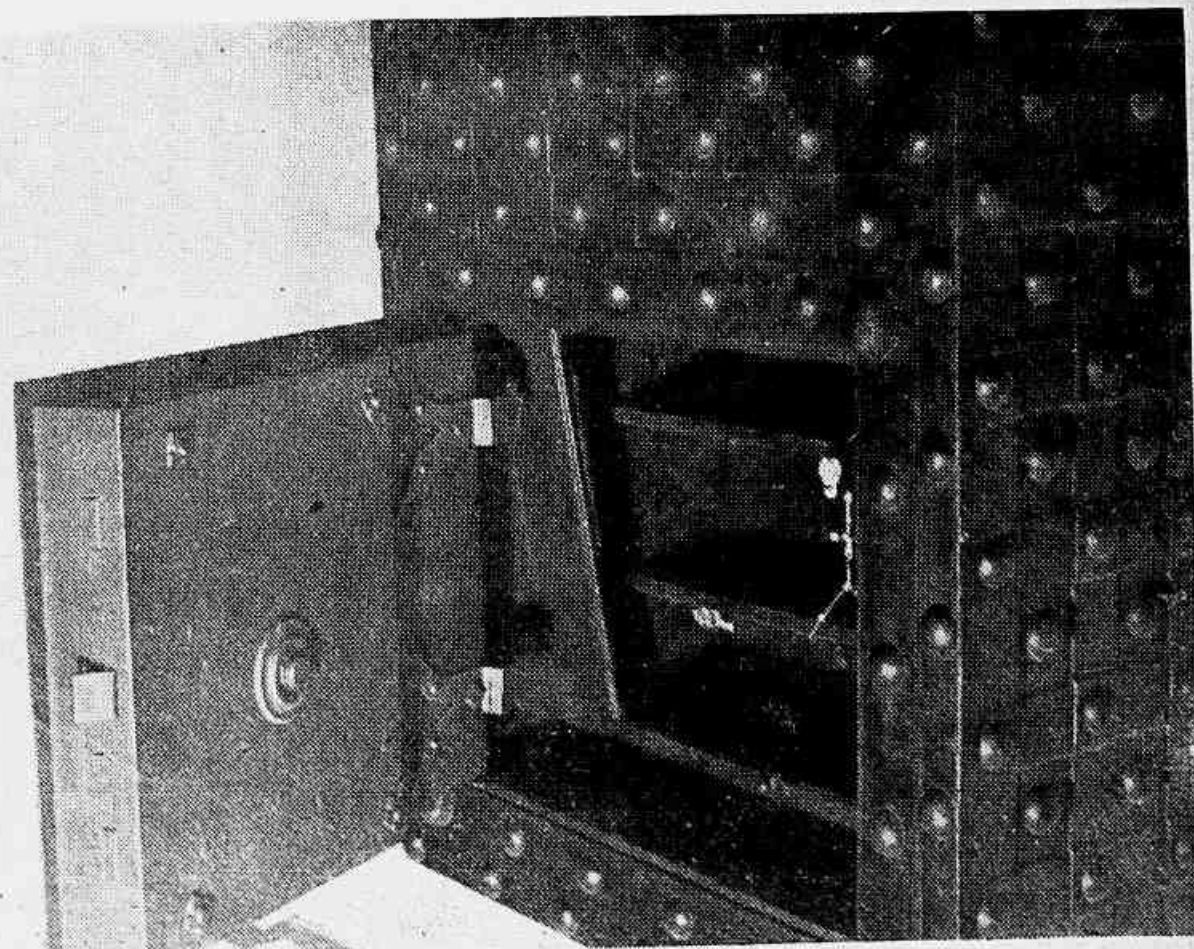
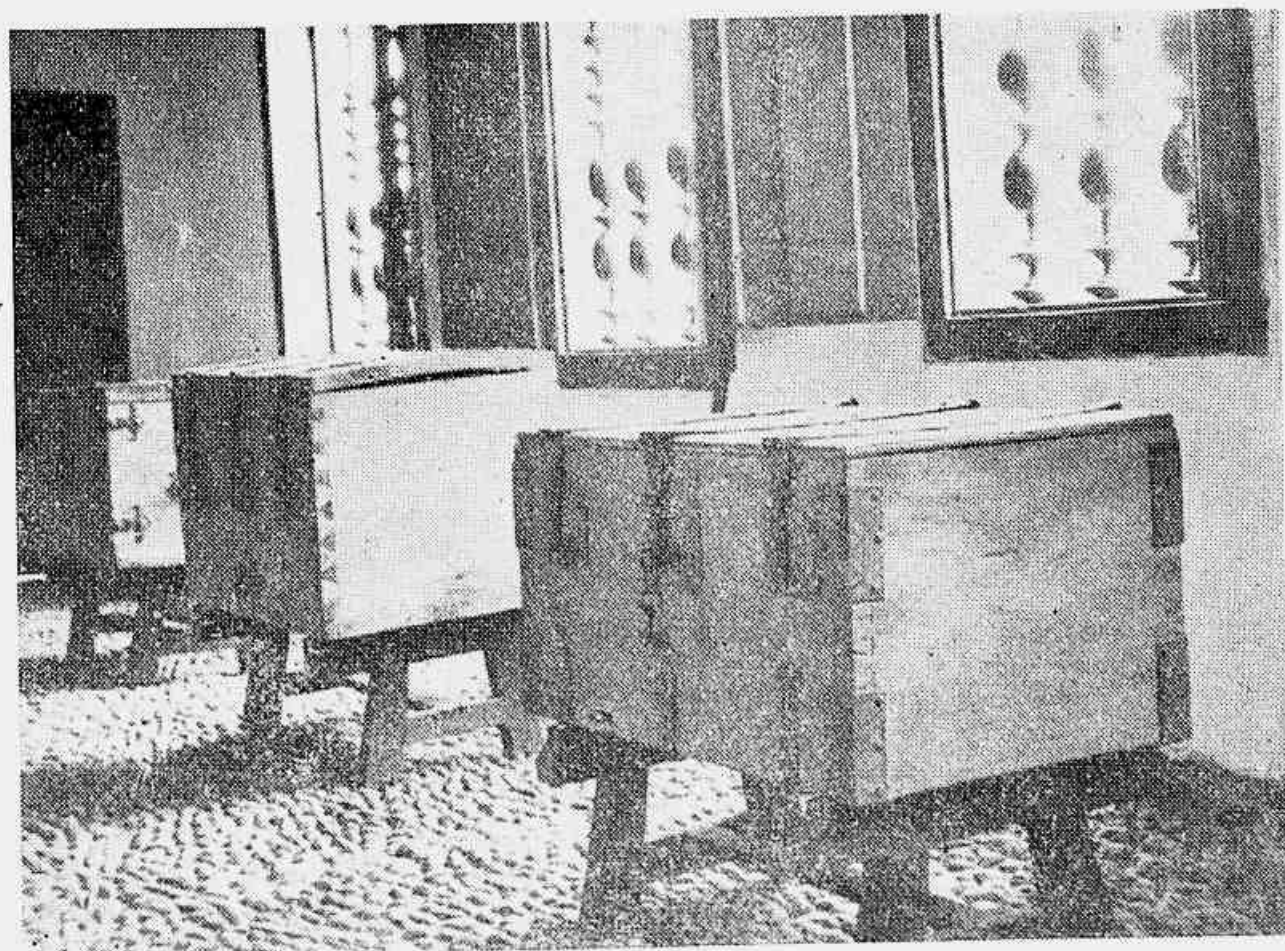
Sabará já foi célebre também pelo grande número de macróbios que nela viveram ali por mil setecentos e tanto, entre eles um de apelido "Cabelo", "dando-se ao serviço de fóro e ainda tão sagaz na sua arte, e na arrumação de contas, que rivaliza com o mais esperto contador". Tinha para lá de seus cem anos e como êle, existia mais de uma dezena de outros.

E foi a cidade teatro de uma grande batalha e chegou a cair

em poder dos emboabas. Por ocasião do movimento político que irrompeu em Minas em 1842, o relógio da Câmara de Sabará estava atrasado e quando serolheu ela aderir já a legalidade havia conseguido vencer. O resultado foi uma luta renhida e heróica que terminou com a derrota dos sabarenses e de todos os demais revolucionários.

O tempo passa depressa e muita coisa vai sendo esquecida. De vez em quando, melhor dizer,

constantemente, um estudioso desencava novo documento e a história é acrescida. Às vèzes, torna-se mais complexa, com o acréscimo de novos fatos. Em vez de se simplificar, a história de Sabará vai se avolumando, os compêndios vão crescendo, os estudantes tendo mais trabalho. Outras vèzes, apenas uns tantos especialistas vão tendo conhecimento das novas descobertas que passa a um ou outro curioso. Mas,



A esquerda — Ali nestas arcas, se guardava o ouro da casa da Intendência. À direita — O pesado cofre de guardar valores, que hoje se vê no Museu do Ouro de Sabará



MODELOS PARA

Gente moderna...



Para aquelas que pretendem se divertir no Carnaval, mas sem fazer fantasia; para aquelas que ainda não passaram dos vinte e dois, reunimos aqui algumas sugestões graciosas e encantadoras: — Nas quatro fotos à direita temos: 1 — Modelo em cetim cinza chumbo com renda preta, magnífica sugestão de Virginie. 2 — Em "tulle" branco, com um ombro só descoberto, outro coberto com rosas de tafetá. Criação de Jane Sylvain. 3 — Em organdi branco com laços rosas ou azuis aplicados em renda. Modelo elegante de Martial et Armand. 4 — Saia em brocado com laços de veludo negro. Corpete de veludo com punhos largos em organdi plissado. O mesmo no decote e na "basque". — A' esquerda: a encantadora Deanna Durbin da Universal, sugere este magnífico modelo em organdi branco com aplicações de bordado em ouro. Finalmente na foto abaixo: Modelo de Pierre Benoit, em "tulle" branco, com borboletas rosas e azuis espalhadas sobre a saia e uma grande sobre o busto.



Cabeças



Se você é original e gosta de usar aquilo que ninguém se atreve a usar, então por certo gostará das sugestões desse punhado de garotas bonitas que Samuel Goldwyn reuniu num dos seus filmes. A imaginação do criador destes modelos é sem dúvida, muito fértil, pois vamos da simples bicicleta à inclinada torre de Pisa. De qualquer forma, você poderá ter a certeza de levar à cabeça qualquer coisa realmente inédita.



AS TRÊS REGRAS VITAIS



A esquerda — O creme de limpeza poderá ser aplicado com um pincel. A direita — Os cantos da boca e dos olhos, são pontos vitais...

E' no verão que a mulher deve cuidar melhor da sua beleza, pois o sol, o vento e a poeira são os seus grandes inimigos. Infelizmente, no entanto, muitas são as que, durante esses meses não cuidam devidamente da sua aparência, pois o mar "estragará tudo"... É uma teoria errada e contraproducente, pois que, ao chegar o inverno, muito maior será o trabalho de se pôr em dia com a beleza. O que todas devem fazer, em relação à pele, é seguir as três regras vitais que consistem em: limpeza,

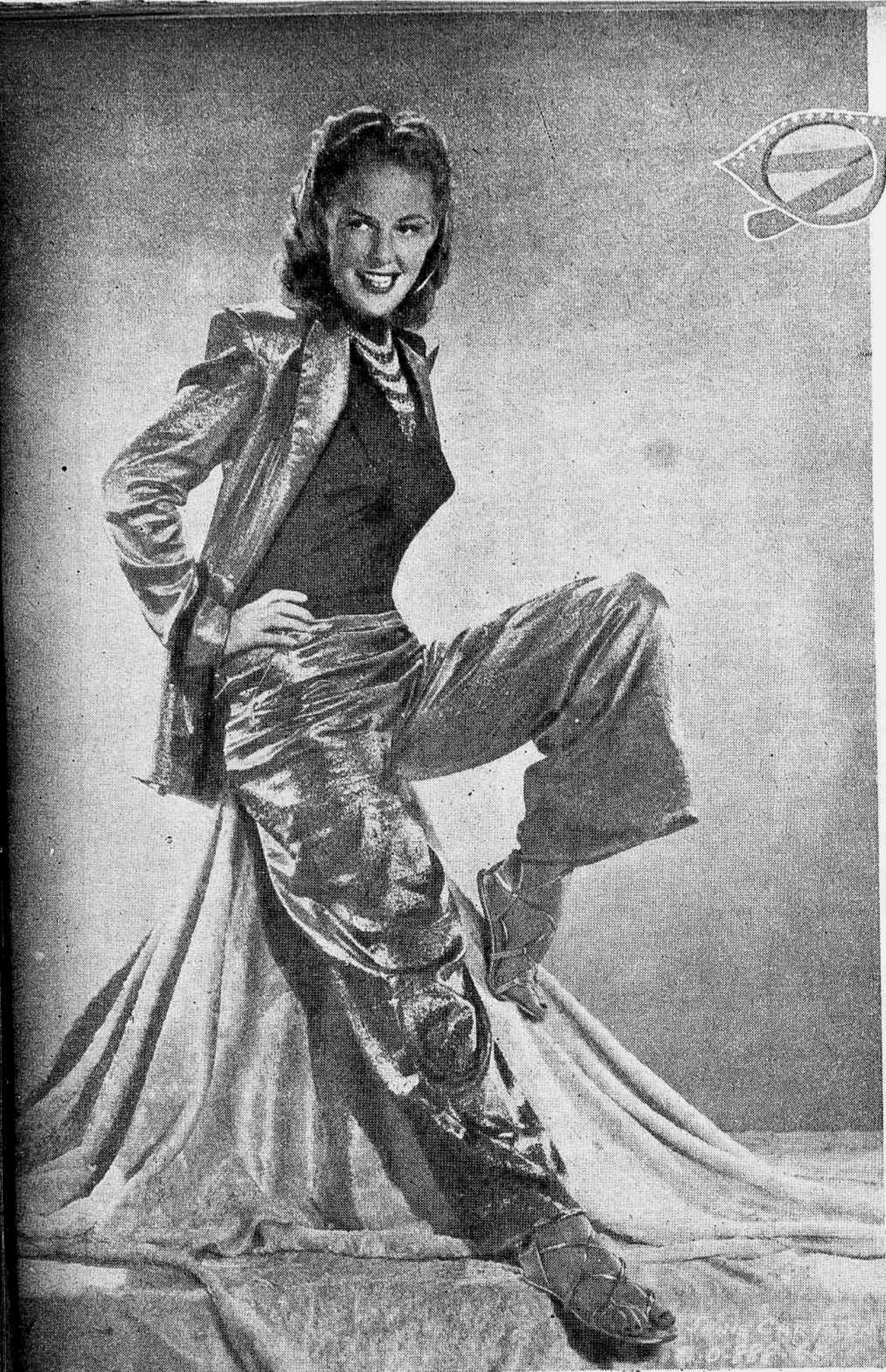
"estimulação" e lubrificação. A primeira consiste na aplicação de um creme de limpeza destinado a remover todas as camadas de creme, "rouge" e pó, existentes sobre a pele. A segunda está na aplicação de uma boa loção que revigore os tecidos e ative a circulação, e a terceira está, como o próprio nome o diz, na "lubrificação", isto é, na aplicação de um creme lubrificador, que proporcione à pele a sua necessária oleosidade e a sua aparência de saúde e mocidade.



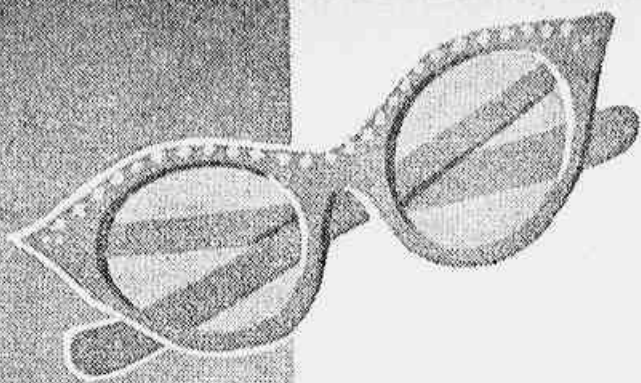
A esquerda — Também a testa merece cuidados especiais... A direita — O excesso é em seguida removido...



A esquerda — A loção "estimulante" poderá ser aplicada sobre um chumaço de algodão. A direita — Finalmente, a "lubrificação"... Um bom creme deve ser escolhido



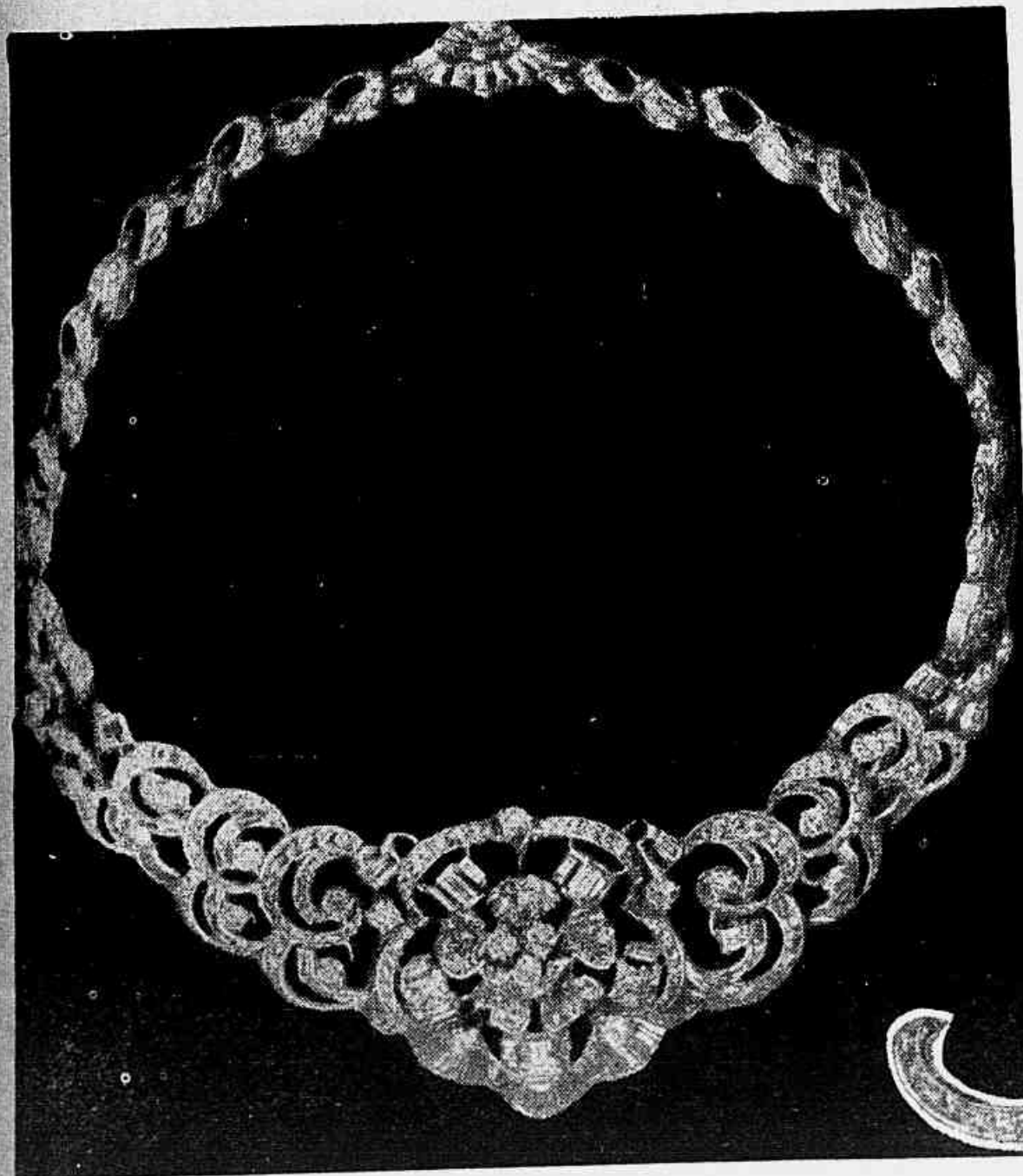
Elegantíssimo este pijama em "lamé" dourado, para ser usado com uma blusa em pesado crepe azul marinho, ótima sugestão para o Carnaval que se aproxima



A fantasia também atingiu os óculos de verão... À direita — Casaco "três quartos" em linho amarelo para praia



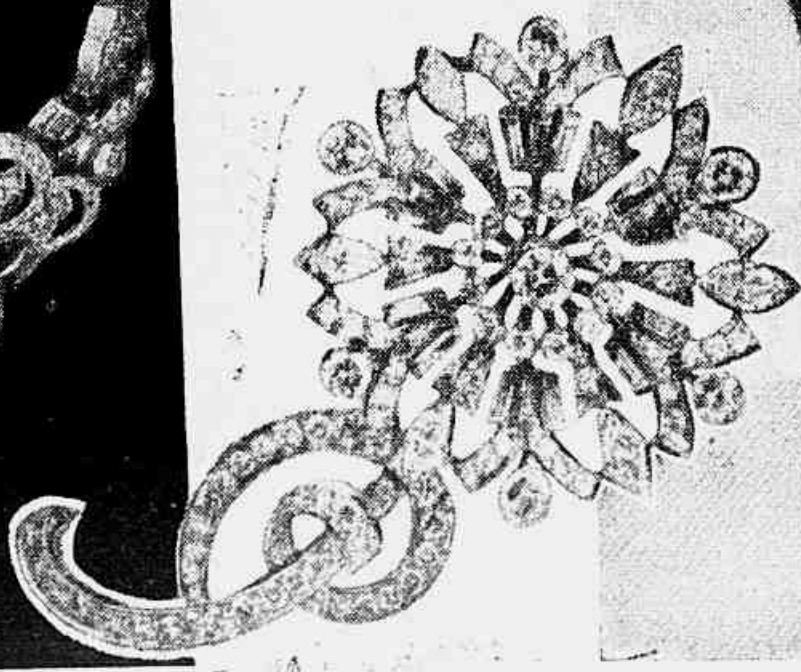
DETALHES E NOVIDADES

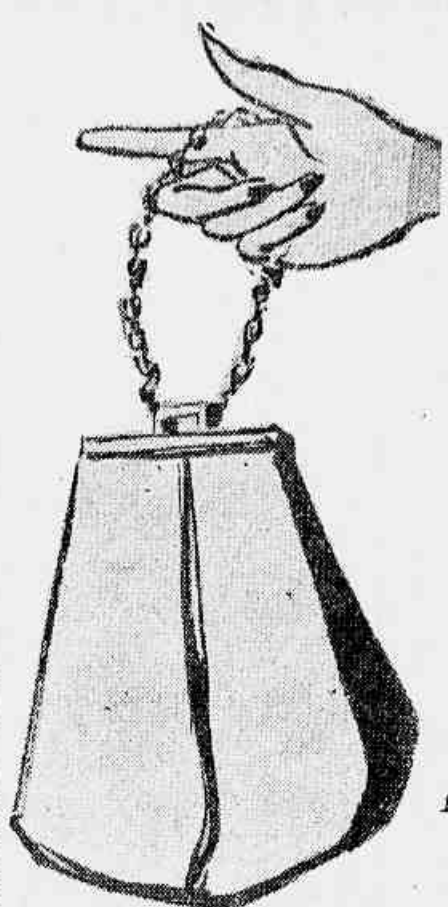


À esquerda — Magnífico colar em platina e brilhantes

À direita — Sapato em camurça preta. Foi lançado por uma das grandes fábricas da França

Broche em ouro branco com pedras multicores em forma de flores





Uma corrente de ouro serve de alça para esta bolsa de antilope negro

Saco para praia em linho cru, bordado em linha grossa

Uma grossa trança formada por duas "echarpes" de "gaze" em tons diferentes, substitui o "turbant"



Penteado para o alto. Franjinha na frente



Cremes gelados e sorvetes são as sobremesas ideais para o verão...

O vinagre ataca as caçarolas e recipientes de alumínio, principalmente os de inferior qualidade.

Para que uma caçarola de esmalte não conserve o cheiro da gordura, recomenda-se ferver nela algumas batatas bem feculosas, amassá-las em seguida e friccionar a caçarola com essa massa.

Os utensílios de ferro esmaltados são bons, mas se deve ter o cuidado de não os golpear, porque assim se desprendem facilmente escamas de esmaltes que podem incorporar-se aos alimentos.

SALADA DE ASPARGOS

Arrume em pratinhos, 2 folhas de alface, no centro coloque uma colher de molho de maionese, sobre esse uma rodela de tomate, novamente faça com o molho de maionese uma pirâmide e coloque por cima algumas cabeças de aspargos. Ao lado ponha duas rodelas de ovos cozidos.

PRATO FRIO

Aproveite sobras de assado, corte em fatias finas e arrume-as com fatias de salichas, rodela de ovos cozidos, pepinos em conserva e folhas de agrião.

OMELETE DE PRESUNTO

Corte em fatias finas 100 gramas de presunto e frite em 1 colher de manteiga. Despeje por cima 4 ovos batidos

com pouco sal e deixe cozinhar. Sirva essa maionese com molho grosso de tomate, peneirado.

VAGENS COM MANTEIGA ESCURA

Afervente uma porção de vagens já sem os fios, escorra a água e misture-as com bastante queijo ralado. Arrume o prato e regue com manteiga queimada.

PEDACINHOS GOSTOSOS

Bata dois ovos inteiros, 2 gemas e 1 colher, das de sopa, de açúcar. Junte 1 colher das de chá de canela em pó, 1/2 xícara de queijo ralado, 1 colher das de chá de essência de baunilha e 1 colher de sopa de farinha de trigo. Misture bem e frite às colheradas. Polvilhe com açúcar e canela.

SOUFFLÉ DE AMEIXAS

Bata em neve 3 claras, junte 6 colheres das de sopa, rasas, de açúcar e 200 gramas de ameixas pretas bem picadas. Leve ao fogo brando e sirva com creme de baunilha.



Há um "chic" e uma "personalidade" nas mesas iluminadas por velas

BANANAS COM CHANTILLY

Frite em manteiga algumas bananas prata cortadas ao meio horizontalmente. Arrume-as em tacinhas, cubra-as com geléia de abricó e enfeite com creme de Chantilly.

SUGESTÕES VARIADAS



MAIS algumas interessantes e variadas sugestões, apresentamos nesta página, para os alegres e coloridos bailes carnavalescos. A esquerda: -- A "rainha", Viveca Lindfors da W. B. revela toda a opulência das côrtes de Espanha, ostentando um traje suntuoso em tafetá listrado e veludo negro. Em cima: -- Um chapéu original tipo "1900". Em baixo à esquerda: -- A "camponesa" Ann Todd da Paramount, com vestido de algodão vermelho e avental de listras verdes e brancas. Lenço quadriculado na cabeça. A direita: -- A "Girl" Virginia Mayo da R. K. O. com um interessante e sugestivo modelo em rendas negra e lantejoulas.





Inspiração DO PASSADO



INSPIRANDO-SE no passado longínquo e romântico, aqui estão quatro interessantes sugestões para o alegre e despreocupado período carnavalesco.

Ao alto, à esquerda — Lá pelos fins do século passado, era assim que uma senhora se apresentava nos "garden-parties" ou às corridas... Como vêem, já naquela ocasião usavam-se as bandas drapeadas sobre os quadris, terminando atrás em laço... Usa-o Geraldine Fitzgerald. À direita — Drapeados, fitas, babados e laçarotes eram indispensáveis para revelar a "classe" de uma dama elegante. Pôse de Ann Todd, da Paramount. Em baixo, à esquerda — As plumas que enfeitam este modelo em bordado salpicado de lantejoulas davam grande suntuosidade a um modelo de noite, usado no início deste século. Jóias também vistosas, de acôrdo com a época. À direita — Uma senhorita elegante e graciosa de alguns anos passados... Agradável sugestão de Jean Simmons, da Universal-International. O modelo é executado em tafetá e organdi com sugestivos babados arrematados por bordado inglês



Do Japão ao Hawaii



A esquerda — Madame Butterfly, na criação de Betty Hutton, da Paramount... À direita — Há sempre uma sugestão de mistério nas mulheres da Índia... Gail Russell preferiu aumentar a sua beleza com um traje assim, com vestido e "cecharpe" em "lame" cor de chamba. Galão dourado



Ela... a feiticeira... As ciganas estão sempre em moda, principalmente uma cigana assim, à "la Mariene"...



Ao alto — Não, essa não é a "dona abóbora"... É apenas Virginia Welles, da Paramount, disposta a fazer "misérias"... Em baixo — Viva "a ruibaca"!... Organdi, galões dourados e carpete de veludo. Muitos babados e... pouca raça...



A direita — Para terminar, nada melhor do que uma bela "hawaiana", como por exemplo, Virginia Welles...



ANIVERSÁRIO DE

Conto de ROBÉRIO JULIO

O sol infiltrava-se pelas cortinas e difundia pela sala uma claridade repousante. Passos abafados que vinham e retornavam ao corredor, um ruído leve de pratos e talheres que se tocavam e o marulhar incessante das ondas espraiando-se lá em baixo, era tudo o que se ouvia.

Renato olhou de soslaio para Alaíde — alimentara-se pouco e uma ruga sulcava-lhe a fronte. Desde o começo do almoço que não falavam. Notando que a esposa não estava propensa a palestrar, conservara-se em silêncio. Por que ultimamente andaria tão retraída? Preocupava-o bastante vê-la encimesmada por tanto tempo. Alaíde era um temperamento comunicativo e quando ficava triste ele sabia logo o motivo: Luizinho adoecera ou, então, invariavelmente, a causa estava na sua sensibilidade, no seu extremado sentimento de solidariedade humana e fora a visão do sofrimento alheio que a contristara. Nesses momentos desabafava com ele. Acalentava-a com o seu jeito próprio de animar as pessoas, peculiar à profissão e que nele se desenvolvera durante os anos de adversidade, quando era preciso encorajar a si mesmo e aos companheiros pobres. Alaíde sempre recorria a ele, certa de encontrar amparo. Constantemente solicitava a sua ajuda para amenizar ou resolver situações. E ele fazia isso com prazer. Atendendo a esposa estava também — como pensava — cumprindo um dever moral. Nisso, como em tantas outras coisas, suas tendências eram convergentes. Também, às vezes, ela ficava um pouco concentrada meditando sobre os seus escritos, "entregue às cogitações literárias" — como ele dizia em gracejo — mas era apenas isso. Agora não, já há algum tempo que a notava diferente. E ela nada lhe dissera. Não seria a ausência de Luizinho — que passava uns tempos em casa dos avós — pois o via diariamente. Sua tristeza parecia derivar de alguma causa muito íntima. O que seria? Ela ocultava-lhe talvez para não aborrecê-lo. Não queria forçar uma explicação para não constrangê-la e esperava que contasse espontaneamente.

Resolveu arriscar um comentário:

— Uma bela tarde, não acha, Alaíde?

— E' sim...

A resposta vaga e sem vontade desgostou-o. Com carinho, interpelou:

— Estás sentindo alguma coisa? Quase não comeste.

Estremeceu ligeiramente como se tivesse sido arrancada de uma abstração, ia respondendo quando a cigarra tocou. A empregada que servia a mesa foi abrir a porta. Era Anita, amiga íntima do casal.

— Boa tarde. Cheguei em boa hora...

— Boa tarde, Anita.

— Como vai?

— Almoça conosco?

— Obrigada. Almocei mais cedo porque tenho diversas compras a fazer e vim buscá-la...

— Ah, querida... vai me perdoar, mas não posso acompanhá-la. Seria um grande prazer e também preciso de umas miudezas. Acontece, porém, que estou indisposta.

— Que pena! Talvez que saindo...

— Hoje não. Na primeira oportunidade pode contar comigo.

Anita acomodou-se numa poltrona.

— Que sentes, Alaíde? Não tens te queixado. — perguntou Renato interessado.

— Mal, mal, "casa de ferreiro..." O marido é médico e ela não o consulta. — interrompeu Anita, pilheriando.

— Não é nada, Renato. Fica tranquilo. Estou tomando aquelas capsulas que receitaste há tempos.

Compreendeu que a esposa estava com saúde. Sua indisposição era de espírito e lançara mão daquela desculpa para esquivar-se à saída. Dirigiu-se à visita:

— Tem se divertido muito, Anita?

— Não, não muito. André tem andado ocupadíssimo. Ontem, a muito custo, consegui arrastá-lo a um cinema. Por sinal, não gostamos do filme.

— Qual?

— "A mulher que voltou". Vocês já viram?

— Não.

— E' a história de um homem cuja esposa apaixonou-se por outro e ele a deixa partir conformado. Ela se dá mal e volta. Ele a recebe e tudo continua como antes. Enrêdo pobre e artificial. Qual o marido que deixaria a mulher ir embora sem intervir e consentiria depois em tornar a viver com tal criatura? Uma nobreza dessas já não é humana.

— Até um certo ponto discordo de você — disse Renato.

— Por que? Até que ponto?

— Acho razoável que, vendo-a apaixonada por outro, não fizesse para detê-la. Que adiantaria obrigá-la? O caso também devia envolver o seu amor próprio. Se já não gostava dele, era natural que seguisse o outro.

— Você falou em amor próprio, ele, entretanto, aceitou-a arrependida.

— Por isso, disse que discordava até um certo ponto. Consentir que ela volte concordo ser um desfecho forçado. Creio que pouquíssimos homens fariam isso. Aliás, para voltar era preciso que ela fôsse desbriada e isso agravaria a situação.

— Eu vou além — prosseguiu Anita — se ele gostasse dela deveria fazer tudo para prendê-la. Não digo que a coagisse. Trataria de reconquistá-la. Se você, por exemplo, soubesse que Alaíde estava gostando de outro, ficaria de braços cruzados?

— Ficaria. Pelo simples motivo de que já seria tarde. Se tal acontecesse era porque se havia enfadado de mim. Nada restaria fazer. Eu sofreria muito, talvez que isso arruinasse minha vida mas deixaria-a partir. Agora, é claro que nunca recebê-la-ia de volta.

— Que personificação mais sem nexo. — atalhou Alaíde nervosamente.

— E' mera hipótese, querida. Qual a tua opinião? — perguntou Renato.

— Concordo contigo.

Terminada a refeição, Renato convidou Anita para ir ao centro da cidade no seu carro. Ela aceitou. Alaíde levou-os até o elevador. Em seguida, foi para o quarto, fechou a porta e atirou-se na cama. Que situação! Como confessar a Renato que amava outro homem e pedir-lhe o desquite? Ele era tão bom. Amava-a tanto. E Luizinho tão agarrado com o pai. Começou a chorar como uma criança perdida.

★

Tudo começara seis meses antes. Ela, Renato e Luizinho tinham ido passar as férias numa fazendola. Poderiam, assim, descansar melhor, livres das exigências sociais das estações elegantes. Lá conhecera Eduardo. De início não o distinguira dos demais hóspedes. O rapaz, no entanto, desde logo começou a olhá-la com insistência, o que, por vezes, aborrecia-a. Três dias depois de terem chegado, Renato fora obrigado a regressar ao Rio. Adoecera gravemente um antigo

Ilustração DE ANA ZAGORSKA
Selecionado pela REVISTA DA SEMANA

cliente e a família telegrafara-lhe rogando que voltasse. Quis acompanhá-lo. Ele discordara. Era tolice — dizia — interromper o veraneio só por sua casa. Ela e o garoto ficariam o resto do tempo. Se pudesse, viria buscá-los. Entristecera. Raramente se separava do marido. Mas, não insistiu. Não queria que Renato se sentisse constrangido por vê-la perder as férias. Antes tivesse teimado... Após ele partir, Eduardo tentou aproximar-se. A princípio, evitou-o delicadamente. Ele continuava insistindo e, insensivelmente, sem que se apercebesse, em breve se estabelecia entre ambos uma certa camaradagem.

Eduardo era um temperamento bem diferente de Renato. Tinha um modo esportivo, irônico e galhofeiro, que recorria — conforme pudera notar — um gênio voluntarioso. Dêses homens que não olham obstáculos e preconceitos desde que se trate de satisfazer um desejo ou conquistar qualquer coisa. Por isso, quando contrariado, parecia um pouco rude, embora, por educação, não chegasse a ser incivil. Renato era também dotado de uma vontade forte, mas orientada pela razão, comedida. Selecionava seus objetivos e não se deixava influenciar por caprichos. Eduardo, ao contrário, dizia-se "um selvagem mal amestrado".

— Rapaz rico, mimado pela vida... — dissera-lhe, certa vez, em resposta. Ele achava graça. Formado em Direito, nunca exercera a profissão. Era vice-presidente de uma grande empresa que pertencia a um tio, mas pouco trabalhava. Seu ponto de vista sobre a questão era meio cínico:

— Nascer rico é uma sorte. Por que não aproveitá-la? Se eu fosse pobre não teria outro remédio senão esfalfar-me no trabalho. Tenho dinheiro e devo aproveitar as delícias da vida. Se agir de outra forma estarei alterando o boa lógica dos fatos.

Alaíde ficava furiosa com a argumentação mas não conseguia contradizê-lo com êxito porque Eduardo nunca levava uma discussão a sério. E ninguém como ele para saber sofismar.

O surpreendente é que ao fim das férias verificou, com espanto, que estava fascinada. Assim, quando na véspera da partida Eduardo lhe disse abertamente que a amava, ouviu-o quieta, quase embevecida. Diversas vezes, antes, ele fizera insinuação que, fingindo-se desentendida, repelia com habilidade. Naquela noite, porém, não pudera esquivar-se. Ele fôra ao assunto:

— Alaíde, certo ou errado, a verdade é que a amo. Julguei que a nenhuma mulher fizesse tal confissão. Agora, sinto que alguma coisa mudou dentro de mim. Amo-a muito... Desmedidamente. Não importa o que pense — pode me chamar de louco... Mas eu precisava lhe dizer.

Não pudera ouvir mais. Saiu sem responder, quase correndo e recolhera-se ao quarto. Passara uma noite angustiosa. Sentia-se confusa. Jamais imaginara que outro homem pudesse interessá-la. Até bem pouco estivera convicta de que, por todos os motivos, nenhum outro a agradaria tanto como Renato. Estavam casados há 9 anos. Todo esse tempo tinham sido intensamente felizes. Seu marido era bom, inteligente, carinhoso. Julgava-se mesmo premiada pelo destino. Casara por amor e... amava-o ainda. Amá-lo-ia ainda?... Que qualidades afinal, possuía Eduardo para se sentir assim perturbada? Era apenas um rapaz divertido. Não, não era possível: estava procedendo como uma colegial levada pela curiosidade. Não amava Eduardo, estava iludindo-se. Um entusiasmo passageiro, inexplicável, aliás, pois, julgava-se uma mulher sensata, equilibrada.

Renato não pudera vir buscá-la. Na manhã seguinte regressou ao Rio. No justo momento em que o trem ia partir apareceu Eduardo. Chegou-se à janela do vagão e falou com doçura:

— Até breve! Tornaremos a nos ver...

— E' melhor esquecer-me. Não pertube a felicidade de três criaturas.

Ele sorriu. Se era capaz de perturbar a sua "felicidade" então ela não estava muito segura de si, se insistisse acabaria conquistando-a.

— Até breve! — repetiu, acenando, enquanto o trem se afastava.

(Continua na pág. 48)

Tôdas as mulheres adoram-na



Passe levemente a base de maquilagem com as pontas dos dedos apenas *uma vez por dia*. Ela se espalha pela face formando uma película fina da côr natural da pele que oculta as manchas e outras imperfeições. O pó-de-arroz adere suavemente à cútis — uma passada da esponja é tudo o que você precisa para renovar sua maquilagem. E faz tanto bem à sua pele!

Há três matizes: Louro, Médio e Bronzeado.

YARDLEY 'Make-up Base'

Agora Yardley vem novamente da Inglaterra

Exclusivo para o Brasil: Leo L. Prochownik, Rua Sorocaba 35, Rio de Janeiro

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

a CENA MUDA

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

Sensacionais reportagens de cinema e rádio. Grandes retratos em côres ou em preto de famosos artistas de rádio e cinema.

E mais "Swing-Fan", "Melodias Para Você", testes e outras completas seções.

A CENA MUDA, em tôdas as bancas — Cr\$ 3,00.

Escolha



BÔCA NEGRA

CORSÁRIO

O CIRCO VEM AÍ

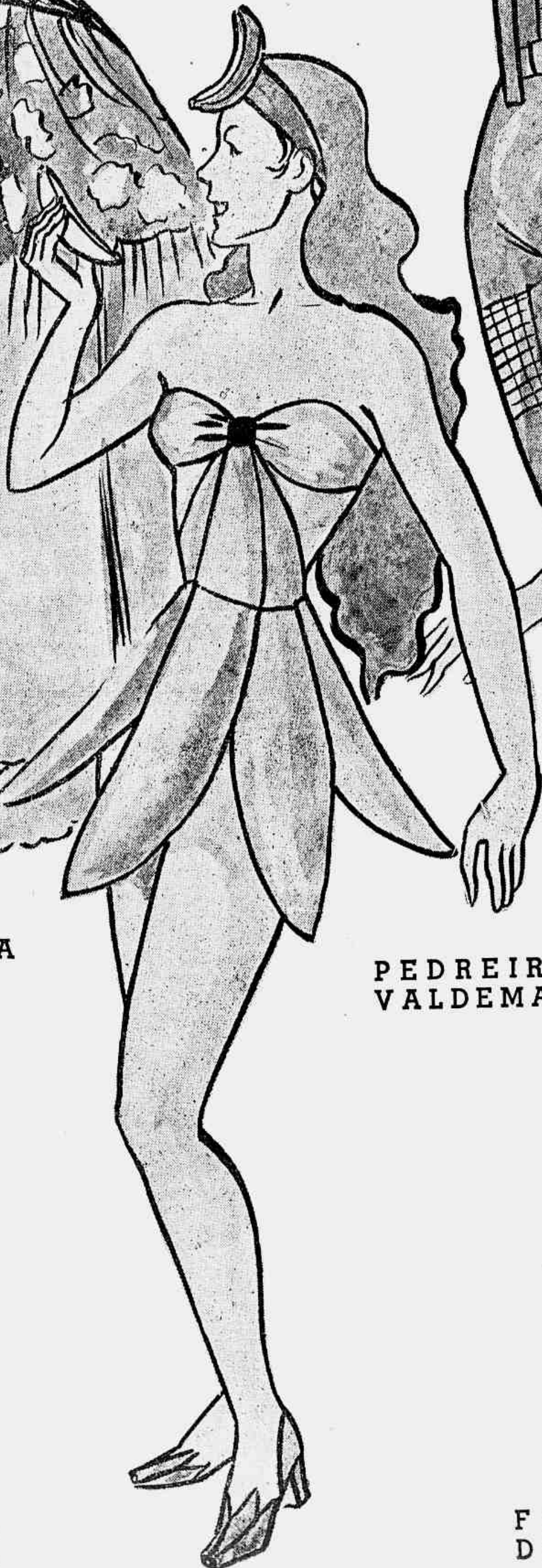
Sua fantasia



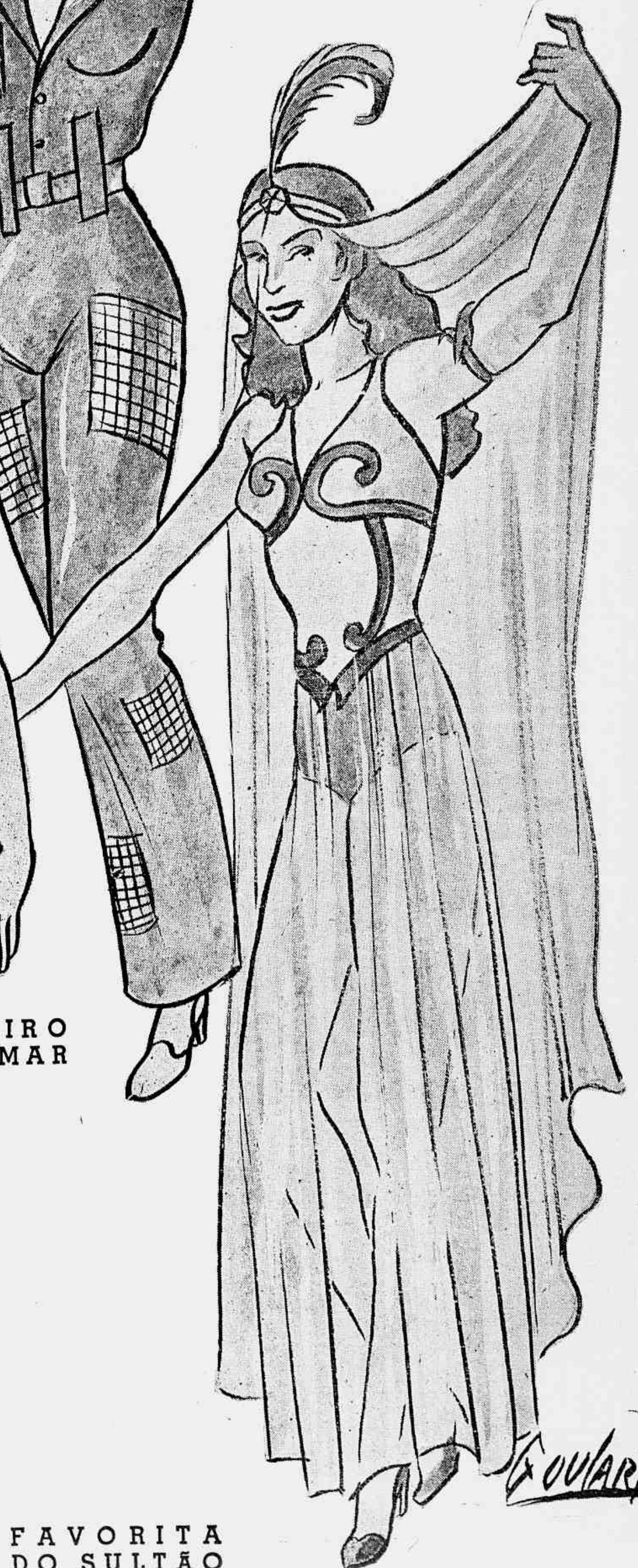
ESPAÑHOLA



PEDREIRO
VALDEMAR



CHIQUITA
BACANA



FAVORITA
DO SULTÃO

Goulart

UMA REPORTAGEM NO YANGTSE

NOVELA DE RONALD R. SMITH ★ TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

ENORMES penedos nus caíam a plique sobre o rio. O sol reverberava lá do céu com tanta intensidade, que ofuscava o olhar e mudava a cor das coisas. O ambiente mais parecia um quadro de branco e preto. Kwan, trepado na plataforma dos pilotos ia guiando com seu frágil remo, aquele "sampã" de vinte pés de comprimento, por entre as rochas que, frequentemente, surgiam ao longo da corrente.

Esses escolhos à flor da água formavam corredeiras que aumentavam a marcha do barco, para o qual o remo não servia de impulso e sim de defesa, evitando choques.

O capitão, seu proprietário, um gorducho chinês de cara marcada de bexiga, dormia calmamente lá na proa.

Em dado momento Claire disse a um dos seus companheiros:

— Não sei o que resultará dessa aventura.

Cleaver não lhe deu resposta. Apenas puxou seu capacete para os olhos, como para proteger a vista, ou ajeitá-lo mais na cabeça. Seus cabelos estavam muitos crescidos e precisavam de uma tesoura. Era ele um jovem de vinte e oito anos; porém uma terrível disenteria que o acometera ultimamente lhe dava uma carga de mais uns quinze anos.

Quando alguém pilheriava a este respeito, ele dizia de bom humor:

— Isto é mal hereditário.

Seus ancestrais andaram também a gemer com esses desarranjos intestinais como ele aí pelas desertas paragens da China em busca de impressões.

— Desejaria muito mais — dizia seu companheiro Aldington: — que você houvesse herdado deles a habilidade culinária, e não moléstias.

— Por que? — Quis saber Claire.

— Porque, se continuarmos a comer esse arroz fervido, com pedaços de porco podre, ou ervas daninhas e folhas intragáveis, meu estômago estoura de uma vez.

Encostou-se à parede da tolda de palha que os abrigava do tempo. Tinha as faces brilhantes de suor e avermelhadas pelo calor. Não se cansava de reclamar o passado, embora seu estômago jamais houvesse protestado antes. Mas como sentia saudades dos seus manjares pátrios!

Cleaver fez um gesto de morder o lábio inferior antes de dizer-lhe alguma coisa. Depois falou:

— Pelo amor de Deus, Aldington, faça o favor de não incluir em nossa conversa esses assuntos. Você pode muito bem evitar.

— Sinto muito, velhinho; mas sei que

aqui por dentro algo não está indo com satisfação.

Cleaver procurou pelos cantos uma coisa que parecia ter perdido.

— Oh! Meu Deus! — exclamou. — Que fez você de meu livro, Claire?

Claire era uma inteligente e simpática jovem que vinha com esses aventureiros estrangeiros pelo interior da China. Estava ela vestida com "shorts" muito leves e uma blusa de cáqui. A cabeça uma grande chapéu de palha do tipo "coolie", usado pelos chineses. Sentada ao lado da plataforma do piloto, suas pernas se estendiam transversalmente à embarcação. Em meio daquela temperatura horrivelmente quente e sob o efeito de tanta luz solar, seus olhos pareciam desbotados e luminosos e sua pele com a fragilidade de um pergaminho já amarelado pelos anos. No dedo ela trazia uma aliança de noivado que lhe oferecera Cleaver.

A jovem fitou com firmeza seu noivo, antes de dizer-lhe onde estava o livro reclamado. Depois falou:

— Seu livro? O que fiz dele? É boa... Você está sentado nele.

Pareceu a todos os companheiros que a melancolia estava aumentando no espírito de Cleaver. Antes de retirar o livro de sob seu corpo, ele suspirou profundamente.

Aldington notou que Claire cerrava os olhos.

Naquele momento a embarcação passou sob diversas cordas que desciam do alto das margens alcantiladas, parecendo tratar-se de um engenho para transpor o rio. Depois verificaram que se tratava de uma ponte de cordas entre as margens, com o auxílio da qual os nativos passavam de uma margem a outra. As cordas tinham uma roldana, e eles, com os impulsos das mãos, faziam o trajeto facilmente.

O "sampã" alcançava agora uma espécie de enseada de águas remansosas e calmas, sem correntezas, em cujas águas mal baloiçava.

Aldington cerrava os olhos sem poder enfrentar a claridade do sol e não sabia explicar como seu amigo Cleaver podia ler.

Essa viagem teve por fim organizarem um livro sobre o Yangtsé. Aldington se encarregará de ilustrá-lo com coisas e gente da China, e a parte literária caberia a Cleaver. Seria um livro de sensação, cuja matéria e impressões pictóricas tinham sido obtidas "in loco". Mas agora viam que ir à China para escrever um livro é o mesmo que descer aos infernos. E Claire? Cleaver, seu noivo, não quisera que ela viesse. Fez tudo o que mandava o bom senso que se fizesse para dissua-

dí-la. Ela era muito delicada, sensível, não poderia jamais suportar os imprevistos e perigos de uma viagem dessas. Não era que não a julgasse digna de vir à China; mas é que a aventura era para homens corajosos e capazes de suportar as mais cruéis vicissitudes. Mas não houve meio. Ela também se incorporou e ali estava com os dois amigos e companheiros para o que desse e viesse. Cleaver se preocupava muito com a situação da jovem, especialmente porque ainda não era sua esposa. A responsabilidade crescia ainda mais e ele sentia dor de cabeça ao pensar nos enormes perigos por que estavam passando e, na certa, ainda iam passar.

— Desculpem, por favor. Um barco nos segue — disse Kwan, o piloto.

Aldington abriu os olhos. Claire olhou para trás, para certificar-se da notícia.

— Que pensam que devemos fazer a respeito disso? — perguntou Cleaver, um tanto preocupado.

Kwan tornou a falar:

— Desculpem, por favor. Penso que são bandidos.

Cleaver arremessou seu livro para um lado e perguntou meio alarmado:

— Bandidos?! Por que diz isso?

— Porque eles trazem armas de fogo. E eles não são soldados.

Kwan gritou alguma coisa em chinês para o patrão que dormia lá na proa. O homem ouviu e se desenroscou, sentando-se. Passou as mãos pelo rosto, esfregou os olhos como para dissipar a sonolência; bocejou, arrotou, piscou os olhos para a popa e procurou ver o que vinha mesmo lá atrás do seu barco. Ao que parecia, ele não julgava que os bandidos pudessem fazer-lhe nenhum mal.

— Vou buscar minha pistola — exclamou Aldington. E acrescentou: — Trarei também a sua, Cleaver.

Naquele justo instante, lá do barco perseguidor alguém fez fogo. A bala passou zunindo sobre a cabeça de Kwan, que permanecia no seu posto, a dirigir o "sampã", rio abaixo.

O patrão dorminhoco disse qualquer coisa a Kwan e este suspendeu as remadas, colocando o remo no barco.

Claire e Cleaver estavam agachados por detrás da plataforma do piloto. O ombro dele estava justamente ligado ao dela, e Claire percebeu perfeitamente que ele tremia. Olhou-o atônita. Havia no olhar do jovem todos os sinais de pavor.

— Continue a remar! — ordenou ela a Kwan. Mas depois, percebendo que ele seria abatido, murmurou: — Kwan não pode... está exposto às balas.

— Claro! — concordou Aldington. — Ele não pode ficar aí em cima, de pé, como alvo.

Aldington tinha dois revólveres "Smith and Wesson" e bastante munição. Passou uma dessas armas a Cleaver e cartucheiras cheias de balas. Cleaver imediatamente colocou tudo no fundo do barco.

— É melhor parar — disse Kwan pulando para baixo.

Ouviram-se um novo disparo e a ligeira nuvem de fumo lá no barco dos bandidos confirmou a perseguição. A bala ricocheteou da plataforma em que estava Kwan, alarmando os que iam no "sampã".

— Parece que vamos ter uma borrasca — disse Aldington arrumando as suas coisas. Vendo o piloto que ele se preparava para reagir, aconselhou:

— É melhor não atirar. Os bandidos se enfurecem.

— Que poderão eles fazer conosco? — indagou Claire. E voltando-se para Cleaver: — Não vai fazer uso de suas armas?

— Kwan tem razão. Deixemo-los vir. Não poderão fazer nada contra nós. Somos cidadãos britânicos. Largue essas armas, Aldington.

Mas Claire não se conformou com essa determinação do noivo e falou com Aldington:

— Dê-me aqui o seu revólver e tome aquele outro. Não poderemos ser apanhados assim, como ratos. Responderemos à bala. Meteu o dedo no gatilho e esperou pelo momento trágico.

— Pelo amor de Deus, Claire! — suplicou Cleaver. — Eles nos matarão com facilidade! Largue essa arma!

A jovem resistiu; ele a desarmou a força.

— Não seja estúpida! Isso assim acabaria em fuzilamentos. Eu falarei com eles!

A moça, porém, não queria obedecer. Estava a ponto de fazer fogo, quando Cleaver gritou-lhe com energia:

— Pare com isso! — Avancando para ela, tomou-lhe a arma, fazendo o mesmo com o revólver do companheiro, o qual ficou surpreendido com aquele golpe inesperado de Cleaver. Com o movimento de mãos e braços, os revólveres caíram nágua, perdidos para sempre.

— Precisamos agir como personagens de Kipling? — indagou ele. — Precisamos agir com inteligência, não como heróis.

Os dois chineses olhavam a cena com a mais absoluta indiferença e neutralidade.

O maior silêncio sobreviu quando os bandidos se acercaram da embarcação. Claire, que estava tão animada para a batalha fluvial, parecia dormindo, de tão caladinha e imóvel, que nem as pestanas batia. Cleaver e Aldington tinham os olhos fitos no inimigo prestes a abordar. Trazia o barco perseguidor seis chineses armados, vestidos com roupas de algodão azul, como na maioria da gente do país. A proa vinha o líder, o comandante, dramaticamente de pé. Seu indumento era diferente e mais solene: usava uma espécie de capa militar, calçava altas botas mongólicas com as pontas dos pés voltadas para cima e coloridas de preto e vermelho. A cabeça um quêpi militar verde-marron. Logo que chegou bem perto, falou em chinês para Kwan, que, por sua vez, lhe respondeu num monossílabo, subiu à plataforma do comando e guiou o "sampã" em direção a uma das margens onde havia uma praia arenosa. Era o ponto de confabulação indicado pelos bandidos.

Logo que as proas dos barcos encalharam à praia, todos desceram, exceto Kwan e o patrão. O local era fresco e ensombrado àquela hora pelos rochedos da margem.

Aldington notou que o chefe dos bandidos era ainda mais mal encarado e de aspecto mais repugnante do que os seus omens. Naturalmente essa catadura de erocidade era o resultado da vida cruel que levava. A cor da pele era semelhante

do cobre. Tinha a conformação oblíqua os olhos chineses sob forma de aspecto iabólico, e dos seus lábios partia um iso impertinente e agressivo. Trazia à inta uma pistola automática, tipo usado pelos japoneses e de fabricação alemã. Os seus homens estavam armados com rifles e um deles trazia uma espada do tipo usado pelos Samurais, de cabo grosso

longa e larga lâmina de aço puro e corrente, empregada em degolamentos rápidos. Como o seu portador era de baixa estatura, o espadagão lhe caía da cintura

ficava a arrastar no chão. Dois bandidos apontaram suas armas para os prisioneiros e os obrigaram a posar-se a um canto sob a rocha. Todos bedeceram sem resistência. Então o chefe falou:

— Sentem-se. Vamos conversar rapidamente — disse em inglês americanizado.

— Espero que veja bem o que está a azer — ponderou Cleaver ainda de pé.

O chefe dos saltadores inspecionou Cleaver com o olhar frio de um oriental cheio de curiosidade.

— Sou um homem muito viajado — continuou o comandante dos bandidos. — Já stive na América. Morei um ano em Singapura. Dois anos em Pequim. Estive erto de dois anos em Chungking. Morei rés anos em Chenktu. Um ano e meio m Changai. Visitei muitas outras cidades. Leio inglês e falo essa língua como e eu fosse um inglês. Sei, pois, o que estou fazendo.

Aldington quis fazer espírito:

— O senhor não terá realmente vivido, antes de conhecer Brighton, em Whitsun?

— Pelo amor de Deus, Aldington, — pede Cleaver, — não vê que este é um



momento de seriedade, no qual devemos estar com a maior dignidade?

— Minha dignidade vai até onde também vai minha pistola — respondeu ele.

— Entretanto, o espetáculo está entregue a você, meu caro amigo.

Os "soldados" não tiravam os olhos do seu comandante, esperando, naturalmente, uma ordem sua. O chefe parecia querer imitar Napoleão com sua atitude marcial e petulante, metido naquelas botas mon-gólicas, de bico arrebitado.

— Vocês todos têm terríveis olhos pálidos — disse o bandido. — Não gosto nada deles.

— Poderia dizer-nos o que deseja de nós? — aventurou Claire.

— São as mulheres que mandam em seu país? — disse ele.

— O senhor está muito bem a par de tudo o que há em nosso país, seus costumes, etc. Quais são as suas intenções? — perguntou Cleaver.

— O senhor é o mais sensato da caravana — falou o bandido para Cleaver. — Sei disso porque o piloto me explicou. Gente de sua raça não é sempre obediente. Dê-me o seu relógio.

— Não posso fazer isto — respondeu Cleaver.

O bandido deu enérgica ordem. Dois dos homens apontaram seus rifles para Cleaver. Erguendo o braço, disse o chinês:

— Quando eu descer meu braço pela quinta vez, eles farão fogo. — E começou tragicamente: — uma... duas...

Vendo que seria abatido ingloriamente por causa de um relógio, Cleaver desatou a pulseira e lhe entregou o objeto. O bandido o amarrou em seu próprio pulso lançando um olhar para os seus homens. Deu outra ordem e outros homens foram ao "sompã" dar busca e saquear a bagagem dos prisioneiros, com a ajuda de Kwan e do patrão. Trouxeram tudo até à praia e formaram uma pilha. Sacos, valises, cobertores, binóculos, máquinas de filmar, etc.

— Vou conservá-los como refens — explicou o bandido. — Se nada obtivermos com isso, então serão mortos. E agora vou ver o que faço com esses tratantes aí do seu "sompã", pois preciso de que eles não sirvam de testemunha. — E encaminhou-se para o barco.

Claire se alarmou temendo a sorte do barco e daqueles dois inocentes homens.

— Que tenciona fazer? — perguntou ela ao bandido.

Aquêle bandido, no conceito de Claire, era como um comandante inglês, vestindo pitoresco traje de caricato Napoleão amarelo e falando com sotaque americano.

— Ele parece um maluco — disse Cleaver — mas é perigoso indivíduo.

Aldington acrescentou:

— De uma coisa estou certo. O residente britânico em Feng-Ku não pagaria nenhuma importância, em princípio, pelo nosso resgate. Nem ele, nem ninguém mais. Esse chinês está pensando que somos grandes personagens.

— Ele ficará desapontado quando verificar que não somos ninguém — juntou Claire.

Por uns instantes esqueceram o incidente; mas, logo que o bandido voltou, calaram-se como se estivessem com as línguas amarradas.

Cleaver quebrou o silêncio perguntando a Aldington:

— Você pensou que eu fiquei nervoso lá no "sompã"?

— Ora, esqueça isto — respondeu-lhe o companheiro.

— Por que não diz alguma coisa, Claire? — perguntou o noivo.

— Nada tenho a dizer. Estou muito ocupada a pensar no futuro.

— Ainda pensa nisso?

O bandido interrompeu o grupo.

— Precisamos ir. Há um posto militar no outro lado do rio. Sigam meus soldados. — Subiram todos por veredas rústicas, cheias de pedras até uma povoação típica daquela zona. Ali o bandido os meteu numa casa vazia, sob guarda, e lhes disse que ia mandar um portador ao representante inglês de Feng-Ku, para trazer a quantia do resgate. Três dias esperaria. Logo que estivesse com o dinheiro, eles estariam livres. Cleaver informou que o residente inglês não mandaria dinheiro algum. Era melhor soltá-los e irem escoltados por um soldado dele até Feng-Ku, onde garantiam mandar pelo portador a importância de 500 dólares. O bandido riu e lhes estirou a língua. Exigia 5 mil dólares por cabeça. A moça escreveu a carta ao inglês daquele posto e mandaram um bandido. Ficaram esperando. O chefe não foi mais visto. Os três gozavam de alguma liberdade e começaram a planejar fuga.



pois estavam certos de que não viria um centavo para seu resgate, e iam morrer nas mãos daqueles canalhas. Combinaram então que Claire ia oferecer aos guardas um presentinho, um compasso, coisa muito admirada pelos chineses. Quando eles estavam atentos a mexer com o objeto, os três saíram para os lados do penhasco. Quando já estava a escurecer, Cleaver ordenou a fuga.

A descida pelas escarpas era difícil. Iam vagorosamente. Aos seus ouvidos chegaram os sinais de alarma de sua fuga. Correram para o ponto em que havia aquele sistema de passagem em cordas sobre o rio. Claire se ferira nas rochas e esteve a pique de projetar-se lá em baixo. A tensão entre eles era tremenda. Se fossem descobertos... adeus, Inglaterra! Adeus, reportagem! Já estava ficando escuro, quando chegaram ao ponto desejado. Mas... quem já havia chegado ali era o chefe dos bandidos. O resultado da exigência caíra por terra, pois até ali não havia regressado o portador. Quando eles pensavam que o bandido ia castigá-los, ele confessou que tinha resolvido deixá-los ir em paz. Estava percebendo que se tratava de gente modesta, sem dinheiro, nem importância política ou social. Não era contra os pobres. Os prisioneiros exultaram.

— Vou fazê-los transportar por estas cordas para a outra margem, onde há um posto militar. Daí vocês tomarão seu rumo. Entretanto, têm que ir agarrados com suas mãos à corda sobre o rio.

— Mas — esclareceu Cleaver. — A senhorita Claire está com as mãos feridas e não pode segurar a corda. São mais de cem pés de travessia. Nem nós, homens, poderemos fazer esse trajeto sem a roldana.

O bandido os olhava com um riso sarcônico. Eles perceberam a cilada. Quando estivessem mesmo ao centro dos penhascos, cortariam a corda e eles cairiam lá em baixo, morrendo afogados ou com o choque sobre as pedras.

— Venham! — ordenou o bandido. — Não posso perder mais tempo. E' possível que espíões do seu representante inglês tenham seguido meu portador, e seremos atacados muito em breve. Esta noite darei o fora daqui com os meus soldados.

— Bem — disse Cleaver. — Estou notando, Claire, que você está amando Aldington. E' a ele que você sempre se dirige, e é com ele que combina. Na sua queda nas pedras, foi ele quem a amparou, pois foi a ele que você recorreu. Neste caso, desejo-lhes muitas felicidades. Podem ir transpondo o rio. Aldington a conduzirá.

— Muito bem — disse o bandido. — Vejo que o senhor é um homem de idéias claras. Quando uma mulher atrapalha nossa vida, devemos deixá-la ir.

O bandido deu uma ordem em chinês. Um deles trouxe uma corda. Parecia que tudo aquilo estava premeditado havia dias. A moça foi amarrada ao corpo de Aldington e ei-los a baloiçar no espaço, dependendo o rapaz o mais terrível esforço para movimentar-se com aquele enorme contra-peso. Para eles havia chegado a última hora. Cleaver ficara na plataforma com os bandidos que não tiravam os olhos do par que já estava a gozar de uma liberdade precária. Aldington já havia vencido vinte pés. A lua começava a brilhar. Da margem, Cleaver os confortava, animando o amigo e rival. Mas as forças começavam a faltar àquele herói. O rapaz percebeu a manobra dos bandidos. Eles iam, com um golpe, cortar a corda no momento culminante. Somente o companheiro que ficara com eles poderia salvá-los. Mas... tendo Aldington roubado o seu amor, poderia Cleaver defendê-lo? Estavam perdidos por todos os lados. E o jeito era resignar-se e morrer sem lamentações. Num relance ela e seu novo namorado viram que o amigo enfrentava os bandidos quando eles iam cortar a corda. Cleaver tomou a espada de um dos chineses e, erguendo o braço, disse: — Um movimento e degolarei o chefe!

— Este ficou surpreendido com o golpe de audácia do rapaz que oferecia sua vida para salvar a ex-noiva e seu sedutor. Era um gesto de nobreza que ele não compreendia. Durante uns instantes, Aldington e Claire perceberam que o amigo os salvara, sacrificando a vida. Lá da plataforma, ele gritou: — Claire, minha querida! Seja feliz! Fiz tudo isso por você, por sua felicidade!

Nesse instante os bandidos caíram em cima dele, desarmaram-no e o mataram impiedosamente. Quando recuperaram a espada, deram um golpe na corda. Aldington já não suportava mais e, antes daquele golpe, afrouxara as mãos sangrando, esfoladas, e caíra com Claire já na margem oposta, sobre um terreno arenoso.

— Claire! Claire! Você se feriu?

— Não — respondeu ela com voz fraca. — Estou bem...

No solo, trataram de desamarrar-se e seguir para o posto militar.

Com mil sacrifícios chegaram lá. Era um destacamento do exército regular da China, dirigido por um oficial educado e ciente de seus deveres.

— Claire — disse Aldington, quando estavam à espera no quarto da guarnição. — Por vezes senti que me faltavam as forças para enfrentar a situação. Perdoe-me, sim?

— Stuart, querido — respondeu ela. — O mesmo me sucedeu, e eu fraquejei, na verdade, enquanto você me animava. Sou eu quem lhe pede perdão.

Era a primeira vez que ela lhe tratava por aquele nome de família, Stuart, e isto mais ainda provou que a moça estava apaixonada por ele.

Uma hora depois um oficial veio falar-lhes e se inteirou de tudo. Mandou alojá-los num salão superior e, no dia seguinte, providenciou sua partida para Feng-Ku, onde havia um representante oficial do Governo de S. M. Britânica, que tomaria conta do destino dos quase assassinados, naquela aventura pelo famoso rio chinês.

PELAS estradas do CEU

Por ANDRÉ MAX

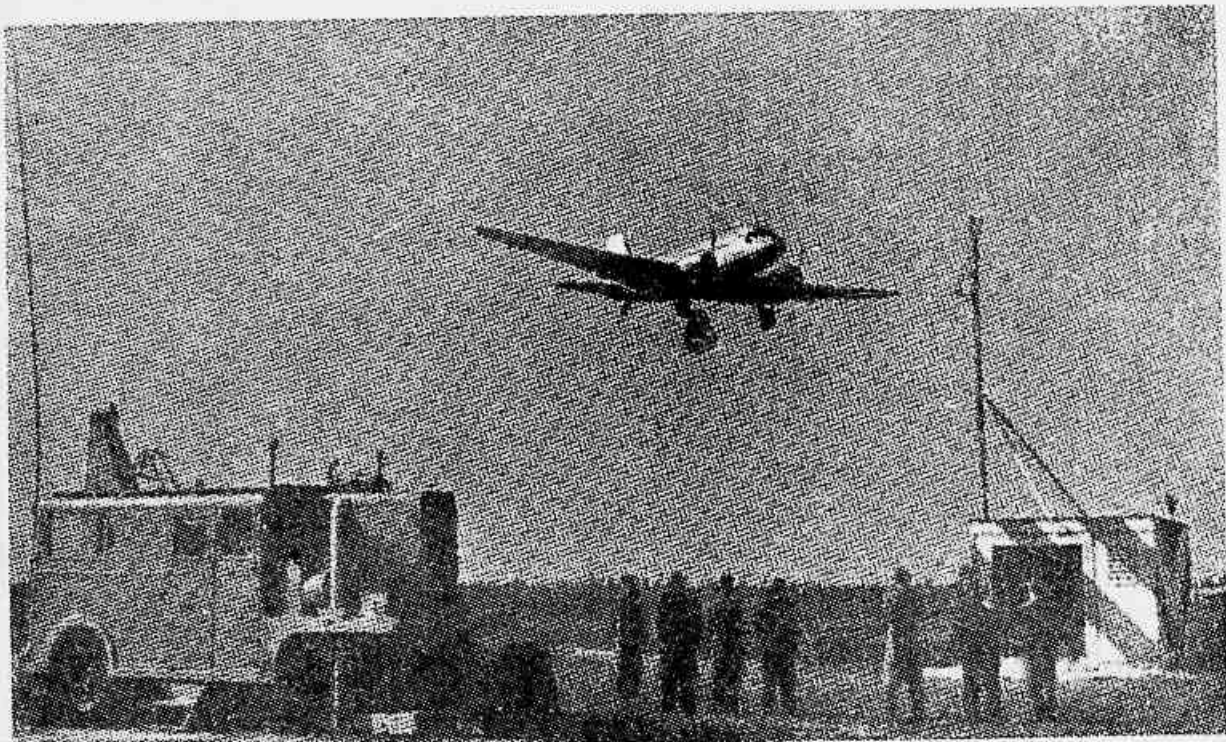
Recentes experiências científicas de particular interesse para produtores e consumidores indicaram de maneira incontestável que todas as frutas e hortaliças podem ser transportadas por via aérea e a grandes altitudes do centro produtor para o mercado sem sofrer qualquer efeito prejudicial.

As referidas experiências são o resultado de um plano conjunto de pesquisas executado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e a Lockheed Aircraft Corporation, na América do Norte.

De um certo tempo a esta parte, agricultores, peritos de transporte e consumidores vinham procurando saber qual o efeito do transporte aéreo sobre as frutas facilmente perecíveis. Poderiam, por exemplo, os abacates ou os pêssegos suportar sem dano súbitas mudanças da pressão do ar? Rachar-se-iam os tomates durante as ascensões e descidas extremamente rápidas?

A fim de encontrar respostas para estas perguntas, os cientistas do Departamento de Agricultura e da Lockheed acabam de realizar provas rigorosas com 34 espécies diferentes de frutas e hortaliças, verificando que não são alérgicas às condições normais de voo, uma vez que a temperatura e a umidade sejam controladas.

Para a realização dessas provas, uma grande câmara de altitude da Lockheed foi convertida num "stand" de frutas com bandejas cheias dos produtos



Nenhuma afirmação de natureza científica pode ser feita sem a experiência repetida e confirmada. Por isso os cientistas submetem os aviões a toda sorte de provas

em experiência, alinhadas no interior do cilindro de aço, no moderno laboratório de pesquisas da companhia. Em seguida, as pesadas portas foram fechadas e o ar esgotado até um determinado grau para simular a subida de um avião a uma altitude de cruzeiro. A pressão interior de grande altitude é mantida durante um período que corresponde ao de uma viagem. Logo depois, faz-se o ar voltar à câmara, simulando rigorosamente as condições de uma descida normal.

As subidas são feitas à razão de 3.000 pés por minuto até a uma altitude de 30.000 pés, procedendo-se às descidas na mesma velocidade.

Esse processo foi repetido tantas vezes quantas um avião de carga decola e pousa durante uma viagem transcontinental.

Terminado o voo, as frutas e hortaliças eram mantidas por vários dias num compartimento de controle em condições idênticas às do mercado, para comparação com outras compradas no mesmo dia e que foram rigorosamente conservadas em condições de umidade e temperatura controladas. Essas experiências em série foram repetidas diversas vezes em várias condições. Um rigoroso exame das frutas e hortaliças transportadas por via aérea, feito pelos peritos do Departamento de Agricultura, não revelou qualquer efeito das mudanças de altitudes.

Somente uma vez, durante uma ascensão especial feita numa média de 5.000 pés por minuto a uma altitude extrema de 50.000 pés, verificaram-se alguns efeitos dignos de nota. Assim é que, por exemplo, cerca de 8% dos tomates racharam-se. Os outros produtos, porém, não sofreram a menor alteração.

As aludidas experiências mostraram não ser necessário equipamento de pressão no transporte de frutas e hortaliças, embora tenha ficado patenteada a importância do controle da temperatura e da umidade.

Vingança comprada

(Continuação da pág. 42)

— Dá?
— Ora se dá. Deus lhe acrescente... Hoje mesmo tá feito.
Separaram-se.

Daquele momento em diante não teve mais descanso. Uma coisa verumava-lhe a cabeça. Como aquilo era terrível. Tinha pago para matar um homem. Era a vingança. A vingança pedida pela mulher, pelos filhos. E os filhos de Pedro e a mulher, como ficariam? Não se conformava. No seu cérebro inculto perpassavam tempestades tremendas. Remorso? Medo? Talvez as duas coisas ao tempo tempo.

E o tempo passava. Nada vendia. Os sacos estavam quase intactos. Tinha a garganta seca. Estava quase escurecendo. A feira estava para terminar. Não podia mais. Doía-lhe a cabeça. Sentia-se enlouquecer. Instintivamente dirigiu-se para o fim da rua. Para a casa do facinora. Bateu à porta. A mulher do cabôclo veio atendê-lo. Perguntou pelo Dois de Ouros.

Está ali na capela, disse que ia rezar.

Para lá, se dirigiu.

Entrou. Aos pés do altar-mor, quase de rastos, viu a figura do bandido, ajoelhado. Foi-se chegando devagarinho.

— Dois de Ouro... Dois de Ouro... O cabôclo num resmungo, virou-se e disse estupidamente:

— Não me atrapaie as orações...

E ficou com a mão levantada. Os minutos passavam. A angústia aumentava. Finalmente, ele benzeu-se, e levantou-se.

— Qui é qui vosmicê qué mais, seu Chico?

— Eu vim lhe pedir... não quero que mate. Pedro Malagueta, estou arrependido. Fique com o dinheiro... É um presente meu... Mas...

Não terminou. O cabôclo riu por baixo do bigode e disse pachorrenamente:

— Acabei de rezar um padre-nosso, pula arma dêle... O serviço já tá feito...

E saiu, com as pernas tortas, lentamente, com um pedaço de fumo em uma mão e um canivete na outra, preparando um cigarro.

Aniversário de casamento

(Continuação da pág. 13)

O tilintar do telefone despertou Alaíde das recordações.

A empregada bateu à porta do quarto, chamando-a. Seria Eduardo. Que dizer-lhe?

— Alô!...

— Boa tarde, Alaíde.

— Boa tarde, Eduardo.

— Então, já falou com o seu marido?

— Ainda não...

— Ora... Que está esperando?... Não estava resolvida a dizer tudo e pedir o desquite? Não pode avaliar a minha ansiedade por em vê-la livre.

— Essas coisas não se fazem assim da noite para o dia. Não sabe como ando nervosa... Neste momento estou com uma louca dor de cabeça. Vai me perdoar... mas marquemos um encontro para amanhã. Não posso conversar agora.

— Está bem. Onde?

— Na Confeitaria, às três horas.

— Até amanhã.

Voltou ao quarto e, também, às recordações. Quando chegara ao Rio, de regresso da fazendola, sorria intimamente da ingênua aventura e procurara integrar-se de novo na sua vida tranqüila. De quando em vez, no entanto, surpreendia-se pensando em Eduardo. Lembrava o seu jeito de garoto travesso, o porte atlético, as suas habilidades de cavaleiro, os seus olhos azuis e aquela mecha de cabelos louros sempre teimando em cair pela testa. Não queria admitir, mas sentia saudades. Dez dias depois recebeu um telefonema do rapaz. Não podia imaginar como descobrira o endereço. Procurou reprimir seus sentimentos. A princípio, parecia que ia vencer. Resistiu quanto pôde, meses e meses. Eduardo, contudo, não desistia de cortê-la. Acabara reconhecendo que o amava também. Mas, não era uma mulher de trações. Já há algum tempo que se dispusera a revelar tudo ao marido e só após o desquite iria para o outro. Queria suportar mas faltava-lhe coragem. Por outro lado, pensava em Luizinho. Não suportava a idéia de separar-se do filho. Ela e Renato eram muito agarrados ao garoto e este louco pelos dois. E Renato não merecia aquilo. Fora sempre digno, dedicado, um grande companheiro. Surgiram-lhe ao espírito, nesse momento, as palavras que, naquela tarde, o marido dissera à Anita: — sorriu com amargura ao pensar na coincidência do assunto.

— ...Eu sofreria muito, talvez que isso arruinasse a minha vida, mas deixá-la partir". Sim, se o abandonasse iria estragar a vida dêle. E precisamente no dia seguinte era o seu décimo aniversário de casamento. Recomeçou a chorar baixinho.

★

Logo que entrou na confeitaria notou que Eduardo não estava de bom humor. Cumprimentaram-se. Sentou-se e pediu um refresco.

— Alaíde, não posso compreender a sua hesitação...

— A você tudo parece fácil. Coloque-se na minha situação. Não posso assim de repente chegar a Renato e contar as coisas como quem noticia a compra de um vestido... É preciso certo preparo... Ademais, penso em Luizinho. Naturalmente ele não querará apartar-se do menino, não concordará que eu o leve para a companhia de outro homem.

— Internem o garoto.

— Internar Luizinho?... Abandoná-lo como se fosse órfão?

— Creio que é a melhor solução.

— A pior — atalhou Alaíde, indignada.

— Bem, bem... não precisa se aborrecer. Resolva como lhe aprouver. Quanto ao seu marido acho que você está um pouco piégas... Ele há de se arranjar.

— Eduardo, espanta-me o descaso, a incompreensão com que trata um assunto tão delicado. Não tem coração?...

— Precisamos ser práticos. Se você continuar com essas considerações sentimentais nunca se decidirá. Afinal, não vamos continuar nesse platonismo o resto da vida...

Enquanto ele falava, olhava-o como se estivesse abstrata, mas analisava, uma por uma, todas as suas palavras. Experimentou, de um momento para o outro, uma sensação de mal-estar, de repulsa. Eduardo tornara-se, subitamente, um estranho, indesejável, odioso... Então, era aquele o seu grande amor. Um empedernido, caráter mesquinho, um idiota... Corando de raiva, disse-lhe surdamente:

— Só agora entendo o grande erro que ia cometer. Não servimos um para o outro. Somos muito desiguais. Está tudo defeito. Esqueça-se de mim. Não quero

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

vê-lo mais. Está entendendo: não quero enxergá-lo mais.

Eduardo pendeu-se. Ela pegou as luvas e a bolsa. Ele cerrou os punhos e ia quase desfechando um muro na mesa. Conteve-se.

— Como quiser, Alaide. Não voltarei a incomodá-la. Felicidade...

— Adeus...

Chegou à rua e começou a andar sem destino, pensando. Não, não estava ressentida, triste com o ocorrido. Ao contrário, agora havia reencontrado a si mesma. Ainda bem que descobrira tudo a tempo. Que loucura a sua. Estivera prestes a se despencar no abismo. E quando se arrependesse nada poderia remediar. Como deixara-se entusiasmar por Eduardo? Um atleta. Um belo físico e nada mais. Sim, estava desvendado aquele escaldante entusiasmo — atração física, apenas. O resto fora obra da sua imaginação. Sempre acreditara que o empolgar dos sentidos é passageiro e nocivo: um tufão. No entanto, despercebidamente, quase se deixara arrastar pela voragem. Quando recobrasse a consciência chegaria à cruciante compreensão de que era uma mulher vulgar.

Uma onda de remorso apoderou-se dela. Como fora ingrata com Renato. Com que frieza o vinha tratando ultimamente. Renato... Sim, a ele sim é que amava verdadeiramente, um amor tranqüilo e firme, com o qual podia contar por toda a vida. E completava naquele dia dez anos de casada. Deviam comemorar. Renato não pudera ir almoçar em casa, mas, de certo, preparava-lhe alguma surpresa. Resolveu ir vê-lo. Surpreendê-lo-ia primeiro. Ao passar por uma vitrina viu uma linda gravata. Comprou-a. Encaminhou-se para o consultório do marido. Sentia-se tão feliz. As aventuras daqueles dez anos reviviam todas naquele momento. Era como um renascimento.

E as pessoas que passavam por Alaide, viam uma mulher formosa, caminhando absorta e sorrindo, um sorriso calmo, triunfante.

Sabará e o museu...

(Continuação da pág. 33)

a cidade, com suas igrejas, seus chafarizes famosos lá continua de pé, desafiando o tempo.

Em Sabará assim acontece. As decorações internas de seus templos religiosos foram feitas pelo Aleijadinho, isso não se discute. Particularmente, no que diz respeito à Igreja do Carmo, existe uma controvérsia: para uns, todas as obras de escultura de sua fachada e o mais se devem ao Aleijadinho. Para outros, o famoso torenta fez apenas os púlpitos, as balaustradas e as figuras das Atlântidas que ladeiam a nave.

Assim são as coisas do passado.

O MUSEU DO OURO

Entretanto, falemos do Museu do Ouro, o monumento mais importante da cidade de Sabará. Admite-se que foi construído aí por 1750. Conhecido por Casa da Intendência, fica à rua do Morro da Intendência. Compunha-se de 16 cômodos, dos quais 12 assoalhados e 4 térreos. No primeiro cômodo, uma espaçosa sala, onde

se podem ver objetos do passado, há uma estranha pintura no teto, hoje quase indecifrável, para que não receba uma explicação, pois representa os quatro continentes conhecidos na época.

Ali se controlava e cunhava o ouro pertencente à Corôa. Para isso existia um intendente que residia ali mesmo. Tratava-se de um cidadão importante que, além de seus vencimentos, recebia certas propinas pelas "festividades ou lutos reais", propinas que então importavam em noventa mil reis.

Desculpai-me não me perder na descrição da casa nem de outros detalhes históricos ou econômicos, pois que aqui disso não se trata.

Direi apenas que, em 1840, com anos de história, a Casa da Intendência, onde hoje está o Museu do Ouro, foi arrematada em leilão pelo comendador Francisco de Paula Rocha pela importância de quatro contos e quinhentos mil réis. O dinheiro para o pagamento da arrematação foi obtido, pelo seu novo proprietário, lavando a areia dos beirais da dita casa, pois, assim à solta, andava o ouro em Minas, naqueles dias.

De outros, não falarei. Mas da escritura ao seu último comprador, antes que ela se transformasse em Museu e passasse ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constava que, "se por acaso, demolição do imóvel ou escavação procedidas no terreno, for encontrado algum tesouro, ouro em barra ou em qualquer espécie, metade ficará pertencendo à viúva d. Elisa Paula Rocha".

MUITA COISA PARA VER

Adquirida pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que restaurou quase que inteiramente e a transformou em Museu, a antiga Casa da Intendência é hoje visitada por gente de toda parte. São milhares e milhares de pessoas que anualmente procuram dar uma vista dolhos no passado distante. Diariamente, seus cômodos são percorridos por estudiosos ou simples curiosos sob a orientação de funcionários donos de seus segredos. Cofres onde se guardavam barras de ouro, arcas onde se trancafiava o precioso metal, prensa para cunhagem, quartos de donzelas antigas, espelhos que são preciosidade, balança de pesar ouro, prataria, porcelana, livros velhos, documentos valiosos, bonecos rústicos, esporas, mesas, cadeiras, camas, figuras de santos, efígies,

Artes PLASTICAS

Por ANGELUS RAVEL



Que horror! Exclamou esta senhora diante do mural de Picasso intitulado "Guernica", motivo da guerra civil espanhola

Aproximadamente dois mil anos atrás, o filósofo grego Platão escreveu que "era possível gostar-se de uma pintura sem compreender-se bem o que significava ou representava".

Os artistas sempre souberam disto, mas muitas pessoas pensam que os cultores da arte moderna levaram a idéia de Platão a pontos muito avançados; pensam que uma pintura deve parecer-se com alguma coisa, e, se tal não se dá, o quadro não presta.

Nesta página apresentamos alguns flagrantes fotográficos devidos à habilidade profissional de Ruth Orkin, apanhados no Museu de Arte Moderna de Nova York. A obra prima de arte moderna que maiores exclamações, gestos de reprovação e alarma espiritual provocou entre os visitantes do Museu, foi o enorme painel de Picasso denominado "Guernica", que ocupou toda uma parede da galeria. Depois dessa, a que maiores espantos causou entre observadores foi o quadro de Miro, intitulado "Atirando pedra ao pássaro".

Atualmente milhões de pessoas afluem aos Museus de Arte de todas as nações, parecendo que a "Arte Moderna" está conquistando admiradores. As fotos reproduzidas apenas dão idéia de que esse conceito não é geral, havendo milhares que não suportam essa espécie de arte.

Não há dúvida, porém, que, em última análise, ambos os pontos de vista tenham



Este cidadão, ao olhar para certas telas, pôs a mão nos quadris e monologou: "Mas que diabo representa isto?"

suas razões: tanto as dos pintores dessas "obras primas", como os que assim as classificam: "monstruosidades".



Isto será mesmo arte? Diz uma destas moças, e a outra responde: "Meu irmãozinho de 4 anos pintaria melhor"



Estes amigos discutem, e o de costas diz: "Ouça aqui, amigo. Não devemos olhar esses quadros como o faria uma mulher!"

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA



Em cima — Fred Davis, a maior tacada da noite, campeão mundial de "snooker"; Sidney Smith, campeão inglês, em baixo

LONDRES, outubro de 1948 — No Salão do Leicester Square, disputa-se o Campeonato Mundial de "Snook" com Cr\$ 75.000,00 de prêmios (1.000 libras). Hoje fui ver o jogo. Mas julgava que jogassem num salão de bilhar comum, como fazem no Rio. Aqui, porém, é num anfiteatro com poltronas, onde o assento mais barato custa Cr\$ 14,00 e o mais caro, Cr\$ 40,00 por cabeça. Colocaram-me na primeira fila por Cr\$ 20,00, porque não havia outro lugar na casa. Estava cheia. Gente extremamente bem vestida e elegante; gente que devia possuir bons ternos para poder aguentar tantos anos de guerra e racionamento. O juiz colocava as bolas nos lugares com luvas brancas; um rapaz elegante ia tomando notas dos pontos e marcava no quadro com números elétricos, semelhantes aos usados em elevadores para marcar os andares. No salão todo escuro mal se viam as caras da assistência. O bilhar muito bem iluminado. O pano novo, bonito, tão macio que parecia de seda — sem dúvida um tecido de lã bem penteado. Os mestres a quem vi jogando foram Sidney Smith e Fred Davis. E' uma série de partidas e o campeão é o que ganhar o maior número delas. Davis deu uma tacada de 47 pontos.

Mas é preciso explicar que este campeonato de bilhar é um tanto mais longo do que o nosso; que a bola é um pouco menor — 52 milímetros — ao passo que usamos 54. Segundo as regras do jogo, aqui, não se pode arriscar bola alguma: joga-se só no duro, quer dizer que na bola 5 (azul), por exemplo, quando encostada, o jogador é obrigado a jogar uma vermelha logo em seguida; não é permitido tentar a 5 outra vez, como no Brasil. Quer dizer que quem fez 47 pontos aqui, se fôsse seguir a nossa regra, poderia muito bem fazer o dobro, pois vi bolas incríveis, de precisão incrível; bolas de tabela para esses batutas é bola no buraco. Vi ser feita uma vermelha, que estava no lugar da sete, o jogador com a bola branca no ponto de partida... O nosso jogo também é jogado aqui, mas com o nome de voluntários e não de "snooker". Quer dizer que quando traduzi as regras desse jogo para o Brasil, em 1929, traduzi as do voluntário, o que não faz mal algum, pois para nós pixotes, a nossa regra vai bem e é mais divertida. Os mestres da Inglaterra, fazem questão de deixar a bola branca em mau lugar para o parceiro, sempre atrás das bolas 2, 3 e 4. Deixam o parceiro "snooker", mesmo com as bolas vermelhas na mesa, logo no começo. A "ficada" para a bola seguinte ou a "colocação" é uma arte: deixam uma bola caindo de madura na porta do buraco para ir atrás de uma muito mais difícil, buscar uma vermelha longe, se perceberem que, jogando sobre essa, há mais chance de pegar uma 6 ou 7.

Entim, muito interessante. E quando a partida terminou, ou a série de partidas, fui cumprimentar os jogadores e conversei com o gerente do salão, Ted Lewes, com o qual bati um papo sobre "snooker". Contei que tinha sido o causador do vício no Brasil, pois fui até redator do "O Taco", uma revista de "snooker" e bilhar, e escrevi mais de quinhentos artigos sobre o assunto nos jornais do Brasil, além de organizar campeonatos etc. Mr. Lewes mostrou-se muito interessado e deseja ver se será possível enviar um desses campeões ao Rio. Informei que iria ver as possibilidades atuais. Fiquei de voltar. O prêmio de mil libras é um presente do jornal "Empire News", pois a frequência, grande como é, não dá para pagar essa quantia. Acho que se o campeão desejar fazer um passeio ao Brasil uma espécie de excursão, de férias, sem intenção de voltar cheio, seria viável. E dei minha opinião nesse sentido. Como hoje há, no Brasil, mais de quinhentas mil pessoas que sabem jogar "snooker", bem ou mal, muito mais jogadores do que de futebol — quem sabe se teremos Dawis no Rio e São Paulo dentro de relativamente pouco tempo?

Estou dando estes detalhes com o olho nas grandes lojas do Brasil. Quem sabe se os donos vão ler estas linhas e serão rapazes de mexer os paizinhos para mostrar à rapaziada como se joga "snooker"? E temos no Brasil alguns jogadores muito bons que não farão feio. Mr. Lewes, homem moço, gostou da história do "snooker" no Brasil, pois aqui também esse jogo é um divertimento popular e há muitos salões em Londres, subúrbios e interior com mais de 50 e 60 mesas cada um, sendo de notar, em sua maioria, não se tomar bebidas, nem cerveja; somente chá, café e semelhantes. Os bilhares é que são feios; antigos, não possuem as bonitas mesas que nós temos. Se os ingleses forem ao Brasil, vão gostar da elegância de nossos bilhares e das nossas belas madeiras, embora os salões sejam menores.

★

Esta noite fui procurar a casa onde morei há muitos anos. A rua, achei logo. Nada mudou: as casas são as mesmas, a neblina a mesmíssima e as lojas do meu tempo ali estão com os mesmos nomes; as vitrines de algumas, muito mal arrumadas no meu tempo, pior do que as da rua Larga e da ladeira General Carneiro, continuam no mesmo. De nada adiantou andarem fazendo lojas modernas, limpas, elegantes com luz fluorescente em algumas partes de Londres. Lá no meu bairro não sabem de nada e de nada querem saber. Fui jantar no mesmo lugar em que jantei muitas outras vezes há tantos anos atrás. As mesas, as cadeiras, o balcão, as luzes são de outrora. Só vi uma geladeira elétrica que não existia no meu tempo. Ainda adquiriram uma caixa registradora. O marido e a mulher, ele ou ela filhos, dos donos do meu tempo, ainda guardam os shillings numa gaveta. Na Noruega, na Suécia, na Dinamarca, na Bélgica há caixas registradoras em todas

as casas, algumas destas bem pequenas no Círculo Polar Ártico há caixas modernas às vezes nem sei para quê... tão modesto é o negócio. Na beira de um "fjord", numa aldeia, entrei numa livraria-zinha e numa casa de frutas; lá estavam as registradoras.

Mas, voltemos ao meu bairro. Bati na porta do número 27.

— Não, eu não conheço esse nome, meu caro senhor... Talvez Mrs. Noggins (que nome bonito para Dickens) aqui ao lado possa dizer, não convém que o senhor se vá sem lhe perguntar. Cuidado com os degraus da escada. Mrs. Noggins? Boa noite... Senhor... Felicidades.

Fui bater à porta de Mrs. Noggins.

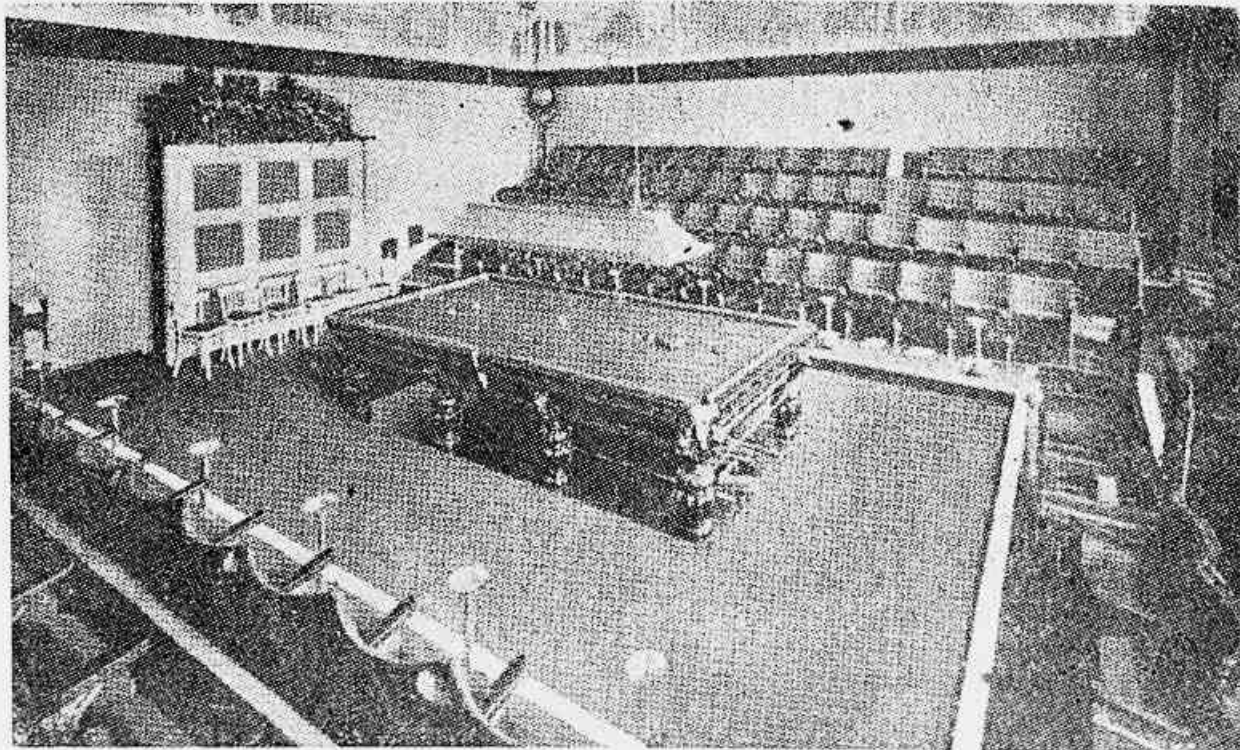
Contei-lhe que morei na casa de Mr. Swithenbank (outro nome dickensiano) há muitos anos; que tinha chegado de Londres depois de longa ausência e queria notícias da família, do marido, da senhora, da filha Margaret e do filho William...

— Ah! que pena; não sei onde andam. Mr. Swithenbank faleceu há 17 anos; depois mudaram-se daqui. Sinto muito mas não posso indicar onde estão; sinto muito senhor... E' pena, boa noite, cuidado com os degraus da escada, esse negócio de racionamento...

— Boa noite, muito obrigado.

Mr. Swithenbank! Que Deus o tenha nos céus; era um bom e a sra. também. Viviam como os anjos vivem. Ele, viajante de uma casa muito importante de secos e molhados por atacado, que, aliás, ainda existe, e continua sendo uma firma poderosa... À custa de muita economia e ajuda da esposa, juntou 525 libras e comprou os 17 anos da casa onde morávamos. Ficou sendo sua por esse espaço de tempo, apenas pagando anualmente uma insignificante quantia ao "lord" dono da terra.

Na Inglaterra, em muitas partes, o terreno e tudo o que nele se encontra é propriedade inalienável de certos nobres que vendem o usufruto por 99 anos. O posse e uso são completamente do comprador desde que pague o fôro, sempre uma ninharia. E se o adquirente usa a propriedade durante, digamos, vinte anos, e deseja vendê-la a outro, ele faz pelo resto do prazo, digamos 79 anos, e assim por diante. O meu amigo comprou 17 anos que faltavam. E findo esse prazo, o prédio, benfeitorias e o terreno voltaram ao poder do nobre. Certas propriedades são vendidas por 99 anos, outras, por menor espaço de tempo. Nem tudo aqui é foreiro; há também grandes áreas em Londres e no interior que são livres e desembaraçadas, como quase todas as terras do Brasil. No Rio, entretanto, (muita gente no Brasil ignora), há terrenos foreiros quase sempre à Prefeitura do Distrito Federal, ponto que convém esclarecer, para não criticarmos muito os Lordes e os Barões desta terra. Aliás não concordo com o regime inglês do mesmo modo que não aceito o brasileiro. Creio que o melhor seria um meio termo entre o Lorde e o inquilino papalvas. E aqui termino com um apêlo de mão, tanto aos senhores como aos inquilinos que andarem lendo estas linhas.



Leicester Square Hall, em Londres, onde se realiza o campeonato mundial de "snooker"

bonecos em madeira, uma enorme variedade de coisas que constituem a vida do passado, podem ser vistos ali. A construção antiga, no seu conjunto, em seus detalhes, em suas paredes, em seus pátios, em seus tetos, em suas escadarias, são hoje objeto de estudo ou admiração de pessoas das mais diversas condições sociais. E todos estacam diante do passado, conservado pela tradição mineira.

Muita coisa nova foi adotada na Casa da Intendencia e não podia deixar de ser assim. A instalação elétrica, maquetes, pinturas novas, mas nada disso quebra a linha de documentário que é o Museu.

Mas, não. E' difícil recompor numa reportagem o Museu do Ouro de Sabará, sem fazer história. E isso aqui não é história. Os estudiosos desse assunto sabem onde devem buscar seu material. Aqui estão apenas algumas curiosidades para o leitor que não tem muito tempo — uma notícia apenas para o leitor que vai sacolejando num bonde ou num ônibus, mesmo num trem, algumas vezes em casa.

Para maiores detalhes, um livro especializado ou mesmo uma visita ao Museu. Garanto que não perderá tempo.

Principalmente se visitar Sabará em outubro ou novembro em que as belas, negras e doces jaboticabas se oferecem.

A VIDA DE DARWIN

(Continuação do número anterior)

IV

A teoria da evolução não nasceu com Darwin. Milhares de anos antes da era cristã, os autores de sagas chinesas haviam expressado a vaga idéia do desenvolvimento do homem a partir dos animais inferiores. Essa idéia fôra aperfeiçoada pelo filósofo Lucrécio (96-55 A.C.). Mas com o advento do Cristianismo, a história da Criação veio substituir a teoria da evolução, e só no tempo de Darwin esta última foi ressuscitada e assentada em base científica.

Quando Darwin estava para publicar a sua teoria da evolução, sentia-se "como um assassino em perspectiva", de acordo com as suas próprias palavras. Pois ia matar as idéias ortodoxas relativas ao homem e a Deus. Contava ser tratado com desprezo por todos. Em carta a seu amigo, o professor Asa Gray, da Universidade de Harvard, escreveu: "Devo dizer-lhe que cheguei à heterodoxa conclusão de que não há espécies independentemente criadas... Sei que isso fará com que o senhor me despreze..."

Mas o seu gênio o levou a fazer uma grande descoberta, e a honestidade não lhe permitia descansar enquanto não desse a conhecer essa descoberta ao mundo. Achava ser de sua obrigação matar um velho dogma a fim de restabelecer o que considerava uma verdade ainda mais antiga.

Mas, se tinha de matar, fá-lo-la suavemente. Em momento algum Darwin desceu às controvérsias violentas. Limitava-se a expor o seu lado da questão sem atacar o lado contrário. Na verdade, apenas apresentava fatos. Não pretendia ferir ninguém, nem perturbar as crenças de quem quer que fôsse. "Que cada homem espere e creia o que puder". Quanto a ele, achava não só razoável mas confortador acreditar que o homem se erguera do estado selvagem ao civilizado, em vez de decalir da civilização à selvageria. A teoria da evolução proporcionou-lhe os alicerces de um Novo Testamento

peçoal — a Bíblia do progresso humano.

Formulava pela primeira vez a teoria do progresso, num esquema provisório, ainda em 1839 — vinte anos antes da publicação da "Origem das Espécies". Em 1842, desenvolvera-a num esboço de 35 páginas, que ampliou em 1844, compondo um manuscrito de 230 páginas. Mas, em vez de imprimir esse manuscrito, passou ainda quinze anos conferindo os seus dados, procurando falhas na argumentação, verificando e tornando a verificar as suas conclusões. Sempre foi ele mesmo o seu crítico mais severo, o que deu em resultado poder prever e responder quase todas as objeções que os adversários levantariam posteriormente.

Só em 1858 Darwin ficou pronto para publicar o resultado de suas investigações. E então, quando estava dando os últimos retoques no manuscrito, desperçou um belo dia para saber que outro cientista involuntariamente lhe roubara a sensacional descoberta. A 18 de junho desse ano, recebeu de seu amigo Alfred Russell Wallace um estudo original sobre a Evolução, acompanhado de uma carta em que lhe pedia a opinião franca a respeito da validade da teoria. Wallace residia então do outro lado do mundo (na Malásia). Ignorava que Darwin também concebera a idéia da origem das espécies e que trabalhava silenciosamente nessa concepção havia vinte anos. Assim, pois, vinha com a máxima candura a rogar a Darwin que o apresentasse ao mundo como o criador da teoria evolucionista.

Que havia de fazer Darwin nessa conjuntura? O artigo de Wallace era um traslado exato das suas próprias descobertas. "Nunca vi coincidência mais extraordinária!" exclamou Darwin em carta ao famoso geólogo dr. Lyell. "Se Wallace tivesse lido o meu manuscrito de 1842, não poderia fazer um sumário tão fiel".

O primeiro impulso de Darwin foi pôr-se de parte e deixar a Wallace toda a honra da descoberta. "Prefiro queimar o meu livro", disse, "a permitir que Wallace, ou qualquer outro, me suponha capaz de uma indignidade". O dr. Lyell, contudo, insistiu que Darwin tinha para consigo mesmo a obrigação de publicar imediatamente a sua teoria. Expressou a certeza de que Wallace de bom grado aceitaria a situação, logo que soubesse que Darwin se lhe antecipara de quase vinte anos.

Por fim, Darwin acedeu em apresentar a teoria à Sociedade Lineana como trabalho simultâneo dele e de Wallace. E este, para não lhe ficar atrás em generosidade, declarou ter sido uma "boa fortuna singular" que lhe fizera participar de "uma descoberta cujo mérito cabia unicamente a Darwin".

E assim terminou uma das controvérsias mais notáveis da história — uma controvérsia em que cada um dos antagonistas procurava defender os interesses do outro à custa da sua própria glória.

Uma vez apresentada a teoria ao mundo científico, Darwin apressou a preparação do manuscrito para o público em geral. A primeira edição do livro saiu a 24 de novembro de 1859, sob o atrancador título: "A Origem das Espécies pela Seleção Natural ou a Preservação das Raças Mais Favorecidas na Luta Pela Vida".

Esse livro, que "arrasou a história de Adão e Eva e o Jardim do Eden num dilúvio de dados científicos", pode ser assim resumido em poucas palavras: — Neste nosso mundo se verifica constantemente uma ilimitada multiplicação de seres vivos. A provisão de alimentos, sem embargo, é restrita. E o mesmo se dá com o espaço vital disponível. Resulta daí uma concorrência de vida ou de morte entre todos os seres vivos, uma contínua luta pela existência. Os mais bem adaptados ao meio ambiente conseguem sobreviver, e os outros estão condenados a morrer. Os evolucionistas chamam a esse processo a "sobrevivência dos mais aptos". Mas com o transcorrer do tempo o meio se transforma — de mar em terra, de vales em montanhas, de períodos glaciais em períodos de clima cálido, e assim por diante. Durante essas transformações, torna-se necessário que os seres vivos também se modifiquem, ou evoluam de uma espécie em outra, para poder sobreviver sob as novas condições. O processo por meio do qual se verifica essa evolução tem o nome de seleção

natural — isto é, a seleção, realizada pela natureza, dos característicos que habilitam a espécie a sobreviver, e a eliminação dos característicos desnecessários à sobrevivência do novo meio.

E' essa, em resumo, a história da evolução. A ilimitada multiplicação da vida a uma luta pela existência e a sobrevivência dos mais aptos mediante o processo da seleção natural e a consequente transformação de uma espécie em outra. De acordo com esta teoria, o homem está distanciado apenas um passo dos chamados animais inferiores. Darwin explicou esse ponto no seu livro seguinte — "A Descendência do Homem".

E' geralmente atribuída (ou assacada) a Darwin a teoria de que os homens descendem dos macacos. Na realidade, ele absolutamente não disse tal coisa. Acreditava que tanto homens como símios provêm de um mesmo ante-passado histórico, hoje desaparecido. Em outras palavras, o macaco não é nosso avô, mas um primo afastado.

O homem, de acordo com Darwin, é a mais alta forma de vida animal na terra. Conquistou a supremacia sobre os outros animais pela lei da sobrevivência dos mais aptos. A expressão mais aptos não designa necessariamente os mais fortes ou os mais ferozes, e sim os mais adaptáveis. Entre os animais inferiores, sem dúvida, a seleção natural assume a forma de eliminação por meio da luta física. Na esfera humana, porém, o processo da luta individual está sendo gradualmente substituído pelo progresso da cooperação social. A agressividade egoísta cede o passo à ajuda mútua. Apesar dos receios ocasionais — como os triunfos efêmeros de um Napoleão ou de um Hitler — a lei da civilização emerge lenta mas seguramente da ilegalidade da selva. Pouco a pouco vamos assimilando a lição de que o o melhor meio de assegurar a sobrevivência do indivíduo humano é trabalhar pela colaboração amigável de toda a raça humana.

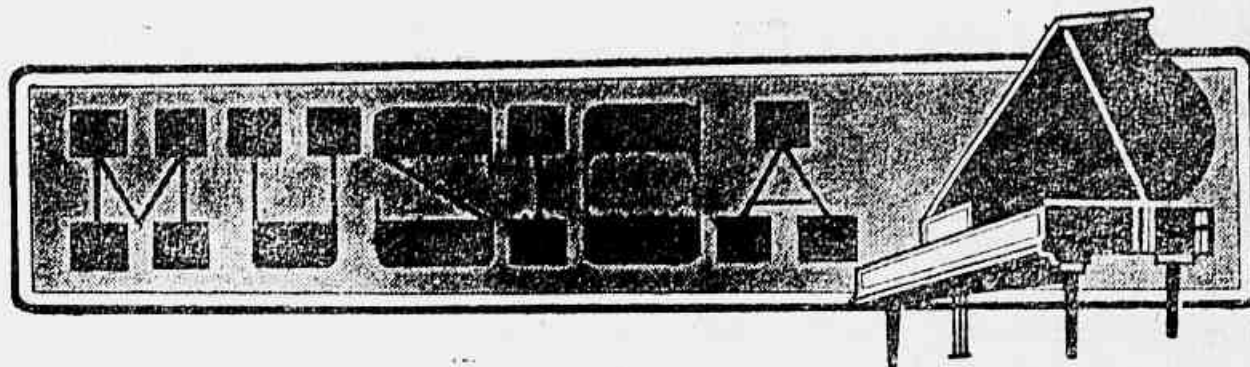
O homem, pensa Darwin, é um animal social. Não é um anjo decaído, mas um selvagem que se elevou. Seu caminho não é descendente, mas ascendente. Por outro lado, porém, ele não é uma criatura colocada à parte dos outros seres vivos. Ao contrário, está intimamente relacionado com tudo quanto se move, respira e luta para viver. Na escala da vida evolutiva, deve ainda ser classificado como um animal. Mas é um animal dotado de infinita capacidade para o amor.

V

A vida de Darwin foi talvez a melhor prova da sua teoria da evolução. Sua capacidade para o amor parecia aumentar de ano em ano. Sentia-se atraído pelas pessoas, que por sua vez eram atraídas para ele. Em seus olhos cinzentos-azulados brilhava constantemente uma centelha de simpatia e compreensão. Tal era a bondosa serenidade do seu semblante que os forasteiros voltavam da primeira visita a ele com lágrimas de alegria nos olhos. Quanto aos amigos íntimos — e tinha muitos — encontravam em seu caráter meigo uma "bênção perpétua". Pois a amizade, para Darwin, era a maior de todas as bênçãos concedidas à raça humana. "Falem-me de fama, honra, prazer, riqueza", escreveu em uma de suas cartas; "tudo isso é pó em comparação com o sentimento da amizade".

Mas o seu caráter benévolo mais se punha de manifesto na atitude assumida perante os inimigos. Apesar de todos os ataques, nunca pronunciou uma palavra áspera contra qualquer deles. Ao contrário, sempre lhes agradecia as críticas. Pois o principal objetivo de sua vida — dizia — era descobrir a verdade. E na procura dos atalhos secretos da verdade, "dois cérebros valem mais do que um". Estava sempre disposto a reconhecer os elos frágeis da sua cadeia de argumentos — a confessar a derrota quando as razões dos adversários eram mais convincentes que as suas. "Se estou em erro, quanto mais cedo me derrocarem, melhor".

Nunca tomava atitude superior, quer diante dos antagonistas, quer diante dos colaboradores. Toda a vida, desempenhou antes o papel de humilde assistente que de mestre grandioso. Mostrava-se particularmente agradecido aos obscuros colaboradores de laboratório, aos modestos



Uma nova orquestra sinfônica — Sociedade Artística Internacional — Dois Conjuntos: Um, no Rio, Outro em São Paulo — As Promessas e o Sucesso

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A Sociedade Artística Internacional anuncia a organização de uma nova orquestra sinfônica no Rio e outra em São Paulo. Têm sido distribuídos à imprensa boletins informativos, com dados sobre o plano de concertos, divididos em três séries, contando com a participação de artistas nacionais e estrangeiros.

Pretende a S.A.I. criar um círculo restrito de amantes da música, um grupo selecionado de duzentos sócios. Estes pertencerão a dois grupos principais: patronos e beneméritos. Os primeiros se responsabilizam por um certo número de localidades, enquanto os segundos indicarão um mínimo de dez pessoas que ingressarão no quadro social sob sua responsabilidade.

No Teatro Municipal, na Escola Nacional de Música, assim como em diversos logradouros públicos se apresentará a orquestra da Sociedade Artística Internacional.

Entre os solistas prometidos como atrações especiais cita-se: Firkusny, Malcuzinsky, Sandor, Iturbi, Kreisler, Casals, Schuster, Paul Robeson, Jennie Tourel, Stokowsky, Steinberg, Mitropoulos, Kleiber.

Quanto à constituição da orquestra adianta-se, ainda, que constará de 65 professores brasileiros e 10 estrangeiros. Estes, aliás, tomarão parte nas duas orquestras, tanto a do Rio como a de São Paulo.

A responsabilidade da realização desse plano corre por conta de uma diretoria na qual figuram nomes de destaque como o ministro João Alberto, o dr. Pedro Brando (presidente de honra) e o maestro José Siqueira, diretor-geral responsável.

AS PROMESSAS E O SUCESSO

A lista é, com efeito, impressionante e, garantida a execução dos planos bem traçados, teremos uma orquestra sinfônica com grandes possibilidades de êxito e imensas possibilidades artísticas.

Não estamos certos de que haja, por enquanto, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, público para mais de uma orquestra sinfônica. Um outro grande centro, que é Belo Horizonte, acaba de fundir dois conjuntos, a fim de que o apoio oficial não se dispersasse entre várias iniciativas, sendo insuficiente para contemplar a todas, condignamente, com verbas adequadas. A O.S.B. atravessou uma crise, recentemente, por falta de uma assistência mais completa. E há a orquestra do Teatro Municipal, quase abandonada.

Entretanto, uma organização destinada a um público especial de apenas duzentos sócios, como a S.A.I., pode vencer. Temos, como prova disso, o sucesso obtido pela A.B.C., que já está desenvolvendo o seu quadro social. Com a decadência da Cultura Artística, aquela sociedade conseguiu atrair um grande público, impondo-se logo, pela variedade e valor dos artistas apresentados, atraindo ao Rio alguns dos maiores pianistas, violinistas e cantores de fama internacional.

Assim, se a S.A.I. pretende, pelo menos de início, concentrar um grupo de admiradores da boa música, uns duzentos, além de realizar uma importante tarefa de divulgação, difusão e cultural, com concertos populares, a preços especiais, não vejo porque não deva ser bem acolhida pelo público.

Essa simpatia que, forçosamente, cercará uma iniciativa tão louvável exige, entretanto, que seus diretores se compenbrem de que os cariocas estão fartos de promessas.

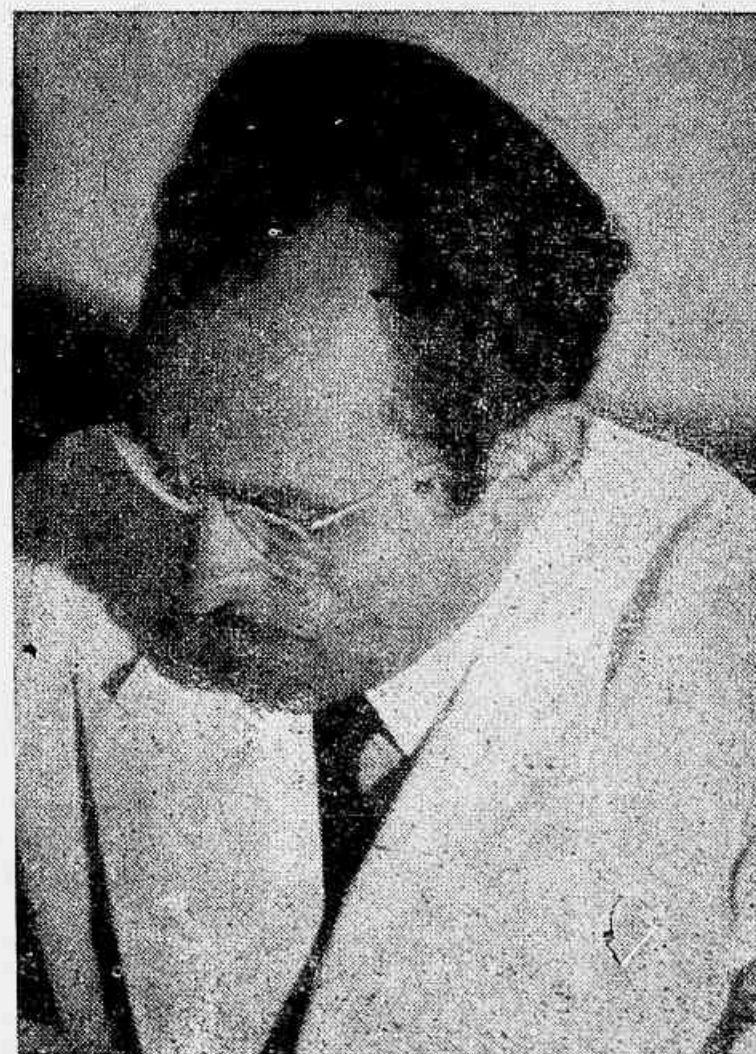
E' preciso, portanto, que a S.A.I. realize o que muito habilmente planejou e, se pretende manter um grupo permanente de amantes da música interessado em seus concertos, saiba organizar seus programas com gosto e sensibilidade procurando fugir à nossa rotina sinfônica, alargando o repertório, para divulgar a música moderna, especialmente a brasileira, o que não será difícil, dispondo, como diz de regentes de autoridade, competência e segurança de um Kleiber.

Se a S. A. I. se impuser como uma realização à altura dos planos que apresenta, realizará um trabalho importante, desenvolvendo o gosto pela boa música sinfônica e atendendo, ao mesmo tempo, ao público restrito, que será o quadro social da S. A. I., bem como ao povo em geral, quando levada, por preços acessíveis a melhor música a quem, normalmente, não a pode ouvir, por lhe faltarem meios para adquirir os ingressos tão caros.

De tudo o que tenho dito se conclui que o sucesso da S. A. I. depende, quase que exclusivamente dela própria pois o público aí está esperando uma oportunidade como esta, querendo ouvir boa música e sobretudo novos repertórios, bons artistas. Repetirei, aqui, que o exemplo da A. B. C. prova que uma sociedade bem organizada terá o apoio imediato e entusiástico dos cariocas. Que a S. A. I. siga, no terreno sinfônico, um caminho paralelo.

Conhecemos o espírito empreendedor e o dinamismo que caracterizam a ação do maestro José Siqueira. Esperemos que ele os empregue no sentido de assegurar as melhores condições de rendimento artístico aos magníficos elementos de que dispõe, segundo os boletins, a Sociedade Artística Internacional.

A S.A.I. não anunciou, ainda os artistas nacionais que pretende incluir entre os que participarão como solistas de seus concertos. Poderia apresentar uma sugestão: por que, entre outros, o maestro Siqueira não inclui Alice Ribeiro? A finura, a sensibilidade, a belíssima voz e a boa escola dessa cantora, que, há algum tempo, os cariocas não ouvem estão provocando saudades.



José Siqueira

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

coligidos de dados, aos "serventes da ciência", pela incalculável ajuda que lhe podiam prestar. Não tratava com arrogância a pessoa alguma, por mais humilde que fosse. Seus criados, com os membros da família, se revestiam a seus olhos da mesma dignidade — a dignidade de integrantes da raça humana.

Possuía o distintivo do autêntico espírito superior — uma honestidade modesta. Certa vez Gladstone foi visitá-lo. Depois que o Primeiro Ministro se retirou, Darwin disse: — "Mr. Gladstone parecia ignorar totalmente que era um grande homem, e falou-me como se fosse uma pessoa comum assim como eu". Quando essa observação chegou aos ouvidos de Gladstone, este respondeu: — "A impressão que tive de Mr. Darwin foi exatamente a mesma que Mr. Darwin teve de mim".

Darwin tinha alguma coisa do sentimento de solidariedade de Buda para com todo o gênero humano — e mesmo para com todos os seres da natureza. Falava de árvores e ervas como se fossem seres animados. Ralhava com uma folha de planta pela sua "astúcia" em torcer-se para fora de uma bacia de água onde ele procurava mergulhá-la. Vexado com o comportamento de certas plantinhas em que estava realizando experiências, dizia: "Essas marotas fazem justamente o que eu não quero que façam". Encarava cada planta como uma personalidade

viva. Encantava-o a beleza de suas flores, a quem era reconhecido por essa "amabilidade". Tocava-lhes as pétalas delicadamente, com o infinito amor de um sábio e a admiração ingênua de uma criança.

Tinha temperamento de cristão, e no entanto recusava o nome de cristão. "Quanto a mim", dizia, "não creio que jamais tenha havido uma revelação". Não era ateu, porém, antes se considerava um agnóstico. Não tinha plena certeza de crer em Deus — declarava. Mas tinha plena certeza de acreditar no homem. "Creio que no futuro distante o homem será uma criatura muito mais perfeita do que é hoje". Quanto à imortalidade da alma individual, nesse ponto era um agnóstico. "O assunto" (da imortalidade), dizia, "está além do alcance do intelecto humano... Mas o homem pode cumprir o seu dever".

O seu dever pessoal, como ele o encarava, consistia em labutar infatigavelmente para trazer um pouco mais de luz aos seus semelhantes. E, como já vimos, labutava apesar de dois tremendos obstáculos — a riqueza, que tornava desnecessário trabalhar, e os padecimentos, que tornava quase impossível qualquer trabalho. Mas vencia esses obstáculos, graças à sua firmeza e à dedicação da mulher. Pois Emma Darwin, que ele imortalizou como "a melhor e mais bondosa das mulheres", era "a condição indispensável

para que pudesse suportar o esforço e prosseguir a peleja até o fim". Crente fervorosa nas doutrinas da Igreja Anglicana, ela não obstante se mantinha ao lado do marido agnóstico. Ajustava a própria vida ao ritmo vagaroso da existência de valetudinário de Darwin; encorajava-o sem o compelir, conservava-se ao par de suas experiências, corrigia-lhe as provas e reforçava-lhe os argumentos com palavras e frases incisivas. Acima de tudo, sempre que o marido estava doente ela o atendia com uma ternura corajosa que o fazia observar frequentemente: "Quase vale a pena adoecer para ser tratado por ti".

Mas Darwin retribuía à dedicação da

mulher com uma dedicação igualmente carinhosa. E a bela harmonia da vida de ambos espelhava-se no caráter dos filhos. Os Darwins eram uma família educada nas melhores tradições inglesas de alegria, generosidade e respeito mútuo.

O senso do respeito — isto é, o hábito da consideração pelos sentimentos dos outros — era o traço predominante do caráter de Darwin. Em sua última visita a Londres, aos 73 anos, Darwin foi acometido de um delíquio no momento de entrar em casa de um amigo. Este saíra, mas o mordomo, percebendo o estado de Darwin, insistiu com ele para que entrasse.

F I M .

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

1714 Cr\$ 125,00

1682 Cr\$ 180,00

4,5
5,5
6,5
7,5

Calçados ZÉLIA

1718 Cr\$ 180,00

1715 Cr\$ 125,00

Salto 1,5 Anabela

Temos em camurça e pelica e também em diversas cores

1711 Cr\$ 100,00

Aceitamos encomendas pelo Reembolso Postal

★

Av. Gomes Freire, 29-sob.
Telefone 22-2753 — RIO

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST.

1713 Cr\$ 100,00

O ENÍGMA DOS DOIS HOMENS IGUAIS

Belo e empolgante romance que se encontra no ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949. Além de muita matéria, variada e escolhida, por Cr\$ 15,00, o leitor adquire um grande romance e mais 12 contos ilustrados. Pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL



DRAGO

Nº33

Por Hogart

NUM ACESSO DE FÚRIA, O BARÃO ZODIACO MANDA MATAR DON RODRIGO E QUANDO STILETTO SE ADIANTA, PARA DEFENDER RODRIGO, TAMBÉM É ABATIDO A

TIROS
JA' PERDEMOS MUITO TEMPO!! JOGUE-OS NO RIO, HASS-ASSEIN!

VENHA COMIGO TOSCA. VAMOS PROCURAR DRAGO.

ESTOU CERTA DE QUE DRAGO NOS SEGUIU ATE' AQUI! SE HE-DESSEMOS UMA BOA ISCA, SERIA FACILMENTE CAPTURADO

O QUE SERA' A ISCA?

POSSO SUGERIR, BARÃO... NÓS MESMOS? VAMOS PARA O LABORATORIO. SE ELE ESTIVER POR AQUI, É CLARO QUE NÓS SEGUIRÁ!

QUANDO DRAGO VOLTA AO SUBMARINO, APOS A BREVE LUTA COM UM DOS MARUJOS...

ELAS ESTÃO SAINDO! AGORA PODEREI ENTRAR!

E VER O QUE O VERDADEIRO CARRETEL TEM A DIZER!

SEM DEMORA, DRAGO COLOCA O CARRETEL NA MAQUINA, AJUSTA A VELOCIDADE E UMA VOZ ANUNCIA.

"A GUERRA ESTÁ PERDIDA! NOSSAS CIDADES JAZEM EM RUINAS! OS NOSSOS PODEROSOS EXERCITOS ESTÃO DESTROÇADOS."

"MAS NÓS NOS ERGUEREMOS DAS CINZAS DA DERROTA. A NOSSA BOMBA ATÔMICA, DESCOBERTA TARDE DE, MAIS PARA SALVAR NOSSOS EXERCITOS, ESTÁ PRONTA. COM ELA, ABALAREMOS A ESTRUTURA DE TODA A CIVILIZAÇÃO!"

OS NOSSOS ALIADOS NOVOS—GUERRA FOME, DOENÇA, MORTE—MARCHAM PARA A FRENTE! RESSURGIREMOS DO CAOS PARA ALCANÇAR A VITÓRIA. ESTA É A OPERAÇÃO APOCALIPSE!"

"COMECARÁ NO HEMISFERIO OCIDENTAL. DOZE AGENTES DE CONFIANÇA ESTABELECERÃO BASES DE OPERAÇÕES EM PONTOS ESTRATÉGICOS. OS NOMES DELES CONSTITUEM UM SEGREDO, MAS TODOS SERÃO IDENTIFICADOS PELOS SIGNOS DO ZODIACO. E A AUTORIDADE SUPREMA QUE PRESIDIRÁ O CREPUSCULO DO HOMEM É O BARÃO ZODIACO!"

OPERAÇÃO APOCALIPSE! INCRÍVEL! QUE PLANO DIABÓLICO! É PRECISO PRENDER QUANTO ANTES, O BARÃO ZODIACO!

OH-OH!

O GRANDE DRAGO NEM NOS VIU! ESQUECEU-SE DE QUE PODERÍAMOS SEGUIR O RASTRO DO SEU CAVALO?

SOU O BARÃO ZODIACO. FICOU ALARMADO COMO QUE A CARA, DE OUVIR, NÃO É VERDADE? TALVEZ SEJA MELHOR CON-TAR-LHE TODO, ANTES DE... LIQUIDA-LO!

Capa: 1916, N. Y. Post Corp

6-16-76

DRAGO

Nº 34

Por Hogart

NA SALA DE CONTROLE DO SUBMARINO, DRAGO VOLTA-SE SUBITAMENTE E DEPARA COM O BARÃO ZODÍACO!



ENTÃO, MEU IMPETUOSO AMIGO, VOCÊ É DRAGO! HASS-ASSEIN, DESARME O NOSSO AMIGO... E DE-LHE OS VOTOS DE BOAS VINDAS À SUA MODA!



OBRIGADO POR TER TRAZIDO O CARRETIL! AGORA A MINHA AUTORIDADE É SUPREMA COM OS MEUS AGENTES ESPALHADOS POR DOIS CONTINENTES, ESTOU PRONTO A POR O PLANO EM EXECUÇÃO!

AUTORIDADE SUPREMA! QUE BOA BOLA!



NÃO ACREDITA? QUE PENA! TALVEZ ME DEIXE CONVENCÊ-LO... JÁ QUE ESTA' PRESTES A MORRER, JÁ OUVIU FALAR NO ATOL DE BIKINI?

O LUGAR ONDE A BOMBA ATÔMICA SERÁ EXPERIMENTADA?



JUSTAMENTE! TALVEZ LHE INTERESSE SABER QUE EU TAMBÉM TENHO UMA BOMBA ATÔMICA... MAIS PODEROSA DO QUE TODAS AS QUE EXISTEM! EXPERIMENTAREI A MINHA BOMBA NO ATOL DE BIKINI SOB AS VISTAS DA ESQUADRA AMERICANA! É UMA INSPIRAÇÃO DIGNA DE UM GRANDE ARTISTA, NÃO ACHA?



QUEM DESCONFIAVA DE QUE ELA VEIO DE OUTRA PARTE DO MUNDO NUM FOQUETE DE SUPER-VELOCIDADE... LANÇADO DE UM OBSERVATÓRIO DENTRO DO QUAL EXISTE PODEROSO CANHÃO? O MUNDO HÁ DE SE CURVAR AOS MEUS PÉS!

E VOCÊ JULGA POR ACASO QUE O RESTO DO MUNDO CRUZARÁ OS BRAÇOS, BARÃO?



BASTA! ESTOU FARTO DA SUA IMPERTINÊNCIA! VOCÊ, DRAGO, O ÚLTIMO DOS DEL OMBUS, VAI MORRER!

O ÚLTIMO? QUE FIZERAM VOCÊS COM MEU PAI?



ERA UM IMBECIL... E MORREU! NÃO TENHO PACIÊNCIA COM IDIÓTAS! PODE AGIR, HASS-ASSEIN.

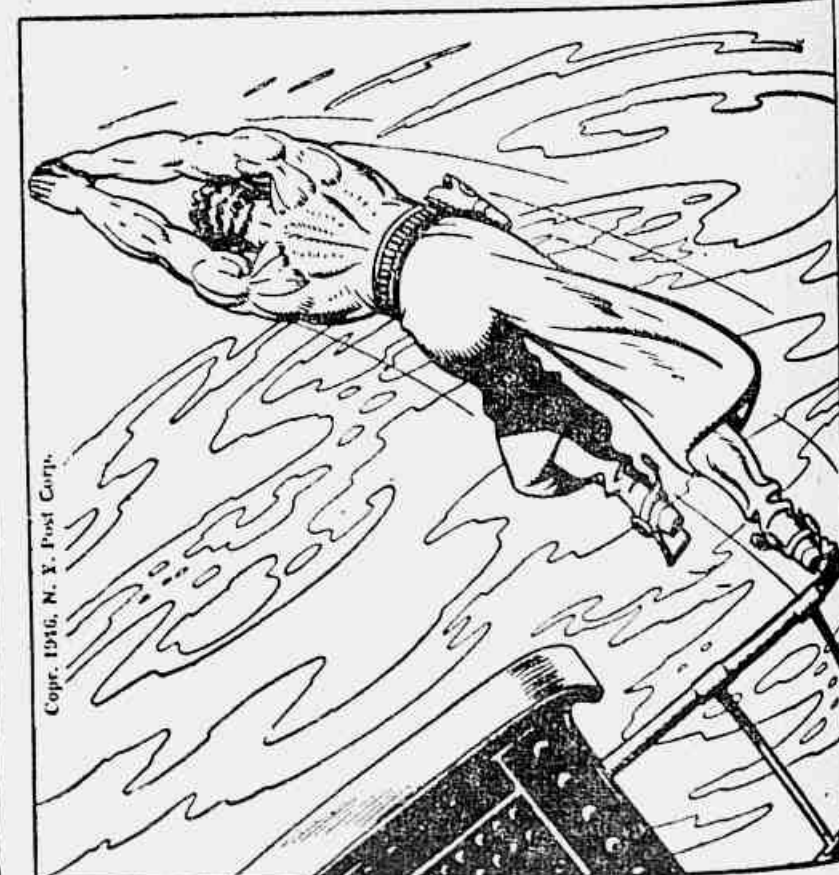
ESPERE! TODO CONDENADO TEM DIREITO A FAZER UM ÚLTIMO PEDIDO.



AQUI ESTÁ O MEU!



HEI DE PERSEGUI-LÓ, ESTEJA ONDE ESTIVER, BARÃO ZODÍACO! ADEUS!



Copyright 1946, N. Y. Post Corp.



Saúde do BEBÊ

Dr. Saboia Ribeiro

ALEITAMENTO ARTIFICIAL E SEUS PROBLEMAS

Quando falta o leite materno ou este se torna insuficiente ou contra-indicado à criação do bebê (fato aliás comum, por vários motivos), qual o critério a seguir na escolha de outro leite?

Na prática é o leite de vaca o preferido no aleitamento artificial, imposto por tais circunstâncias. Como então prepará-lo?

Procede-se do seguinte modo: Deixa-se o leite em repouso, 2 a 3 horas, cru, em recipiente de boca larga. Findo esse tempo, forma-se uma camada de creme ou gordura, que é retirada com uma colher. Só então é fervido, e conservado em lugar fresco (geladeira, melhor). O leite, assim, contém 1 a 2% de gordura e pode, à medida que se desenvolve a criança, ser engrossado, aos poucos, com farinhas. Adoçar as mamadeiras. Qualquer sinal de diarreia verificar a boa origem do leite e corrigir com uma boa farinha obstipante à base de arroz.

Do 6.º mês em diante, o leite pode ser dado puro, ou seja, sem a retirada prévia da gordura, como acima recomendado, porém se torna indispensável que se acrescentem farinhas. Privado destas, no alimento, é muito comum que o leite ocasione as conhecidas perturbações nutritivas da criança (prisão de ventre, anemia, ou mais tarde a diarreia); como quer que seja, raro permite um desenvolvimento verdadeiramente satisfatório da criança.

A privação de um alimento como as farinhas que tanto influem sobre a retenção dos materiais que entram na composição das células e sobre o estado de embebição dos colóides dos tecidos, tem que resultar sempre sumamente desfavorável para os processos de crescimento e da nutrição. Demais a mais são particularmente necessárias ao processo de digestão das gorduras, de modo que sua introdução na alimentação artificial, qualquer que seja a idade da criança, é em todos os casos indispensável.

A prática atual é, além de leite e farinhas, a partir do 6.º mês, dar suco de frutas ou de legumes (cenoura, tomate) à criança, e ao mesmo tempo instituir as papinhas de consistência variável à base de malte etc. (no comércio são muitas as boas farinhas maltadas). Já ao 8.º as sopinhas com algum sal entrarão sempre, orientado o seu preparo para que não possam ensejar distúrbios intestinais. As refeições, ao início do 7.º mês já serão reduzidas para 5: às 7, 10, 13 horas etc. No 8.º mês, a sopinha substituirá a mamadeira das 14 horas. No 9.º, uma será dada às 10 horas; outra às 16, e nos demais tempos a mamadeira. A relutância na aceitação das sopinhas da parte da criança é muito comum; mas se deve insistir em vencê-la, até pela fome da criança, com arte e jeito.

Os diferentes leites animais não oferecem a mesma composição do humano e daí menor tolerância, tanta vez patenteada nos distúrbios gastrointestinais do bebê. Além da qualidade da sua gordura — fonte frequente de fermentações intestinais — acresce, por outro lado, que nem sempre é isento de germes geradores de infecções (disenterias).

A diferença de composição dos leites animais aparece nitidamente no quadro abaixo:

	Albuminas	Gorduras	Hidratos de carbono	Sais	Água
Mulher	1,6	3,4	6,1	2	88,7%
Vaca	3,5	3,7	4,9	7	87,2%
Cabra	3,7	4,3	3,6	8	87,6%

A razão destas variações é que cada espécie animal tem a sua curva de crescimento própria, sendo o leite a cada uma adequado. A rapidez do crescimento, variando de uma para outra espécie, deve a cada uma, naturalmente, corresponder a composição do leite de sua espécie. Com relação ao organismo humano, o leite específico é o materno, o qual lhe permite dobrar de peso ao fim do 6.º mês.

Ora, com o leite de cabra, ou de vaca, por exemplo, a criança já duplicou de peso aos 22 e 47 dias, porém isso, evidentemente, às custas de uma sobrecarga de seu aparelho digestivo.

Até o 6.º mês, é absolutamente necessário um prévio preparo do leite de vaca. As maiores diferenças entre esse leite e o humano estão, precisamente, nas albuminas e na sua gordura, as primeiras de quantidade, as últimas de qualidade. Para digerir as primeiras, aumentadas, poucas crianças dispõem de bom aparelho digestivo e até o 3.º mês raras. E as gorduras do leite de vaca, se não vêm corrigidas no preparo das mamadeiras (as farinhas são indispensáveis para isso), a miude vão produzir dispepsias, sobretudo não sendo observado horário e as mamadeiras sendo demasiadas (as crianças nunca devem ingerir mamadeiras que excedem de 180 c.c.).

Por tudo isso o leite de vaca, no aleitamento, nunca dispensa um prévio preparo, que lhe melhore a digestibilidade. Somente acontece que os diferentes métodos conducentes a esse fim, nem sempre escapam aos insucessos, com reflexos sobre a nutrição do bebê.

Aliás, a prática moderna da pediatria não visa mais, como outrora, igualar o leite animal ao materno, senão prepará-lo sempre, por forma que os processos da digestão não propendam nem para as putrefações nem para as fermentações ou, o que dá no mesmo, nem para a prisão de ventre nem para a diarreia.

O horário é condição absolutamente indispensável na prática do aleitamento artificial. As vitaminas serão instituídas por volta do 4.º/5.º mês (suco de frutas). Mais tarde, legumes, féculas.

Não é preciso dizer que as mamadeiras devem cobrir as quotas necessárias à boa nutrição da criança e que sua composição esteja sempre em relação com o peso da criança.

Repetindo certa noção, que já divulgamos, o leite deve corresponder, sempre, ao décimo do peso normal da criança, a água outro tanto, e a farinha e açúcar, 1 colherinha de cada por 100 gramas da mistura leite-água. Mas a quantidade dessa mistura não deve exceder de 900 gramas, reduzindo-se a água apenas o suficiente para igualar a isso, sempre que possa exceder.

Isso (convém ser esclarecido) quantidades para um dia, de modo que no preparo isolado de cada mamadeira, devem ser guardadas as proporções.



NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO — Vemos acima um flagrante tomado no decorrer do baile de formatura das professorandas do Instituto de Educação. Aparecem o professor César Dacorso Netto, paraninfo da recente turma de diplomadas, e sua afilhada, a professoranda Dêze d'Avila Garcez; na foto em baixo, as senhoritas Maria Marques da Cruz e Nilda da Silva Oliveira, diplomadas na mesma turma, na tradicional festa realizada nos salões do Ginástico Português





CACHORRO É GENTE?

Por ARTHUR BARTLETT

NA próxima vez em que seu cãozinho o surpreender com aquelas "esquisitices", continue a observá-lo. Ele talvez seja um "temperamental" ou um "tímido", vítima de "emoções frustradas"... isto é: o animalzinho tem personalidade! Pelo menos é o que afirmam cientistas norte-americanos.

Um laboratório dos Estados Unidos é mundialmente famoso por seus estudos, análises e experimentação sobre fatores hereditários do espécime humano, buscando, com isso, a solução para numerosos problemas de ordem social. Há três longos anos, os cientistas que ali trabalham vêm tentando desvendar os segredos da natureza humana, em função do temperamento das criaturas e seu comportamento social.

Esses estudos vêm sendo, ultimamente, orientados no sentido de se determinar a mesma relação com referência aos seres chamados irracionais. Apesar de estarem os pesquisadores hoje apenas começando a responder às primeiras indagações, já podem, contudo, afirmar: cada cachorro possui uma individualidade distinta.

DO DINAMARQUEES AO "VIRA-LATA"

Hamilton Station, que foi construída para fazenda de gado de um milionário californiano, hoje em dia é, todavia, uma "cidade de cachorros", com uma população de 150 habitantes, em constante crescimento. Os 22 reprodutores "puro sangue" dessa comunidade vão desde o extraordinário cão Dinamarquês ao mais legítimo exemplar da raça... "vira-latas", incluindo-se, ainda, algumas raças das quais, provavelmente, jamais se ouviu falar, como, por exemplo, os que aparecem no clichê que encima esta reportagem, e que não são "Dackhounds", como podem parecer à primeira vista, mas sim lindos mestiços "basset-caçador".

No dia em que ali estivemos, "Duke" — um Doberman — um canzárrão mal encarado — estava observando o trabalho de dois carpinteiros que consertavam o portão de sua residência: os dois profissionais também o estavam "observando", não muito tranquilos com a presença de semelhante companhia. De repente, por um descuido qualquer, eis que escapa das mãos de um deles um pesado martelo, que se foi projetar a alguma distância. Imediatamente, Duke precipitou-se sobre a referida peça e abocanhou-a, ferozmente, de um só golpe. Os dois homens, apavorados, gritaram, procurando lugar seguro para se abrigarem. Surge em cena, então, um menino de seus oito anos — filho de um dos assistentes — corre em direção do animal, retira calmamente o martelo de suas mandíbulas e devolve-o ao legítimo dono; volta depois a se pôr a acariciar com pancadinhas amigas a cabeça de

Duke. Este, ao que parece, satisfeito, sentou-se sobre as patas traseiras e deixou-se ficar naquele enlévo. Apenas um "monstro" com um coração de ouro.

O "COMPLEXO" DE JINGA

Um dos exemplares mais curiosos foi o encontrado num Basenji, chamado Jinga. Jinga estava deitado em seu canil, de costas para nós, e nem ao menos se voltou quando Miss Dubois — a encarregada daquele setor — penetrou em sua jaula, para uma providência qualquer. Quando ela se preparava para sair, passando junto ao cão, este levantou-se e acompanhou-lhe os passos, sempre procurando ocultar-se atrás da mocinha. Em dado momento, já agora junto ao portão, Jinga, com auxílio dos dentes, levantou a aba do "guarda-pó" de Miss Dubois, e enfiou a cabeça ali debaixo, e apesar disso ainda conservava os olhos fechados!...

— "Ele sempre faz assim!" — dizia-me Miss Dubois. E ante nossa admiração: — "São emoções frustradas"...

BOOLIE — O RESERVADO

Boolie é um enorme cão da raça Afgã. Quando Miss Dubois abriu o portão de seu canil e o chamou para o passeio costumeiro em companhia de outros animais que o estavam aguardando — Boolie não demonstrou nenhuma satisfação nisso. Saiu vagarosamente da jaula e deixou-se ficar por último, jamais se juntando ao grupo. A encarregada, então, mostrou-lhe um biscoito, desses que são a delícia de qualquer cachorro — e jogou-o em sua direção. Aconteceu, porém, que Mitisi — um cão-de-água — mais esperto, correu e abocanhou a sobremesa antes que Boolie se animasse a fazê-lo. Fato que, absolutamente, não o abalou, pois que apenas se limitou a rosnar baixinho, e o fez — supomos — por desengano de consciência, sem nenhum entusiasmo ou intenção de reaver o que era seu.

— "Este é muito reservado" — estava nos dizendo Miss Dubois, embora aquela inexplicável atitude de Boolie nos parecesse uma demonstração de evidente covardia... canina.

Em muitas outras qualidades de raças tivemos oportunidade de observar as características próprias de cada animal, suas "manias", caprichos, etc., prova incontestante de personalidade distinta.

Dexdo era um francesinho do tipo "temperamental"; Joe — um Dalmatian, calmo e paciente; Jean — mestiço "cão-de-água-perdigueiro", brincalhão e afetuoso.

ESCOLA PARA CÃES

— "Todos os cães têm personalidade" — repetia-nos o dr. Clarence Cook Little, famoso cientista, fundador a

diretor do Laboratório. — "Todavia, não basta apenas a observação meramente casual de certas atitudes desses animais, para se afirmar tal coisa". Houve necessidade de se comprovar tal fato, estabelecendo-se para isso um programa de pesquisas rigorosamente controladas. O Laboratório mantém uma "escola para cães", onde os mesmos são submetidos a testes especiais, com o objetivo de demonstrar, pelo estudo de suas reações instintivas, o grau de adiantamento de sua "inteligência", determinar a origem de seus "caprichos", e as principais características relacionadas com os fatores da hereditariedade.

Uma equipe de observadores estuda cuidadosamente as reações desses animais, em todas as situações possíveis, anotando e registrando os latidos, rosnidos e movimentos de cauda. Para esse fim o Laboratório está modernamente aparelhado. Dispositivos eletrônicos e outros instrumentos ajudam os cientistas nessa laboriosa tarefa. Essas pesquisas levaram aqueles observadores a admitir, como ponto de partida, uma conclusão básica positiva: não há dois cães iguais, nem mesmo os de idêntica raça, filhos dos mesmos pais. Há alguns anos atrás o dr. Little — que foi também diretor da Universidade de Michigan — separou alguns exemplares de cães, para estudo das características da cor do pelo. Entre estes havia duas espécies de Dackhounds, de origem diversa. Todos os descendentes da primeira linha eram — e ainda hoje assim se conservam — inteligentes e afeiçoados; os do outro grupo, entretanto, resultaram tímidos e pouco comunicativos. Isto, para os genetistas tem grande significação. Quer dizer, por exemplo, que o mau tratamento dado ao cão pode tornar seus descendentes bravios.

Era um campo vasto para estudos — a genética do comportamento dos cães — que cientista algum havia ainda explorado convenientemente. Mas um jovem recém-formado por Wabash College, no Indiana, dr. J. P. Scott, interessou-se vivamente pelo assunto, a princípio com o objetivo de investigar as causas da hidrofobia. O dr. Little convidou-o para a sua organização, estabelecendo, então, um programa de intensas pesquisas naquele setor.

OS CÃES DESCENDEM DOS LÓBOS

Os cães — e todos os cientistas são acordes nesse ponto — descendem diretamente dos lobos. Através de séculos, os representantes daquela primitiva estirpe evoluíram talvez mais do que qualquer outra espécie animal, sofrendo, na eterna luta pela sobrevivência, as poderosas influências do meio ambiente, selecionando-se instintivamente. Os nossos remotos ancestrais tomaram a si a tarefa de domesticar o lobo, procurando tirar partido de sua extraordinária habilidade na procura de alimento. O cão de nossos dias é o produto da seleção em suas diferentes modalidades. Há os cães-de-caça, que se caracterizam pela agudeza de faro; os "terriers", pela constante vigilância; os Basenjis (cães-de-caça africanos), pela agressividade — características essas que, reunidas, nos dão idéia do lobo primitivo.

QUAL A MELHOR RAÇA?

Para os cientistas americanos três raças podem ser consideradas como as mais representativas de toda a espécie. São elas: "fox-terrier", muito agressiva e grandemente afeiçoada ao homem; Basenjis, agressiva porém não afeiçoada; e Beagl, afeiçoada, porém muito mais tímida que agressiva.

Quando perguntamos ao dr. J. P. Scott qual a melhor raça, ele e todos os demais cientistas a quem dirigimos a mesma pergunta, se perdem em considerações a respeito dos méritos de cada uma delas, evitando, prudentemente, a menção de um nome que pudesse ser identificado como a "raça superior". Um deles, entretanto, foi mais longe na apreciação, chegando mesmo a dizer, ao apontar para "Sugar" — lindo exemplar de cão-de-água — que "supunha que talvez fosse" um dos representantes da raça mais inteligente. Foi o bastante para que "Sugar", no momento ocupado com o seu "breakfast", metesse a pata, sem nenhum respeito ao protocolo, dentro do prato, espalhando quase toda a refeição em torno, numa inequívoca demonstração de falta de educação... canina.

A MORAL HUMANA E A MORAL CANINA

A concepção humana de moral repugnam como esforço inútil e vão as tentativas no sentido de "forçar" todo mundo a padrões abstratos de comportamento, recomendando-se, antes, ou melhor, ao invés, experimentar uma variedade de aprendizagem capaz de proporcionar melhores características a qualquer indivíduo, que das mesmas possa tirar partido.

Recente e não previsto sucesso serviu para ilustrar, de maneira objetiva, a regra acima, lembrando, outrossim, aos cientistas que tanto os bons como os maus predicados podem ser herdados.

Dois cadelinhas escocesas se desencaminharam numa "visita" à Fazenda Milburn, nos arredores do Jackson Memorial. Ora, para tal empreendimento é de admitir-se não haver sido providenciado nenhum ensaio programado pelo Laboratório. Como resultado, o orçamento da casa ficou onerado com a despesa "extra" de 13 pimpolhos rechunchados...



VIDA LITERÁRIA

CENTENÁRIO DA MORTE DE EDGARD ALLAN POE

EDGAR ALLAN POE, o poeta do fantástico, do dantesco, do tenebrosamente trágico, nasceu em 1809 e morreu em 1849, celebrando-se agora em todo o mundo civilizado o primeiro século de seu desaparecimento. O lúgubre autor de "O Corvo", poema que todos os povos conhecem, não chegou a conhecer bem os pais. Eram artistas errantes, representando a arte popular do teatro ligeiro, da comédia humilde em pequenas cidades do interior dos Estados Unidos.

O pequeno constituía um obstáculo para seu transporte, os ensaios, as apresentações, as hospedagens. Um dia os pais resolveram abandonar o garotinho à sorte que Deus permitisse. Enjeitaram-no. Um rico proprietário o recebeu na mais negra miséria. Seu pai adotivo tinha o nome de John Allan, de quem Edgar herdou o sobrenome.

Ainda era muito jovem quando seu protetor percebeu que aquela criança não podia ficar na vida comercial. Sua inclinação para as letras era impetuosa, fazendo-se necessário que o menino cursasse um educandário de primeira ordem.

Preparou-o convenientemente e o mandou para a Inglaterra, não poupando recursos para instruí-lo. Matriculou-se na Universidade de Charlottesville, onde demonstrou grande capacidade intelectual, mas não ficou ali mais que um ano, em virtude de seu mau procedimento, indisciplina, estouvamentos.

Todos os seus colegas e mestres lamentaram essa circunstância, pois as provas que dera de invulgar inteligência o tornaram admirado de quantos conviviam ao seu lado.

Em virtude do insucesso universitário, John Allan mandou buscá-lo para Baltimore, sua terra natal, e onde o protetor possuía escritórios comerciais. Talvez o jovem intelectual se adaptasse à vida dos números, das faturas, da correspondência mercantil, das partidas dobradas.

Durou pouco tempo a experiência. Edgar Allan Poe não dava para tal vida. Sua vasta e negra cabeleira, testa ampla e sonhadora, olhos fulgurantes como dois sóis, eram denunciadores de um gênio que ali se ocultava, prestes a alçar vãos alcandorados pelas regiões do sonho e da quimera.

E o rapaz, contrariando a vontade do pai de criação,

deixou o escritório e resolveu matricular-se na Escola Militar de West Point, entrando na vida militar. Outra tentativa frustrada. Não tinha formação espiritual para a disciplina da caserna. Era um rebelde. Logo após sua entrada foi expulso. Tinha ele vinte e dois anos.

E lançou-se ao mundo, com a sua responsabilidade pessoal. Nova York era o seu objetivo. Ali encontraria meios para viver. Sua inclinação era a literatura. Iria viver dela. Publicou então um livro de versos, "Poemas", contendo verdadeiras obras-primas, mas que, como era natural, passou despercebido.

Não conseguindo firmar-se em Nova York, voltou a Richmond, onde se abria um concurso literário com prêmios de cem dólares. Inscreve-se no mesmo e ganha dois prêmios no total de duzentos dólares.

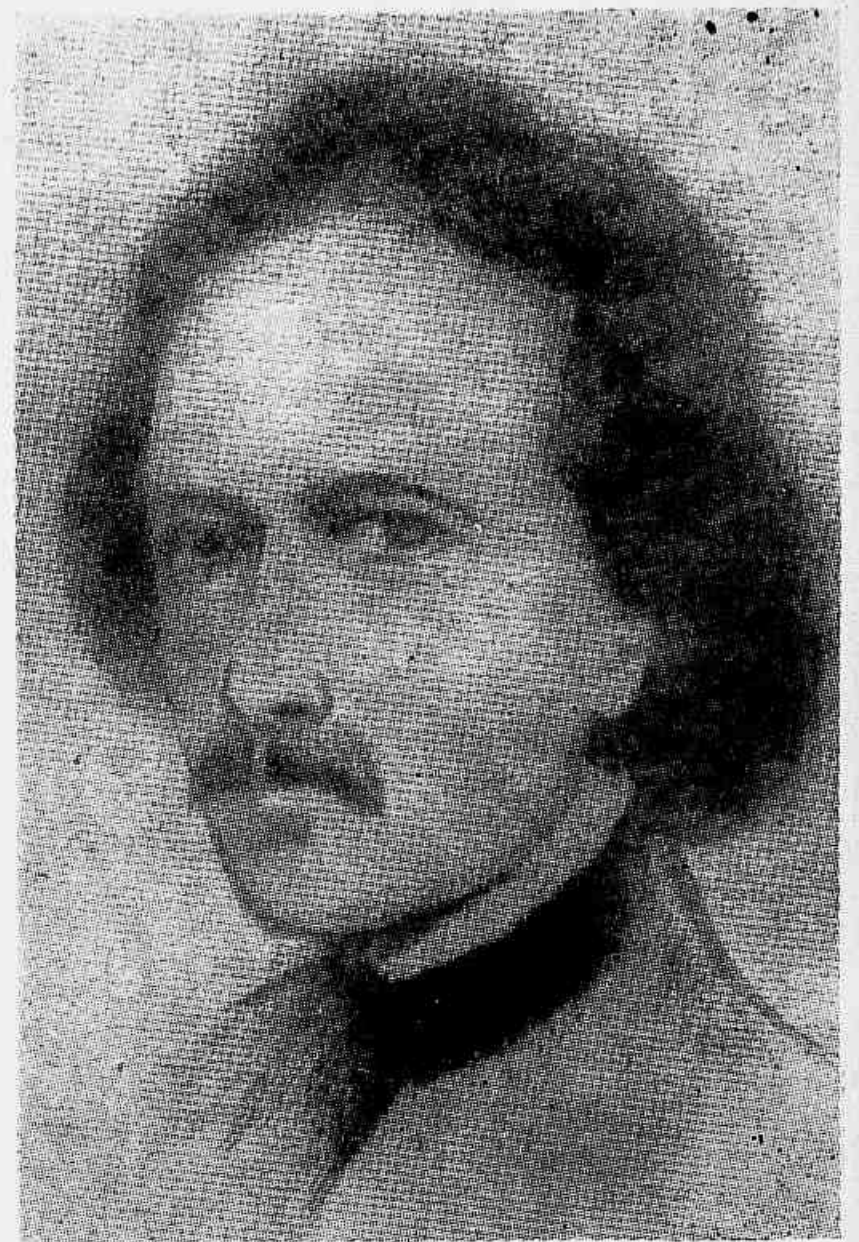
Os diretores do jornal "Southern Literary Messenger" lhe disputam a colaboração e ele é nomeado diretor do órgão.

A esse tempo Poe estava amando uma "girl", sua prima, Virginie Clemm, com a qual se casa em 1836. Foi o início de toda a sua ruína moral e financeira.

Seus extenuantes trabalhos mentais o esgotavam, e ele, incontinenti como sempre foi, conheceu a mais negra miséria. Recorreu ao falso refúgio do álcool, bebendo cada vez mais, passando a alcoólata inveterado, esquecendo o real, entregando-se inteiramente ao delírio de concepções fantásticas.

Tudo o que o seu imenso talento conquistava era destruído pela intemperança. Amigos, protetores, colegas, o admiravam. Conhecidos e desconhecidos o aplaudiam festivamente; mas... o vício da embriaguez, a indisciplina do espírito, o estouvamento de seu gênio, destruíam toda a obra cordial que a amizade edificava.

Como se não bastassem todas as vicissitudes de uma vida desordenada e atribulada, morreu-lhe a esposa em 1847. Desesperado, enfermo, atacado de acessos de delírium tremens, houve um momento em que parecia ter recobrado a normalidade da vida, chegando a ponto de enamorar-se de uma senhora já idosa e muito rica que também se apaixonara por ele. Mas, infelizmente, essa réstia de luz na negra noite de sua vida tumultuosa, não passou de fugaz claridade de falso fogo de Santelmo.



Uma das mais divulgadas cabeças de Allan Poe, cujo desenho, segundo afirmam é de sua própria autoria, quando tinha vinte e cinco anos de idade

E numa fria manhã é ele encontrado agonizante à porta de uma taberna de Baltimore, onde havia passado a noite em libações.

A vida de Edgar Allan Poe é um espelho de seu gênio. Tormentosa, cruelmente dolorosa, aflita, repleta de sonhos produzidos por infernais concepções poéticas. Sua força de descrição transmite aos leitores a impressão do maravilhoso, do fantástico, num poder de imaginação que espanta.

Não somente se celebrizou pela poesia. Foi um prosador de excelsos recursos de imagens e agilidade verbal. Seus contos alcançaram justa fama de notoriedade, traduzidos em várias línguas. Baudelaire foi o seu grande tradutor em francês. No jornalismo os seus artigos de crítica ficaram assinalados como marcos indelévels pela lógica e pela mais funda penetração. Suas poesias tiveram em Gabriel Mourey um fiel intérprete e tradutor. Menos numerosos os seus poemas do que a produção em prosa em cuja seara estão colocadas as famosas cartas, do gênio poético ficou uma obra-prima que o mundo inteiro conhece: "O Corvo". E' um poema estranho e admirável que reflete a alma torturada do poeta de Baltimore.

Suas "Cartas" constituem, entretanto, um dos grandes motivos de atração dos estudiosos do famoso escritor. Dentre outras edições registra-se a de John Ward Ostrom, volume com 644 páginas, a publicação das "Memórias" por Rufus Griswold e as "Obras Completas" de James A. Harrison.

Esse documentário preciosíssimo de Poe, abrange o largo período de 1824, quando tinha ele apenas 15 anos de idade, até setembro de 1849, poucas semanas antes de sua morte. E' por esse repositório de sua própria vida íntima que conhecemos as discussões epistolares com seu protetor John Allan, as torturas espirituais de sua vida, seus amores, seus sonhos, seus devaneios, seus conflitos, sua batalha com a vida e com os homens.

Ocorrendo agora o primeiro centenário de sua morte, editores e escritores lançarão a público outras séries de biografias e estudos sobre a vida do grande beletista. Era ele também, ao que parece, um artista do pincel, pois deixou retratos que, segundo afirmam autoridades, são obras executadas por ele mesmo, auto-retratos de impecável perfeição artística.

E' crença geral que ainda não se chegou totalmente a conhecer a natureza do escritor, pela falta de outras cartas ainda não publicadas.

Até hoje foram dadas à estampa em livros, biografias, folhetos e periódicos, nada menos de 339 cartas. Mas, evidentemente, há ainda muita coisa a catalogar.

Sua correspondência conhecida abrange nada menos que um quarto de século. Refere-se a variados assuntos, variando em caráter e em forma. Muitas dessas cartas são dirigidas a escritores então famosos, outras a figuras literárias do dia, várias sobre assuntos pessoais.

No meio dessas há suas missivas a John Allan, pelas quais podemos ver a crescente incompatibilidade entre o altivo jovem e o pai adotivo.

Com a passagem desse primeiro centenário de sua morte, é possível que se movimentem os analistas, os críticos e editores, e a estranha e quase mística figura de Edgar Allan Poe se projete cada vez mais, na sua pureza e veracidade espiritual. Dentre as homenagens que lhe foram tributadas, salienta-se a de Duhamel no título do último volume do seu ciclo de "Salavin": "Tel qu'en lui mème", e que o romancista pedira emprestado ao famoso poema de Mallarmé, "O túmulo de Edgar Poe", e sugere que somente com sua morte se revela o verdadeiro eu de Poe, incompreendido por todos enquanto vivia.



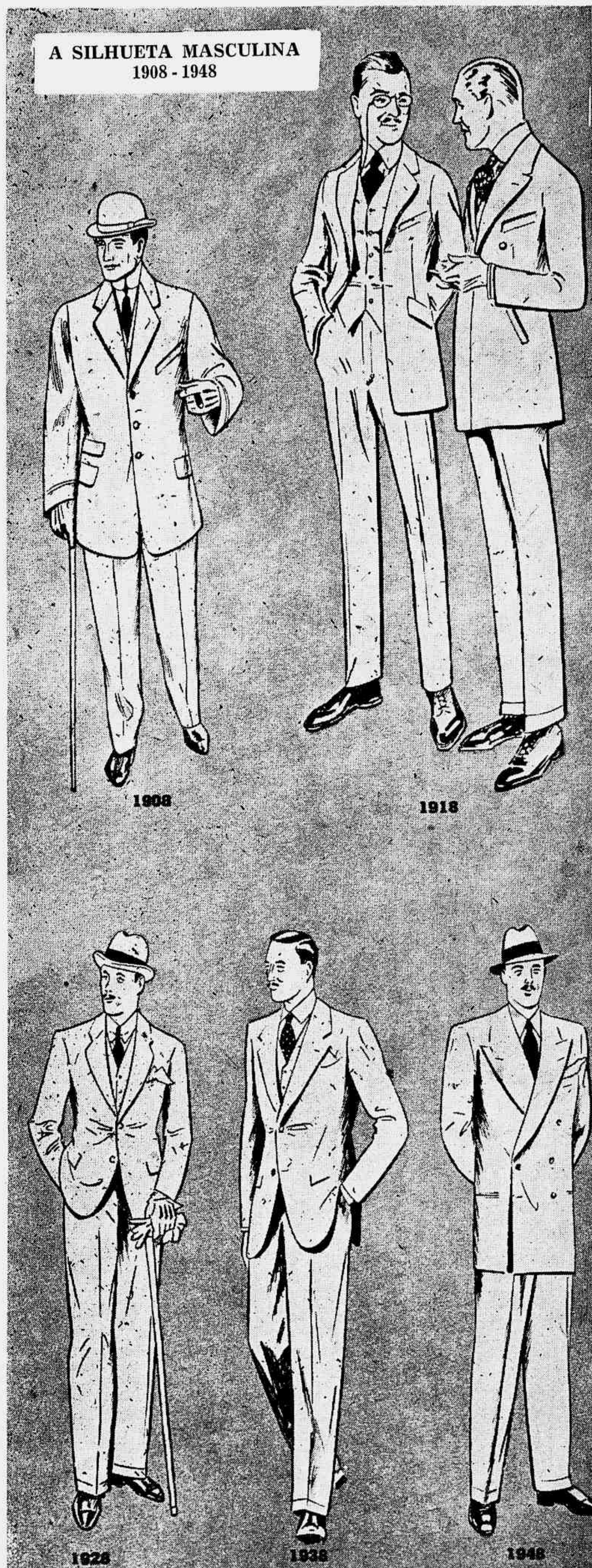
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1948

gravura acima vemos o poeta inglês T. S. Eliot, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, numa cerimônia em Estocolmo, capital da Suécia, sob os aplausos de aristocrática assistência, destacando-se dentre os presentes os membros da Corôa Real daquele país, o Príncipe Gustavo e a Princesa Sibylla que felicitam o homenageado

Não houve, em 1948, Prêmio Nobel da Paz; entretanto, todos os demais foram conferidos. Na

SO' PARA HOMENS: O "OLD LOOK"...

A SILHUETA MASCULINA
1908 - 1948



Estas foram as transformações porque passou a silhueta masculina durante estes últimos quarenta anos, de mil novecentos e oito a mil novecentos e quarenta e oito, transformações sensíveis e bem marcantes, que paulatinamente transformaram a vestimenta dos homens

EM QUE SE PARECE A SILHUETA DO HOMEM DE 1908 COM A DO DE 1948? ★ A INFLUÊNCIA DA GUERRA NA EVOLUÇÃO DA MODA MASCULINA ★ A RAZÃO DO USO DAS GRAVATAS CHEIAS DE "COBRAS E LAGARTOS"

Por SAM BOAL

SERÁ que a moda masculina também tem evoluído? Em que se parece a silhueta do homem de 1908 com a do de 1948? Qual a função da bainha da calça? E da lapela do paletó? Por que o "grãfino" de hoje usa gravatas de cores tão berrantes? Qual a razão de sua estranha predileção para o "azul-marinho"? Que causa determinou a enorme aceitação do "slack"?

Que aparência terá o homem daqui a dez anos?

Para responder a essas e a muitas outras perguntas semelhantes, o autor dessas linhas disfarçou-se convenientemente e penetrou furtivo no "quartel-general" dos ditadores da moda masculina americana — Nova York, centro nervoso dessa indústria de milhões.

Todos os cantos foram por mim esquadrihados. Desde os grandes atacadistas de tecidos e figurinistas de fama até o mais modesto alfaiate suburbano. E a todos eles formulei as mesmas perguntas. Falei com homens que em toda sua vida outra coisa não fizeram senão fabricar camisas brancas; e a outros que se dedicam exclusivamente em fabricá-las riscadas. Conversei com muitos que acham que o homem jamais usou tanta variedade de cores em suas vestimentas e outros que pensam diversamente, alegando que ele tem ojeriza pelas cores berrantes — tão do agrado das filhas de Eva — pelo simples motivo de ser homem mesmo...

De tudo isso, cheguei à conclusão de que não parece fácil determinar as causas principais da evolução lenta da moda masculina.

De um modo geral, porém, uma conclusão é evidente: a moda feminina evolui revolucionariamente; enquanto que a do homem se processa paulatinamente...

★

E' certo, entretanto, que o homem se veste hoje muito mais diferentemente do que o fazia há 20 anos atrás. Seus ternos são mais folgados; os talhes mais elegantes; os padrões mais vivos; os colarinhos muito mais confortáveis. Os sapatos, via de regra, mais cômodos. A causa principal desses melhoramentos parece ter sido a conveniência.

Um dos mais afamados alfaiates novayorkinos assim resumiu seu ponto de vista a respeito da moda masculina: "Antigamente nós vestíamos o homem; hoje, apenas o cobrimos..."

Mas essa opinião, evidentemente, não responde a todas as perguntas. Nenhum deles conseguiu explicar a razão por que os paletós continuam a ser confeccionados com as indefectíveis lapelas... cuja função até hoje é desconhecida. Há três anos atrás — contaram-me — apareceu numa vitrine de Nova York um paletó sem lapelas... Os homens olharam-no com curiosidade, porém nenhum deles demonstrou o menor interesse em usá-lo... Também não me foi explicada a utilidade que tem a bainha da calça... a não ser para aparar pontas de cigarros, ou algum níquel travesso que nos escape da mão... No entanto, entra ano, sai ano — e a bainha ali continua...

Num ponto de vista, apenas, todos eles são unânimes em concordar: — a questão do preço da roupa; que por mais cara que seja, jamais chega a atingir as fabulosas quantias que as mulheres gastam para se vestir... E um deles a esse respeito assim se expressou: "Numa mulher — como num cabide — você pode pendurar, não incluindo as jóias, naturalmente, cerca de 25.000 dólares de roupas — no homem, duvido que possa ultrapassar os 750 dólares"...

O número de mulheres em todo os Estados Unidos é, mais ou menos, o mesmo que o de homens. Em 1947, segundo as estatísticas comerciais, as mulheres gastaram em vestidos cerca de 12 bilhões de dólares, enquanto que os homens despenderam apenas 5 milhões e meio...

Mas, voltemos às calças... Em 1942, durante a guerra, o Bureau de Produção ordenou aos fabricantes de roupas que observassem a mais estrita economia na confecção da indumentária masculina. Mandou que se encurtasse os sobretudos; que se eliminasse as pregas dos paletós; que se diminuísse a largura das bocas de calça — em suma, que se abolisse tudo o que parecesse desnecessário... Os fabricantes obedeceram; muitos deles receosos de que a moda pegasse... Terminada a guerra, porém, os sobretudos voltaram ao seu antigo comprimento, as pregas dos paletós reapareceram, e apenas a largura da boca da calça é que parece resistir...

E agora passemos ao adorno de todo mais inútil...

Qual a razão das gravatas berrantes? Outra consequência da guerra. Os padrões das gravatas usadas antes de 1939 eram impressos nos tecidos por meio de cilindros de cobre. Quando o cobre veio a ser incluído na lista de materiais estratégicos, os fabricantes de gravatas foram obrigados a usar processos diferentes para estampá-las; e a dificuldade maior era encontrar padrões adequados, com a sobriedade de cores da outrora. O primeiro resultado obtido foi esse estampado bisonho. Mas... o homem viu, em todas as lojas que entrava, as mesmas gravatas, cheias de "cobras e lagartos". Não teve remédio, então, senão comprá-las.

A guerra também parece ter sido a responsável pela extraordinária procura que vêm obtendo os tecidos de cor azul-marinho. Durante o período do racionamento — e como o maior número de convocados norte-americanos foi o que reuniu a Marinha — a casimira azul-marinha desapareceu do mercado. Somente agora, normalizada a situação, as lojas voltaram a exhibir fazendas daquela cor, e, como o azul-marinho parece também de discrição única, daí a razão aparente dessa preferência.

Quanto ao uso generalizado do "slack", a sua popularidade está francamente explicada pela extrema conveniência que traz, com seu talhe folgado, para a prática de esportes e... como um bom substituto para o terno da missa...

Essas foram as principais conquistas da moda masculina durante o período que precedeu a guerra até nossos dias...

Nenhum prognóstico, entretanto, quiseram arriscar os homens que dirigem a moda relativamente à aparência que terá a indumentária masculina daqui por diante.

Ouvi, de um deles, a interessante história de um jovem alfaiate de Hamburgo que resolveu lançar na Alemanha, durante a guerra, uma vestimenta cômoda, prática e revolucionária. Era uma espécie de macacão, com fecho "éclair", de talhe elegante, tendo nas costas dois botões, dissimulados pela gola, para adaptar um capuz de inverno, como as capas femininas. A intenção do jovem alfaiate era evidentemente tornar mais cômoda e prática a indumentária; todavia, ele mesmo ao se olhar no espelho, com tal aparato, desistiu de propagar a sua idéia...



DISTINÇÃO, ELEGÂNCIA E CONFORTO...

desde a entrada e as escadas até os dormitórios, com as forrações de passadeira em relêvo, em côres e desenhos de grande beleza



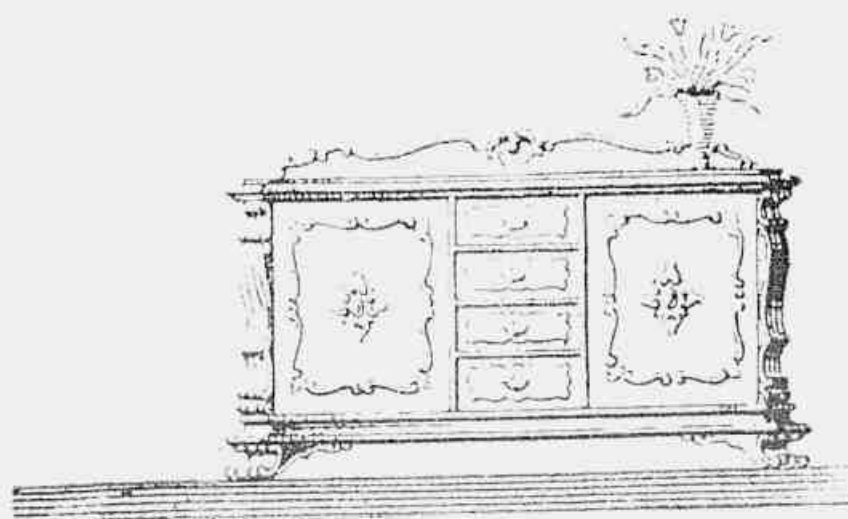
Grande e variado sortimento de TAPÊTES franceses, ingleses, orientais, portugueses e nacionais em tôdas as côres e tamanho

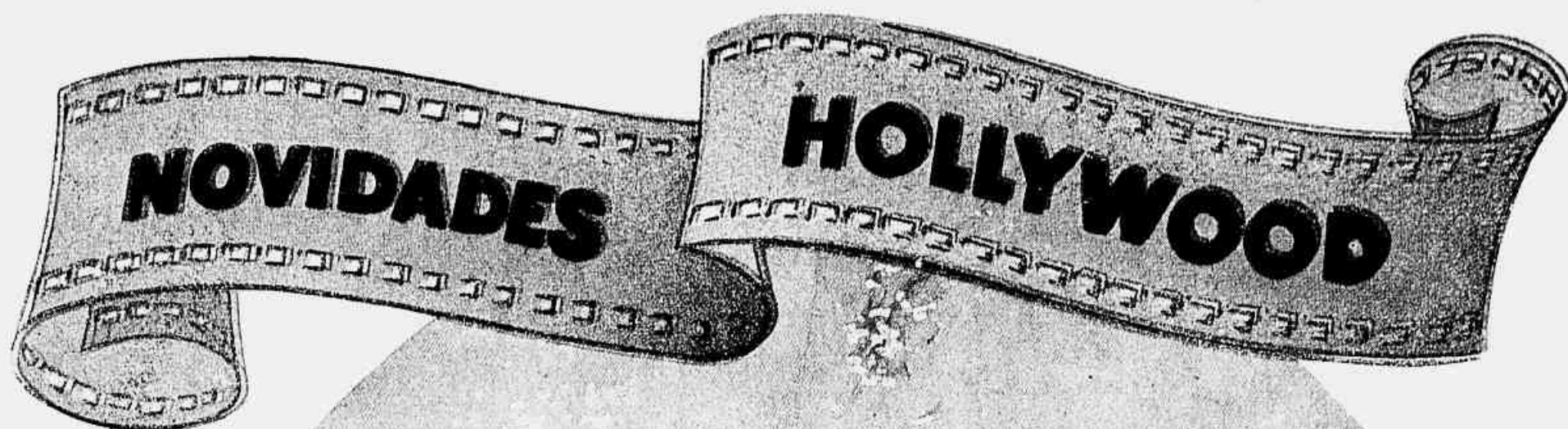
MOVEIS DECORAÇÕES TAPEÇARIAS

ORÇAMENTOS • E • PROJETOS • SEM • COMPROMISSO



• 65 • RUA DA CARIOCA • 67 •
• RIO •





Hollywood - Calif. — Está despertando o maior interesse em Hollywood o novo filme da Metro Goldwyn Mayer — "Sua Espôsa e o Mundo", com Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone. O filme é dirigido por Frank Capra e será brevemente lançado no Brasil.

Quando artistas como Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson ou Angela Lansbury escolhem um cigarro, não é o preço que os atrai, mas a *qualidade*! E é por isso que preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Você está certo escolhendo Hollywood!

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz